

Michael Reeves

Deleitando-se
Na
Trindade

Deleitando-se na Trindade
Uma introdução à fé cristã

Michael Reeves

Copyright © 2012 de Michael Reeves
Publicado originalmente em inglês sob o título
The Good God: Enjoying Father, Son and Spirit
pela Paternoster Press — uma divisão da Authentic Media Limited,
Milton Keynes, MK8 0ES, Reino Unido.



Todos os direitos em língua portuguesa reservados por

EDITORA MONERGISMO

Caixa Postal 2416

Brasília, DF, Brasil - CEP 70.842-970

Telefone: (61) 8116-7481 — Sítio: www.editoramonergismo.com.br

1ª edição, 2013

Tradução: Josaiás Cardoso Júnior

Revisão: Rogério Portella e Felipe Sabino

Capa: Raniere Maciel Menezes



PROIBIDA A REPRODUÇÃO POR QUAISQUER MEIOS,
SALVO EM BREVES CITAÇÕES, COM INDICAÇÃO DA FONTE.

Todas as citações bíblicas foram extraídas da Bíblia da
versão Bíblia Almeida Século 21,
© 2008, publicada por Edições Vida Nova,
salvo indicação em contrário

Minha querida Mia,

Meu amor a você nada é além de uma faísca da poderosa chama de amor sobre a qual você pode ler aqui. Espero que isto ajude-a a desfrutar do amor do Pai.

Sumário

Sumário

[Introdução: Aqui há dragões?](#)

[1. O que Deus fazia antes da criação?](#)

[2. Criação: o amor do Pai transborda](#)

[3. Salvação: o Filho partilha o que é dele](#)

[4. A vida cristã: o Espírito embeleza](#)

[5. Quem entre os deuses é como tu, ó Senhor?](#)

[Conclusão: Não há outra escolha](#)

Introdução: Aqui há dragões?

“Deus é amor”: é quase impossível haver três palavras mais expressivas. Elas parecem vívidas, amáveis e tão calorosas quanto uma fogueira crepitante. Mas e quanto a “Deus é uma Trindade”? Não. Dificilmente haveria o mesmo efeito: a expressão soa fria e pesada. Trata-se de algo compreensível, mas o alvo deste livro é dar fim a essa tolice. Sim, a Trindade pode ser apresentada como um dogma sufocante e irrelevante, mas na verdade Deus é amor justamente *por* ser uma Trindade.

Assim, este livro versa apenas sobre o crescimento no prazer em Deus e na observação de como o ser triúno de Deus torna belos todos os seus caminhos. É a chance de provar e ver como o Senhor é bom, de ter o coração cativado e ser revigorado. Afinal, apenas quando são entendidas as implicações de Deus ser uma Trindade é possível sentir de fato a beleza, a amabilidade arrebatadora de corações e a bondade transbordante de Deus. Se a Trindade fosse uma característica divina que pudéssemos eliminar, nós não o estaríamos livrando de um peso incômodo; na verdade, arrancaríamos algo tão encantador a respeito dele. Pelo fato de Deus ser triúno, seu *caráter trino* o torna tão bom e desejável.

Devo parabenizá-lo, no entanto, por ter lido até este ponto. Os livros cristãos mais vendidos versam sobre “como fazer” — são os que atribuem *tarefas* de imediato. E para os viciados em “fazer”, a ideia de ler um livro sobre a Trindade deve se parecer com ter de falar “Três pratos de trigo para três tigres tristes” — algo um pouco complicado, mas desprovido de propósito. Entretanto, o cristianismo não consiste primariamente na mudança do estilo de vida; ele diz respeito a conhecer a Deus. Conhecer a Deus e crescer no gozo dele é o motivo *para* a nossa salvação — e isso será enfatizado aqui.

Todavia, conhecer melhor a Deus contribui na realidade para mudanças mais profundas e práticas *também*. Conhecer o amor de Deus é precisamente o que nos faz amar. Sentir a desejabilidade de Deus altera nossas preferências e inclinações, o que dirige nosso

comportamento: começamos a *desejar* Deus mais que qualquer outra coisa. Assim, ler este livro não significa participar de um jogo intelectual. Na verdade, veremos que a natureza trina desse Deus afeta tudo — do modo que ouvimos música a como oramos: ela contribui para casamentos mais felizes, para tratarmos os outros com mais afeto, para a vida melhor na igreja; ela dá segurança aos cristãos, molda a santidade e transforma a própria maneira que enxergamos o mundo ao nosso redor. Sem exagero: o conhecimento desse Deus muda o rumo da vida.

Assustador, hein?

Há, claro, o grande obstáculo no caminho: que a Trindade seja vista, não como uma solução e um deleite, mas como uma esquisitice e um problema. Na verdade, a maneira usada por algumas pessoas para falar sobre a Trindade parece apenas reforçar essa ideia. Pense, por exemplo, em todas as ilustrações que soam tão desesperadas. “A Trindade”, alguma alma prestativa explica, “assemelha-se a um ovo, onde há casca, gema e clara; no entanto, trata-se de um só ovo!”. “Não”, diz outra, “a Trindade é mais parecida com um trevo: uma única folha, mas há três pontas sobressalentes. *Como* o Pai, o Filho e o Espírito”. E ficamos imaginando por que o mundo zomba. Afinal, seja comparada a um arbusto, a uma tira de bacon, aos três estados da água ou a um gigante de três cabeças, a Trindade começa a soar bastante bizarra, como um crescimento inútil e disforme ao entendimento a respeito de Deus, que com certeza poderia ser eliminado sem qualquer consequência além de um suspiro universal de alívio.

Torna-se evidente que, se a Trindade for vista como uma monstruosidade estranha e fantástica, não é muito surpreendente a aparência irrelevante. Como o caráter oval de Deus poderia ser mais que uma curiosidade esquisita? Eu nunca me prostrarei em assombro ou descobrirei meu coração atraído por um Deus tão ridículo. Porém, de muitas formas, é nesse ponto que estamos hoje. Apesar de tudo o que se possa assentir de forma ortodoxa com a crença na Trindade, ela parece misteriosa demais para fazer alguma

diferença prática em nossa vida. Em outras palavras, a ilustração do ovo e suas variações podem não ser o rumo certo a tomar.

Outro rumo que pode reforçar a ideia do caráter essencialmente problemático da Trindade é limitar-se apenas a versar sobre o que não constitui a Trindade. Explicamos que o Pai não é o Filho, o Espírito não é o Pai, não há três deuses, e por aí vai. Tudo isso é verdade. Contudo, é possível terminar com a sensação vazia de que tivemos sucesso em fugir de todos os tipos de heresias sórdidas, ao custo da permanência na dúvida sobre quem ou qual deus adorar de fato.

Surge a palavra “mistério”, um vocábulo tão tranquilizador que nos permite sentir que a absoluta ignorância sobre como a possibilidade de Deus ser ao mesmo tempo um e três é de fato como tudo deveria ser. “Deus é um mistério”, podemos sussurrar nas entonações mais piedosamente murmuradas, “nós não devemos saber essas coisas”. No entanto, ainda que esses sentimentos recebam uma pontuação alta pelo tom reverente, eles ganham uma nota muito baixa em precisão. Em Efésios 3, por exemplo, quando Paulo escreve sobre o “mistério” de os gentios agora estarem incluídos na salvação, a palavra “mistério” significa apenas segredo. Paulo está partilhando um segredo conosco. Agora sabemos. Não fomos deixados imaginando seu possível significado. Os gentios agora foram incluídos. Não há nada “misterioso” nesse mistério.

Com Deus ocorre o mesmo. Deus é um mistério, mas não no sentido de abduções alienígenas ou de coisas que fazem barulho à noite. Com certeza, não no sentido de “vai saber, por que se incomodar?”. Deus é um mistério no sentido de que sua identidade e suas qualidades são segredos, coisas que jamais teríamos descoberto por nós mesmos. Mas esse Deus triúno se revelou a nós. Assim, a Trindade não constitui o exemplo de algo absurdo e visivelmente inexplicável, como um círculo quadrado ou um teólogo interessante. Pelo contrário, pelo fato de o Deus trino ter se revelado, pode-se compreender a Trindade. Isso não equivale a dizer que se pode exaurir o conhecimento a respeito de Deus, abarcar e envolver o cérebro em torno dele, ao apenas acumular

algumas partículas de informação antes de passar para outra doutrina. Conhecer a Trindade é conhecer Deus, o Deus eterno e pessoal de beleza, interesse e fascínio infinitos. A Trindade é o Deus que se *pode* conhecer e, para sempre, crescer em conhecimento mais profundo.

Tudo isso quer dizer que a Trindade não é um problema. Ao examinar a Trindade, não se abandona o mapa para entrar em áreas perigosas e inexploradas de vã especulação. Muito longe disso. O aprofundamento na Trindade cumpre o que Davi afirmou poder fazer todos os dias de sua vida no salmo 27: contemplar a beleza do Senhor. E, enquanto o fazemos, espero que você comece a se sentir como Davi, e que você possa agir da mesma forma.

Monges entediados em tardes chuvosas

Há outro problema que as pessoas podem ter com a Trindade: a palavra não é usada na Bíblia. Isso não soa bem e deu origem à lenda de que a Trindade é uma invenção de teólogos enclausurados com muito tempo disponível. Diz o relato que a Bíblia reconhece apenas o monoteísmo simples e sucinto, mas que, com alguma engenhosidade, especulação intensa e toda uma série de truques filosóficos, a igreja conseguiu preparar esse prato intrincado e desconcertante, a Trindade.

Contudo, não é isso que a história registra. O apóstolo Paulo, por exemplo, não mostrou qualquer sinal de conflito ao confessar: “Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai” (Fp 2.11). Não é perceptível a ignorância quase absoluta a respeito do Pai, do Filho e do Espírito no ano 50 d.C. e seu esclarecimento absoluto por volta do ano 500 d.C. E mais: ainda que os teólogos dos séculos posteriores da igreja usem termos e vocábulos filosóficos não encontrados na Bíblia (como “Trindade”), eles não estavam tentando fazer *acréscimos* à revelação apresentada por Deus sobre si mesmo, como se a Escritura fosse insuficiente. Eles estavam tentando expressar a verdade sobre a identidade de Deus *de acordo com a revelação encontrada na Escritura*. De modo particular, eles tentavam articular a mensagem da Escritura como uma reação aos

que a distorciam das mais diversas formas — e, para cada nova distorção, era necessário cunhar um novo vocábulo em resposta.

De maneira bastante deliberada, então, pretendo demonstrar que, do começo ao fim, a Trindade é uma verdade *bíblica* — e quero que até o formato do livro deixe isso claro. Assim, daremos atenção a muitas das grandes mentes que pensaram sobre o assunto, mas quero evitar passar a impressão de que elas estavam em algum estágio mais elevado de evolução religiosa que a Bíblia. Essas pessoas foram meros arautos do Deus triúno revelado na Escritura.

“Bíblica? Sério?”

“E quanto a Deuteronômio 6.4?”, ouço meus muitos leitores muçulmanos exclamarem: “Ouve, ó Israel: O SENHOR, nosso Deus, é o *único* SENHOR”. O único, não três. Mas o objetivo de Deuteronômio 6.4 não é ensinar que “O Senhor, nosso Deus, é uma singularidade matemática”. No meio de Deuteronômio 6, isso seria completamente inesperado, para dizer o mínimo. Pelo contrário, Deuteronômio trata do povo de Deus tendo o Senhor como o *único* objeto de afeição. Ele é o único digno deles, e eles devem amá-lo exclusivamente, e de todo coração, alma e força (Dt 6.5). Na verdade, a palavra para “único” em Deuteronômio 6.4 também não transmite nada de “singularidade matemática”. Ela também é usada, por exemplo, em Gênesis 2.24, passagem em que Adão e Eva — *duas* pessoas — são mencionadas como apenas *uma*.

Examinaremos muitos desses versículos e, através deles todos, creio que ficará claro: quanto mais avançamos nas Escrituras, mais vemos que o Deus que elas apresentam é realmente triúno.

Característica cristã

Afinal, qual é exatamente a importância da Trindade? Ela é o *petit gâteau* da fé — uma ótima maneira de encerrar os trabalhos, porém opcional — ou é o prato principal? Protejam-se dos trovões do *Credo atanasiano*, uma declaração de fé do século V ou VI, que assim se inicia:

Quem quiser se salvar deve antes de tudo professar a fé católica [isto é, a fé ortodoxa da igreja]. Pois quem não a professar de forma integral e inviolada perecerá sem dúvida por toda a eternidade. A fé católica é esta: que adoremos o único Deus na Trindade e a Trindade na unidade.

Hoje, porém, isso soa exagerado a ponto de histeria. Devemos crer na Trindade ou “perecer por toda a eternidade”? Não. Isso vai longe demais, certo? Afinal, embora estejamos dispostos o bastante a incluir a Trindade em nossa lista de “coisas em que os cristãos creem”, a sugestão de que a própria salvação depende da Trindade surge como uma ameaça ridiculamente desmedida. Como algo tão curioso poderia ser “antes de tudo” necessário para a salvação?

E, ainda assim, a inabalável ousadia do *Credo atanasiano* nos força a perguntar o que é essencial à fé cristã. Qual dos artigos de fé, *nós* diríamos, deve ser professado antes de todos os outros? Salvação apenas pela graça? A obra expiatória de Cristo na cruz? Sua ressurreição corporal? Com certa essas são coisas de “primeira importância” (1Co 15.3), tão críticas que não podem ser abandonadas sem que se perca a própria natureza e excelência do evangelho; entretanto, elas não se encontram “*antes de tudo*”. Por si mesmas, não são elas que tornam cristão o Evangelho cristão. As testemunhas de Jeová podem acreditar na morte de Cristo; os mórmons em sua ressurreição; outros na salvação pela graça. Claro, às vezes, as semelhanças são apenas superficiais, mas o próprio fato de certas crenças cristãs poderem ser compartilhadas por outros sistemas de fé mostra que elas não podem ser a fundação do Evangelho cristão, a verdade que se encontra “antes de tudo”.

Os budistas protestantes

Francisco Xavier foi missionário católico romano à Ásia. Ao chegar ao Japão, em 1549, deparou-se com uma facção particular do budismo (*Jōdo Shinshū*) que cheirava, segundo ele, ao que chamou de “heresia luterana”. Isto é, como o reformador Martinho Lutero, esses budistas criam na salvação só pela graça, não pelo esforço humano. A simples confiança em Amida,^[1] eles afirmavam, em vez da confiança no eu, era suficiente para alcançar o renascimento na terra pura. Se nós o invocarmos, eles ensinavam, então, a despeito de nossas falhas, todas as conquistas dele se tornarão nossas.

Evidentemente, a “salvação” mencionada não se parecia em nada com o conceito cristão da salvação: não se tratava de conhecer Amida ou de ser conhecido por ele; e sim a iluminação e a obtenção do nirvana.^[2] Todavia, trata-se da salvação fundamentada nas virtudes e conquistas de outra pessoa, cuja apropriação decorre apenas da fé.

Não é preciso perturbar-se com essas semelhanças. A distinção do cristianismo não foi usurpada. Afinal, o que torna o cristianismo *sui generis* é a identidade divina. O Deus que adoramos: esse é o artigo de fé que se encontra antes de todos os outros. O alicerce da nossa fé centra-se em nada menos que o próprio Deus, e cada aspecto do evangelho — criação, revelação, salvação — é cristão só na medida em que consiste na criação, revelação e salvação *desse* Deus, o Deus. Eu poderia crer na morte de um homem chamado Jesus, em sua ressurreição corporal, poderia até acreditar na salvação só pela graça; no entanto, caso não creia nesse Deus, então, não sou um cristão, simples assim. Desse modo, pelo fato de o Deus cristão ser, a Trindade assume o controle de toda a fé cristã, tornando-se a verdade que molda e embeleza todas as outras. A Trindade é a cabine de comando de todo o pensamento cristão.

Não podemos nos contentar com apenas “Deus”?

Por mais estranho que pareça, a identidade de Deus e suas características são assuntos que já presumimos conhecer e, portanto, não é preciso pensar muito mais sobre eles. Em especial

no Ocidente pós-cristão — em que durante séculos houve uma aparente concordância universal sobre a identidade de Deus —, isso parece óbvio. Assim, os cristãos perguntam aos não cristãos se eles acreditam em “Deus” — como se o próprio conceito de “Deus” fosse autoexplicativo, como se todos pensassem sobre o mesmo tipo de ser.

Porém, a tentação de moldar Deus de acordo com expectativas e pressuposições pessoais, de tornar esse Deus muito parecido com outro, tem força entre os seres humanos. Ela é observável por toda a história: na Idade Média, parecia óbvio para as pessoas pensarem em Deus como um senhor feudal; os primeiros missionários aos *vikings* achavam óbvio apresentar Cristo como um Deus guerreiro, um *berserker*^[3] divino de posse de um machado que poderia desbancar Odin. E por aí vai. O problema é que o Deus triúno não se encaixa bem no molde de nenhum outro Deus. Tentemos nos contentar com algum “Deus” indeterminado, e muito rápido nos descobriremos com *outro* Deus.

De forma irônica, é por isso que muitas vezes nos debatemos com a Trindade: em vez de começar do zero e perceber que o Deus triúno é um tipo de ser radicalmente diferente de qualquer outro candidato a “Deus”, tentamos atribuir ao Pai, Filho e Espírito o molde que sempre atribuímos ao nosso Deus. No Ocidente, em geral, o conceito “Deus” já é sutilmente definido: refere-se a uma pessoa, não três. Assim, quando tratamos da Trindade, sentimo-nos como se estivéssemos tentando apertar duas pessoas a mais no entendimento a respeito de Deus — e isso, para dizer o mínimo, é bastante difícil. E ideias difíceis assim são abandonadas. A Trindade se torna um apêndice inconveniente.

Estamos tão acostumados a moldar Deus de acordo com nossas premissas que nossa mente se rebela contra a ideia do Deus que não se assemelha ao que esperaríamos. Imaginávamos que Deus fosse um ser mais simples — um Deus monopessoal. Portanto, talvez a matemática aparentemente ruim da Trindade não nos desencoraje tanto quanto a simples imposição de um tipo inesperado de Deus.

E não é apenas o caso de que somos rápidos em substituir o Deus vivo por deuses de nossa concepção: o mundo já está repleto de incontáveis candidatos — muitas vezes, drasticamente diferentes — a “Deus”. Alguns são bons, alguns não. Alguns são pessoais, alguns não. Alguns são onipotentes, outros não. Você os encontra na Bíblia. Nela, o Senhor Deus de Israel, Baal, Dagom, Moloque e Ártemis são completamente diferentes. Ou, por exemplo, veja como o *Alcorão* de forma explícita e inequívoca distingue Alá do Deus descrito por Jesus:

... e não digais: Trindade! Abstende-vos disso, que será melhor para vós; sabeis que Allah é Uno. Glorificado seja! Longe está a hipótese de ter tido um filho.^[4]

Dize: Ele é Allah, o Único!
Allah! O Eterno e Absoluto!
Jamais gerou ou foi gerado!

E ninguém é comparável a Ele!^[5]

Em outras palavras, Alá é um Deus monopessoal. Ele não é Pai (“jamais gerou”) em nenhum sentido e não tem um Filho (“ou foi gerado”) em qualquer sentido. Ele é uma pessoa, não três. Assim, Alá é um tipo de ser totalmente diferente do Deus que é Pai, Filho e Espírito. E não estamos lidando aqui apenas com números incompativelmente diferentes: essa diferença, como veremos, significará que Alá existe e funciona de uma maneira completamente diferente do Pai, Filho e Espírito.

Sendo esse o caso, seria loucura contentar-nos com alguma ideia preconcebida de Deus. Sem sermos específicos sobre a identidade de Deus, que Deus adoraremos? À adoração de que Deus convocaríamos as outras pessoas? Considerando os diferentes conceitos das pessoas sobre “Deus”, é de fato improdutivo falar de forma abstrata sobre um “Deus” genérico. E aonde isso nos levaria? Se nos contentarmos em sermos apenas monoteístas e falarmos de Deus em termos tão vagos que poderiam se aplicar a Alá e à Trindade, nunca desfrutaremos do que é tão fundamental e encantadoramente diferente no cristianismo ou o compartilharemos.

A alegria chocante

A ironia não poderia ser mais profunda: o que tomamos por irrelevância enfadonha ou peculiar revela-se a fonte de todo o bem no cristianismo. Nem problema, tampouco termo técnico: o ser triúno de Deus é o oxigênio vital e a alegria do cristianismo. E, assim, é minha esperança e oração que, enquanto lê este livro, o conhecimento do Pai, Filho e Espírito insufle nova vida em você.

1. O que Deus fazia antes da criação?

O caminho sombrio e a estrada iluminada

Há duas maneiras ou formas bastante diferentes de pensar sobre Deus. A primeira é uma trilha escorregadia e inclinada até o cume de uma montanha. Em uma noite tempestuosa e sem lua. Durante um terremoto. É o caminho de tentar decifrar Deus usando a própria inteligência. Eu observo o mundo ao redor e sinto que tudo deve ter vindo de algum lugar. Alguém ou alguma coisa causou sua existência, e a esse alguém chamo Deus. Deus, portanto, é o ser que traz tudo à existência, mas que ele mesmo não foi trazido à existência por nada. Deus é a causa incausada. Essa é *sua identidade*. Deus é, em essência, o Criador, aquele que manda.

Tudo soa bastante razoável e incontestável, mas caso eu parta daí, esse pensamento como conceito básico de Deus, descobrirei cada centímetro do meu cristianismo coberto e desperdiçado com os mais poluentes resíduos tóxicos. Em primeiro lugar, caso a identidade de Deus seja o Criador, o Soberano, então ele precisa da criação para governar *a fim de ser quem é*. Assim, apesar de todo o seu poder cósmico, esse Deus acaba se mostrando lamentavelmente fraco: ele *precisa* de nós. E você ainda teria de se esforçar para lamentar, considerando como ele é. Após a Segunda Guerra Mundial, o teólogo suíço do século XX, Karl Barth, afirmou com vigor:

Talvez você se recorde de como Hitler, quando costumava falar sobre Deus, chamava-o de “o Todo-Poderoso”. Mas não é Deus “o Todo-Poderoso”; não podemos entender, partindo do ponto de vista de um conceito supremo de poder, quem é Deus. E o homem que chama Deus de “o Todo-Poderoso” equivoca-se sobre Deus da maneira mais terrível. Pois, quando “poder em si mesmo” é ruim, “o Todo-Poderoso” é ruim. O “Todo-Poderoso” significa Caos, Mal, o Diabo. Não há maneira melhor de descrevermos e definirmos o Diabo que tentando imaginar essa ideia de uma capacidade soberana, livre e autofundada.^[6]

Barth não estava de forma alguma negando o caráter todo-poderoso de Deus; ele queria deixar muito claro que o mero poder não é Deus.

Os problemas não param por aí, no entanto: se a própria identidade de Deus é ser “o” Soberano, que tipo de salvação ele pode me oferecer (caso esteja preparado para me oferecer algo do tipo)? Se Deus é “o” Soberano, aquele que faz as regras, e o problema está no fato de eu ter quebrado as regras, a única salvação disponível é perdoar-me e tratar-me como se eu tivesse seguido as regras.

Mas sendo Deus assim, meu relacionamento com ele será pouca coisa melhor que o relacionamento com um guarda de trânsito qualquer (sem a intenção de ofender algum leitor que faça parte da força policial). Permita-me expressar desta forma: se, como nunca acontece, um ótimo policial me pegasse por correr e, assim, quebrar as regras, eu seria punido; se, como nunca acontece, ele não conseguisse me flagrar ou eu conseguisse livrar-me dele após uma empolgante perseguição, eu ficaria aliviado. Mas, em nenhum dos casos, eu o amaria. E mesmo que, como Deus, ele decidisse me livrar das consequências da quebra da lei, ainda não o amaria. Eu poderia sentir-me grato, e essa gratidão talvez fosse profunda, mas isso não é a mesma coisa que amor. O mesmo vale para o policial divino: se a salvação significa apenas que ele me livra e considera um cidadão cumpridor da lei, então gratidão (não amor) é tudo que tenho. Em outras palavras, jamais poderei amar de verdade o Deus que é em essência apenas “o” Soberano. E isso, ironicamente, significa que jamais poderei guardar o maior dos mandamentos: amar o Senhor, meu Deus. É a este lugar frio e sombrio que a trilha escura nos conduz.

O outro caminho para pensar a respeito de Deus é iluminado por lâmpadas e pavimentado com uniformidade: é Jesus Cristo, o Filho de Deus. Na realidade, esse é “o” Caminho. É uma estrada que termina de forma bem alegre em um lugar muito diferente, com um tipo muito diferente de Deus. Como? Bem, apenas o fato de Jesus ser “o Filho já diz tudo. Ser Filho implica existência do Pai. O Deus que ele revela é, acima de tudo, Pai: “Eu sou o caminho, a

verdade e a vida; ninguém chega ao Pai, a não ser por mim” (Jo 14.6). Esta é a identidade revelada por Deus sobre si mesmo: não Criador ou Soberano, antes e acima de tudo, mas Pai.

Uma possível forma de apreciar melhor essa verdade é perguntar o que Deus fazia antes da criação. Ora, para os seguidores da trilha, essa é uma pergunta absurda e de resposta impossível; seus teólogos mais espirituosos responderam com a reprimenda “O que Deus estava fazendo antes da criação? Criando o inferno para os atrevidos o suficiente para perguntar tais coisas!”. Na estrada, porém, essa é uma pergunta de fácil resposta. Jesus nos conta de modo explícito em João 17.24: “Pai”, ele diz, “... me amaste antes da fundação do mundo”. Esse é o Deus revelado por Jesus Cristo. Antes mesmo de criar, antes mesmo de governar o mundo, antes de tudo mais, esse Deus era o Pai que amava o Filho.

“Ele defendeu a doutrina trinitária”

No começo do século IV, em Alexandria, norte do Egito, um teólogo chamado Ário começou a ensinar que o Filho era um ser criado, e não o verdadeiro Deus. Ele fez isso por crer em Deus como a origem e causa de tudo, não tendo, no entanto, origem em coisa alguma. “Incausado” ou “inoriginado”, assim ele defendia, era a melhor definição básica da essência de Deus. Mas, visto que o Filho, sendo filho, deve ter *recebido* origem do Pai, ele não poderia, de acordo com a definição de Ário, ser Deus.

O argumento persuadiu muitas pessoas; mas não convenceu Atanásio, o brilhante e jovem contemporâneo de Ário. Acreditando que Ário tinha partido do lugar errado com sua definição básica de Deus, Atanásio dedicou o resto de sua vida a provar quão catastrófico o pensamento de Ário era para a vida cristã saudável. Na verdade, expressei-me com muita gentileza: Atanásio simplesmente ficou assombrado com a presunção de Ário. Como ele poderia saber como é Deus além da sua própria revelação? “É mais piedoso e mais preciso”, ele disse, “denotar Deus a partir do Filho e chamá-lo Pai, que nomeá-lo a partir de suas obras somente e chamá-lo inoriginado”.^[7] Isso significa que a maneira correta de

pensar sobre Deus é começar com Jesus Cristo, o Filho de Deus, não com algum construto nosso, uma definição abstrata, como “incausado” ou “inoriginado”. Na verdade, não deveríamos sequer firmar nossa compreensão de Deus pensando em Deus em primeiro lugar como criador (nomeando-o “a partir de suas obras somente”) — o que, como já vimos, o tornaria dependente da criação. Nossa definição de Deus deve-se basear no Filho que o revela. E, quando o fazemos, começando pelo Filho, descobrimos que a primeira coisa a ser dita sobre Deus é, de acordo com a declaração do credo: “Cremos em um Deus, *o Pai*”.

Esses pontos diferentes de partida e de compreensão básica de Deus significavam que o evangelho pregado por Atanásio parecia-se e soava de modo muito diferente do pregado por Ário. O “inoriginado” escutaria? Atanásio poderia orar “Pai Nosso”. Com o “inoriginado”, somos deixados à cata de um dicionário em uma palestra filosófica; com um Pai, os termos são conhecidos. E se Deus é Pai, então ele deve dar vida e se relacionar, e esse é um tipo de Deus que se pode amar.

O Pai amoroso

O aspecto mais fundamental de Deus não é uma qualidade abstrata, mas o fato de ele ser Pai. Repetidas vezes, as Escrituras equiparam os termos “Deus” e “Pai”: no Êxodo, o Senhor chama Israel de “meu primogênito” (Êx 4.22; v. tb. Is 1.2, Jr 31.9, Os 11.1); ele conduz o povo “como um homem conduz o próprio filho” (Dt 1.31), os corrige “como um homem corrige o filho” (Dt 8.5); ele os chama, dizendo:

Como um pai se compadece de seus filhos, assim o SENHOR se compadece dos que o temem (Sl 103.13).

e

Pensei como te incluíria entre os filhos e te daria a terra desejável, a mais bela herança das nações. Também pensei que me chamarias de meu Pai e que não te afastarias de mim (Jr 3.19; v. tb. 3.4, Dt 32.6, Ml 1.6).

Portanto, Isaías ora “Mas tu és nosso Pai [...] Ó SENHOR, tu és nosso Pai” (Is 63.16; v. tb. Is 64.8); e um nome popular no Antigo Testamento era “Abias” (“O SENHOR é meu pai”). Assim, Jesus repetidamente refere-se a Deus como “o Pai” e direciona a oração ao “Pai nosso”; ele diz aos discípulos que voltará “para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus” (Jo 20.17). Paulo e Pedro referem-se a “o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo” (Rm 15.6; 1Pe 1.3). Paulo menciona “um só Deus, o Pai” (1Co 8.6), “Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo” (1Co 1.3). O livro de Hebreus aconselha: “Deus vos trata como filhos. Pois qual é o filho a quem o pai não disciplina?” (Hb 12.7).

Visto que Deus é, antes de tudo, um Pai, e não apenas o Criador ou Soberano, todos os seus caminhos são formosamente paternais. Não é que esse Deus “assume o papel” de Pai, como um emprego, apenas para retornar à tarde como o bom e velho “Deus”. Não é como se ele tivesse uma bela bola de glacê paternal no topo. Ele é Pai. O tempo todo. Assim, tudo que ele faz, ele o faz como Pai. Trata-se de sua identidade. Ele cria como Pai e ele governa como Pai; e isso significa que a maneira de ele reinar sobre a criação é muito diferente da maneira como qualquer outro Deus reinaria sobre a criação. O reformador francês João Calvino, apreciando com profundidade esse fato, escreveu certa vez:

É preciso considerar diligentemente na própria ordem das coisas criadas o amor paternal de Deus [...] assumindo o cuidado de um chefe de família provido e zeloso, mostrou Deus sua mirífica bondade para conosco... Por fim, para que se conclua definitivamente: sempre que chamarmos a Deus o Criador do céu e da terra, ao mesmo tempo nos venha à mente que [...] realmente somos seus filhos, aos quais ele tomou sob seu patrocínio e proteção para prover-lhes sustento e instrução... De modo que, atraídos pelo dulçor tão ingente de sua bondade e beneficência, diligenciemos por amá-lo e servi-lo de todo o coração. [8]

Foi uma observação profunda, pois só quando virmos que Deus governa a criação *como Pai dócil e amoroso* seremos levados a deleitar-nos em sua providência. Seria possível reconhecermos que o governo de algum policial celestial é justo; no entanto, jamais

poderíamos nos deleitar em seu regime como podemos deleitar-nos no gentil cuidado de um pai.

Quando “Pai” é algo ruim

Nem todas as pessoas emocionam-se de modo instintivo com a ideia de Deus como Pai. Para muitos, as experiências pessoais de pais indiferentes, abusivos ou autoritários fazem as próprias entranhas contorcerem-se quando ouvem Deus ser referido como Pai. O filósofo francês do século XX, Michel Foucault, tinha muitos problemas desse tipo. A maior parte de sua obra tratou dos males da autoridade, e tudo parece ter começado com a primeira figura de autoridade em sua vida: o pai. Temendo ter um maricas como filho, o senhor Foucault —cirurgião — fez o que podia para “endurecer” o pirralho. Isso envolvia, por exemplo, atos macabros: forçá-lo a testemunhar uma amputação.

A imagem, por certo, tem todos os ingredientes de um pesadelo recorrente: o pai sádico, a criança impotente, a faca repartindo a carne, o corpo cortado até o osso, a exigência de reconhecer o poder soberano do patriarca e a humilhação inexpressiva do filho — com sua masculinidade colocada à prova.^[9]

Para Foucault, o poder paternal não tinha sido usado para cuidar, sustentar e abençoar e, assim, para ele, a palavra “pai” ficou associada a uma horda de imagens sombrias.

Solidarizamo-nos com os filhos desse tipo de pais, e dentre nós, os pais, reconhecemos que também estamos longe da perfeição. Contudo, Deus Pai não é chamado Pai porque ele copia pais terrenos. Ele não é a versão mais forte do seu pai. Transferir as falhas de pais terrenos para ele é em si um equívoco. Pelo contrário, as coisas são o oposto total: todos os pais humanos *deveriam* refleti-lo — mas, enquanto alguns fazem isso bem, outros realizam um trabalho que é mais assemelhado ao diabo.

Então, o que *realmente* significa Deus ser um Pai? Bem, em primeiro lugar, isso de fato significa algo. Nem todos os nomes têm significados. Meu cachorro chama-se Max, mas isso não revela de

fato alguma coisa sobre ele. O nome dele não diz o que ele é ou como é. Mas — se for permitido que eu faça a transposição — o Pai chama-se Pai porque ele é Pai. E um pai é uma pessoa que dá vida, que gera filhos. Veja que essa ideia é como uma banana de dinamites em todos os nossos pensamentos sobre Deus. Afinal, se acima de tudo, Deus era eternamente Pai, então esse Deus é um Deus inerentemente expansivo e doador de vida. Ele não deu vida pela primeira vez quando decidiu criar; desde a eternidade ele tem dado vida.

Isso nos é revelado em 1 João 4:

Amados, amemos uns aos outros, porque o amor é de Deus, e todo aquele que ama é nascido de Deus e conhece a Deus. Aquele que não ama não conhece a Deus, porque Deus é amor (1Jo 4.7,8).

Você já conheceu alguém tão magneticamente gentil e gracioso, tão caloroso e generoso de espírito que apenas poucos momentos com ele afetam seus pensamentos, sentimentos e comportamentos? Alguém cuja presença lhe torna melhor — mesmo que apenas por alguns momentos, quando você está com essa pessoa? Eu conheço pessoas assim, e elas se parecem pequenos retratos de Deus, de acordo com João. Esse Deus, ele diz, é o amor de uma maneira tão profunda e potente que você não pode apenas conhecê-lo sem se tornar também amável.

É precisamente isso o significado da paternidade divina. Quando João escreve “Deus é amor” no fim do versículo 8, ele se refere com clareza ao Pai. Suas palavras seguintes, no versículo 9, afirmam: “O amor de Deus para conosco manifestou-se no fato de *Deus ter enviado seu Filho unigênito*”. O Deus que é amor é o Pai que envia o Filho. Ser o Pai, portanto, *significa* amar, dar vida, gerar o Filho. Antes das demais coisas, por toda a eternidade, esse Deus estava amando, dando vida e deleitando-se no Filho.

Observando isso, muitos teólogos apreciam comparar o Pai a uma fonte, de onde jorram eternamente vida e amor (de fato, o Senhor chama a si mesmo de “fonte de águas vivas” em Jeremias 2.13, e a imagem surge muitas e muitas vezes na Escritura). E como a fonte, para ser fonte, deve verter água, assim o Pai, para ser Pai, deve transmitir vida. Assim ele é. Essa é sua identidade mais

fundamental. Portanto, o amor não é algo *possuído* pelo Pai, apenas uma de suas muitas emoções. Na realidade, ele é amor. Ele não poderia não amar. Se ele não amasse, ele não seria Pai.

“Meu escolhido em quem me deleito”

Ora, Deus não poderia *ser* amor se não houvesse alguém para amar. Ele não poderia ser Pai sem o filho. Ao mesmo tempo, não é como se Deus criasse *para* poder amar alguém. Ele é amor, e ele não precisa criar a fim de ser quem é. Se assim fosse, ele seria alguém carente e solitário! “Pobrezinho de Deus”, diríamos. Se ele nos criasse a fim de ser quem é, *nós lhe* daríamos vida.

Não. “Pai”, diz o Filho Jesus em João 17.24: “*me* amaste antes da fundação do mundo”. O Filho Eterno, que de acordo com Colossenses 1, é “antes de toda as coisas” (v. 17), aquele por meio de quem “foram criadas todas as coisas” (v. 16), aquele que Hebreus 1 chama de “Senhor” e “Deus”, que “fund[ou] a terra” (v. 10), é amado pelo Pai antes da criação do mundo. O Pai, assim, é o Pai do Filho eterno, e ele encontra a própria identidade, sua Paternidade, em amar e transmitir sua vida e ser ao Filho.

Por isso é importante perceber que o Filho é o Filho *eterno*. Nunca houve um tempo em que ele não existisse. Sendo o caso, então Deus seria de um tipo completamente diferente. Se houve tempo em que o Filho não existia, então houve tempo em que o Pai não era Pai. E, sendo o caso, então houve tempo em que Deus não amava, pois, por conta própria, ele não teria ninguém para amar. Comentando Hebreus 1.3, que diz que o Filho é “o resplendor da sua glória e a representação exata do seu ser”, o teólogo do século IV, Gregório de Nissa, explicou:

como a luz da lâmpada é da natureza da que verte o brilho, e está unida a ela (pois tão logo a lâmpada surge, a luz que vem dela brilha simultaneamente), nesta passagem, o apóstolo deseja que consideremos que o Filho é do Pai e que o Pai nunca está sem o Filho; pois é impossível haver glória sem resplendor; é impossível que a lâmpada exista sem o brilho.^[10]

O Pai nunca está sem o Filho, mas, como uma lâmpada, irradiar o Filho é a própria natureza do Pai. E, da mesma forma, é a própria natureza do Filho ser o irradiador do Pai. O Filho recebe o próprio

ser do Pai. Na verdade, ele é a expansão — o resplendor — do próprio ser do Pai. Ele é o Filho.

Em tudo isso, temos visto que o Pai ama o Filho e deleita-se nele. É isso que você descobrirá repetidamente na Escritura: “O Pai ama o Filho e entregou todas as coisas nas suas mãos” (Jo 3.35); “Porque o Pai ama o Filho e mostra-lhe tudo o que ele mesmo faz” (Jo 5.20), e assim por diante (v. tb. Isaías 42.1). Mas Jesus também diz “mas faço aquilo que o Pai me ordenou, para que o mundo saiba que *eu amo o Pai*” (Jo 14.31). Não é só que o Pai ame o Filho; o Filho também ama o Pai — e ama tanto que fazer o prazer do Pai é como alimento para ele (Jo 4.34). É sua alegria e deleite absoluto sempre fazer o que seu Pai diz.

Entretanto, embora o Pai ame o Filho e o Filho ame o Pai, há uma forma bem definida para o relacionamento dos dois. Em geral, o Pai é o amante, o Filho é o amado. A Bíblia está repleta de citações sobre o amor do Pai pelo Filho, mas, embora o Filho sem dúvida ame o Pai, dificilmente algo é dito sobre isso. O amor do Pai é primário. O Pai é a fonte principal do amor. Isso significa, então, que em seu amor ele enviará e dirigirá o Filho, enquanto o Filho nunca envia ou dirige o Pai.

Isso é muito importante, como o apóstolo Paulo destaca em 1 Coríntios 11.3:

Todavia, quero que saibais que Cristo é o *cabeça* de todo homem; o homem, o *cabeça* da mulher; e Deus, o *cabeça* de Cristo.

Em outras palavras, a forma do relacionamento Pai-Filho (a liderança) inicia uma graciosa cascata, como uma cachoeira de amor: como o Pai é o que ama e lidera o Filho, da mesma forma, o Filho vem para amar e liderar a igreja. “Como o Pai me amou, assim também eu vos amei; permaneci no meu amor” (Jo 15.9). Aqui está a própria excelência do evangelho: como o Pai é o amante e o Filho, o amado, Cristo torna-se o amante e a igreja, a amada. Isso significa que, antes de tudo, Cristo ama a igreja: seu amor *não* é uma resposta, oferecida só quando a igreja o ama; seu amor vem primeiro, e somente o amamos porque ele primeiro nos amou (1Jo 4.19).

Essa dinâmica também é replicada nos casamentos. O marido é o líder da mulher, amando-a como o líder Cristo ama sua noiva, a igreja. Ele é o amante, ela é a amada. Como a igreja, portanto, a esposa não fica tentando conquistar o amor do marido; ela pode desfrutar dele como algo derramado sobre ela de forma liberal, máxima e incondicional. Pela eternidade, o Pai ama tanto o Filho que estimula o amor eterno do Filho como resposta; Cristo ama tanto a igreja que ele estimula nosso amor em resposta; o marido ama tanto a mulher que a estimula a amá-lo de volta. Tal é a excelência contagiante que se desdobra do próprio ser de Deus.

O Espírito de amor

O Pai ama o Filho de uma maneira muito particular, algo observável caso se examine o batismo de Jesus:

Depois de batizado, Jesus saiu logo da água. E viu o céu se abrir e o Espírito de Deus descer como uma pomba, vindo sobre ele. E uma voz do céu disse: Este é o meu Filho amado, de quem me agrado (Mt 3.16,17).

Aqui, o Pai declara seu amor ao Filho, e seu prazer nele, e o faz *quando o Espírito desce sobre Jesus*. A concessão do Espírito é precisamente a maneira como o Pai torna conhecido seu amor. Em Romanos 5.5, por exemplo, Paulo escreve sobre como Deus derramou seu amor em nosso coração *pele Espírito Santo*. Assim, é dando-lhe o Espírito que o Pai declara seu amor ao Filho.

É tudo profundamente pessoal: o Espírito provoca o deleite do Pai no Filho e o deleite do Filho no Pai, inflamando-lhes o amor e unindo-os na “comunhão do Espírito Santo” (2Co 13.14). Ele torna o amor do Pai conhecido ao Filho, levando-o a declarar “Aba!”— algo que ele também fará por nós (Rm 8.15, Gl 4.6). E deixemos claro que “Aba!” é dito com alegria, pois o Espírito torna o Pai conhecido do Filho de forma tal que o Filho exulta.

Naquela mesma hora Jesus exultou no Espírito Santo e disse: Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra...

Ao tornar conhecido o amoroso Pai das luzes, o Espírito é o portador não apenas de amor, mas de alegria, e é regularmente associado a uma alegria perto da qual a euforia do vinho não é substituta (Ef 5.18; v. tb. Gl 5.22, Rm 14.17).

A maneira como Pai, Filho e Espírito relacionaram-se no batismo de Jesus não foi pontual; toda a cena está repleta de ecos de Gênesis 1. Ali, na criação, o Espírito também pairou, como pomba, sobre as águas. E como o Espírito, após o batismo de Jesus, o enviaria ao deserto sem vida, em Gênesis 1, o Espírito surge como o poder pelo qual a Palavra de Deus parte para o vazio sem vida. No princípio de tudo, Deus cria por meio de sua Palavra (a Palavra que, mais tarde, tornar-se-ia carne), e ele faz isso enviando sua Palavra no poder de seu Espírito ou Sopro.

Tanto na obra da criação (Gn 1), quanto na obra da salvação ou recriação (nos evangelhos), a Palavra de Deus parte dele por meio do Espírito. O Pai fala, e, em seu Sopro, sua Palavra é ouvida. Tudo isso revela como esse Deus realmente é. O Espírito é o meio usado pelo Pai para amar, abençoar e capacitar seu Filho. O Filho sai do Pai pelo Espírito. Conseqüentemente, Jesus é conhecido como “o Ungido” (“Messias” em hebraico, “Cristo” em grego), pois ele é supremamente ungido com o Espírito. Da mesma forma que reis e sacerdotes — até profetas — eram ungidos e consagrados com óleo para a realização de suas tarefas no Antigo Testamento, Jesus é ungido com o Espírito. De fato, os termos “Filho” e “Ungido” às vezes são quase sinônimos (p. ex., Sl 2).

O Pai ama (e capacita) o Filho dando-lhe seu Espírito; isso não significa, contudo, que o Espírito é apenas, de alguma forma, uma força divina impessoal. Também seria possível dizer que o Filho é uma força impessoal em razão de como ele é chamado Palavra de Deus. Na verdade, o Filho tem muitos outros títulos que poderiam fazê-lo parecer igualmente impessoal (“o braço do SENHOR”, por exemplo, em Is 53.1); mas o objetivo desses títulos é explicar seu papel em cada situação (como Palavra, ele revela a mente de Deus; como braço do Senhor, ele executa sua vontade); eles não sugerem que o Filho seja de alguma forma menos que completamente pessoal. E o mesmo vale para o Espírito: sendo uma pessoa, ele fala e envia (At 13.2,4); escolhe (At 20.28), ensina (Jo 14.26), concede (Is 63.14); é possível mentir para ele e colocá-lo à prova (At 5.3,9); ele pode ser resistido (At 7.51), entristecido (Is 63.10; Ef 4.30) e blasfemado (Mt 12.31). Em tudo, ele é apresentado com o Pai e o Filho como uma pessoa real. Quando é mencionado no

mesmo contexto que eles (como, por exemplo, em Mt 28.19, quando Jesus ordena aos discípulos a ir e fazer discípulos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo), há tanta razão para alguém achar que o Pai e o Filho são impessoais quanto para pensar que o Espírito o é.

O Deus que compartilha

Em algum ano da década de 1150, um jovem escocês chamado Ricardo ingressou na Abadia de São Vítor, localizada fora das paredes de Paris, à margem do Sena. Lá, ele dedicou-se a contemplar Deus e, logo, ficou conhecido como um dos autores mais influentes dos seus dias.

Ricardo argumentou que se Deus era apenas uma pessoa, ele não poderia ser intrinsecamente amoroso, pois, por toda a eternidade (antes da criação), ele não teria contado com ninguém para amar. Se houvesse duas pessoas, ele prossegue, Deus poderia ser amoroso, mas de uma maneira excludente e mesquinha. Afinal, quando duas pessoas se amam, elas podem estar tão encantadas que simplesmente ignoram tudo mais — e um Deus como esse estaria muito distante de consistir em boas-novas. Porém, quando o amor entre duas pessoas é alegre, saudável e seguro, elas alegram-se em compartilhá-lo. Com Deus é assim, disse Ricardo. Sendo perfeitamente amáveis, desde toda eternidade, o Pai e o Filho têm se deleitado em partilhar seu amor e alegria com o Espírito, e por meio dele.

Assim, não é que Deus *passa* a compartilhar; sendo triúno, Deus é o Deus que partilha, o Deus que ama incluir. De fato, é por isso que Deus prosseguirá em criar. Seu amor não é para ser guardado, mas para ser distribuído.

Uma bagunça celestial?

Estamos percebendo que, no caso desse Deus, lidamos com três pessoas reais e distintas, o Pai, o Filho e o Espírito. E eles devem ser pessoas reais: não poderia haver verdadeiro amor entre eles se eles fossem, digamos, apenas diferentes aspectos de uma única personalidade divina. Ainda assim, mantê-los distintos em nossa

mente é sem dúvida uma batalha: pense em quantas vezes você ouviu (ou orou): “Amado Pai... obrigado por morrer por nós”; “Amado Jesus... obrigado por enviar seu Filho. Nós oramos isso em nome de Jesus”, etc.

Jogar Pai, Filho e Espírito em um liquidificador desse tipo é polidamente chamado de *modalismo* entre os teólogos. Eu prefiro chamar de *humordalismo*. Humordalistas pensam que Deus é uma pessoa que têm três humores ou estados de espírito (ou, se você preferir, modos) diferentes. Um conceito humordalista popular é o de que Deus costumava sentir-se Paternal (no Antigo Testamento), tentou adotar uma disposição mais Filial por trinta e poucos anos e, desde então, ficou mais Espiritual. Você entende o fascínio, é claro: isso impede que as coisas fiquem muito complicadas.

O problema é que, tão logo você faz uma salada das três pessoas, fica impossível saborear o evangelho nelas. Se o Filho é apenas um humor do qual Deus entra e sai, então não nos parece grande coisa a adoção como filhos no Filho: quando Deus passa a ter outro humor, não haverá Filho para nele estarmos. E mesmo quando Deus está no modo Filho, não haverá Pai para dele sermos filhos. E se o Espírito é apenas outro de seus estados de espírito, só posso imaginar o que acontecerá quando Deus sentir vontade de seguir em frente. “Ele me completa, ele não me completa”. O humordalista é deixado com nenhuma segurança e um Deus profundamente confuso. De alguma forma, o Filho deve ser seu próprio Pai, enviar a si mesmo, amar a si mesmo, orar a si mesmo, sentar-se à sua própria destra e por aí vai. Tudo começa a parecer, arrisco dizer, bastante estúpido.

Um bando de deuses?

Como, então, levaremos a sério o fato de que Pai, Filho e Espírito são três pessoas reais e distintas, e não apenas três humores divinos? O que preocupa, evidentemente, é que a Trindade possa soar como algum panteão ou clube em que as pessoas divinas escolhem entrar. Como vacas se reúnem em manadas e ovelhas em rebanhos, as pessoas divinas congregam na Trindade. E, sendo o caso, então a Trindade começa a parecer demais com o que o monte Olimpo teria sido para os gregos antigos — da mesma forma

que Zeus, Apolo e o restante escolheram habitar ali, Pai, Filho e Espírito reúnem-se na Trindade.

Porém, como Pai, Filho e Espírito são pessoas com relacionamentos reais uns com os outros (o Pai amando o Filho e assim por diante), os teólogos cristãos têm alegre e desinibidamente falado da comunhão da Trindade. Jonathan Edwards, teólogo do século XVIII, escreveu sobre “a sociedade ou família dos três”, mesmo indo longe o bastante para dizer que a própria “felicidade da Deidade, como todas as outras verdadeiras felicidades, consiste em amor e sociedade”.^[11] Mas (e esse é um grande “mas”), isso não é dizer que a Trindade é como um clube de que Pai, Filho e Espírito decidiram fazer parte. Eles não são três pessoas que simplesmente conseguem se dar bem — até bem demais — entre si.

Então o quê? Bem, vamos voltar ao início, e ao Pai. Antes da criação, antes de todas as coisas, observa-se que o Pai amava e gerava seu Filho. Pela eternidade, era isso que o Pai fazia. Ele não *se tornou* Pai em algum momento; ao contrário, sua identidade é ser o gerador do Filho. Ele é assim. Portanto, não é como se, um dia qualquer, o Pai e o Filho colidissem e, para surpresa dos dois, descobrissem como eles se davam bem. O Pai é quem ele é em virtude do relacionamento com o Filho. Pense outra vez na imagem da fonte: uma fonte não é fonte se não verte água. Da mesma forma, o Pai não seria Pai sem o Filho (a quem ele ama por meio do Espírito). E o Filho não seria Filho sem o Pai. Ele recebe o próprio ser do Pai. E, assim, vemos que Pai, Filho e Espírito, embora pessoas distintas, são absolutamente inseparáveis um dos outros. Não confundidos, mas indivisíveis. Eles são quem são *juntos*. Eles *estão* sempre juntos e, portanto, sempre *trabalham* juntos.

Isso significa que o Pai não é “mais” Deus que o Filho ou o Espírito, como se outrora tivesse existido ou pudesse existir sem eles. Sua identidade e o próprio ser consistem precisamente em transmitir sua plenitude ao Filho. Ele é inseparável do Filho. Isso também significa que não há “Deus” além de Pai, Filho e Espírito. Este, na realidade, pode ser o problema ao falar sobre “Deus”: tudo pode com facilidade nos levar a imaginar que há algo (ou pior, alguém) chamado Deus e do qual Pai, Filho e Espírito emergiram. Como se alguém pudesse

orar para esse “Deus”. Como se alguém já tivesse encontrado ou lidado com algo assim. Pegue o recurso pedagógico tradicional, por exemplo, às vezes chamado de “O Escudo da Trindade”: de forma completamente involuntária, ele pode deixar a impressão de que no meio há uma quarta coisa chamada “Deus” além do Pai, do Filho e do Espírito. Se esse fosse o caso, então, obviamente, não somente haveria quatro na Trindade, mas Pai, Filho e Espírito também seriam, na verdade, deuses diferentes, cada qual apenas consistindo da mesma “coisa”. Já, partindo do Pai, evita-se toda essa grosseria: por trás de tudo, em vez de algum “Deus” abstrato, vê-se o Pai, cuja natureza é dar-se e gerar seu Filho.

Santo Hilário

Alegre de nome, alegre de teologia: esse era Hilário. (Hoje, ele é sisudamente chamado “Hilário de Poitiers”, mas isso só mostra a triste situação em que nos encontramos). Afiado como uma espada e educado como um cordeiro, ele dedicou a vida e liberdade a defender a eterna deidade do Filho. Argumentou com vigor que os seguidores de Ário, que afirmavam que o Filho tinha passado a existir em algum ponto, estavam cometendo um erro desastroso — dizer que nem sempre houve Filho significava que Deus nem sempre havia sido Pai. Portanto, Deus não é primordialmente um Pai, não é em essência amoroso e doador de vida, mas outra coisa.

Mas Hilário recusou-se em absoluto a crer em “certa substância imaginária” do qual o Pai e o Filho possam ter vindo. Por trás de tudo há, não “Deus”, mas o Pai, que ama eternamente seu Filho. “Deus”, ele disse, “jamais pode ser algo além de amor, ou algo senão o Pai: e ele, que ama, não inveja; o Pai é completa e inteiramente Pai. Esse nome não admite exceção: ninguém pode ser em parte pai, e em parte não”. Em outras palavras, não há um “Deus” ou “material-divino” por trás de Pai, Filho e Espírito. No fundo, há o Pai, e isso significa o ativo Deus de amor, o Deus que não é um avarento invejoso, negador de vida, mas alguém que se deleita em transmitir a vida e o ser ao Filho.

Para impedir que as pessoas pensassem haver algum “Deus” por trás de Pai, Filho e Espírito, Hilário advertiu: “Devemos confessar Pai e Filho antes de podermos assimilar Deus como único e verdadeiro”.^[12] Tentando definir Deus sem começar com o Pai e seu Filho, ele observou, apenas concluiríamos com um Deus diferente.

Ovos e trevos reformulados

Voltemos agora para aquelas “ilustrações” da Trindade: os três estados de H₂O e mais. Com o que elas se parecem? O Deus triúno é como H₂O, o Pai todo gelado até que você o aqueça e ele se transforme no Filho aguado, que então vaporiza-se e se torna o fumegante Espírito quando o calor é intensificado? Não, isso é apenas humordalismo. Deus é como um trevo — Pai, Filho e Espírito são apenas três pontas sobressalentes? É possível ouvir o lamento enquanto o velho Hilário começa a revirar-se na frequência de 90 rotações por minuto no túmulo. Além de todos esses problemas, essas figuras elaboram Deus como uma *coisa* impessoal. Nada pessoal, nada amoroso — nada parecido com Pai, Filho e Espírito, afinal.

Se em algum momento a Bíblia apresenta uma imagem, ela está em Gênesis 1 e 2.

E disse Deus: *Façamos* o homem à *nossa* imagem, conforme nossa semelhança; domine ele sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre o gado, sobre os animais selvagens e sobre todo animal rastejante que se arrasta sobre a terra. E Deus criou o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou (Gn 1.26,27).

Há algo no relacionamento e na diferença entre o homem e a mulher, Adão e Eva, que espelha o ser de Deus — algo a que, observamos, o apóstolo Paulo faz referência em 1 Coríntios 11.3. Eva é uma pessoa bastante distinta de Adão, ainda assim, ela recebe a vida e o ser de Adão. Ela tem origem no lado dele, é osso de seus ossos e carne de sua carne, é uma com ele na carne (Gn 2.21-24). Muito melhor que folhas, ovos e líquidos, isso reflete um Deus pessoal, um Filho distinto do seu Pai, mas que é do próprio ser do Pai e eternamente um com ele no Espírito.

Trinitarismo puro e simples

João escreveu seu evangelho, ele nos conta, para “que possais crer que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome” (Jo 20.31). Mas até o chamado mais básico para crer no Filho de Deus é um convite à fé trinitária. Jesus é descrito como o *Filho* de Deus. Deus é seu Pai. E ele é o Cristo, o ungido com o Espírito. Quando você começa com o Jesus da Bíblia, chega ao Deus triúno. A Trindade, portanto, não é o produto de especulação abstrata: quando você proclama Jesus, o Filho do Pai ungido pelo Espírito, você proclama o Deus triúno.

Ário demonstrou o contrário: quando *não* se começa com Jesus, o Filho, acaba-se com um Deus diferente, que não é o Pai. Pois o Filho é o único Caminho para conhecer Deus de verdade: só ele revela o Pai. Certa vez, João Calvino escreveu que se tentássemos pensar sobre Deus sem pensar sobre Pai, Filho e Espírito, então “no cérebro nos revolve apenas o nome de Deus, desnudo e como um vácuo, sem o Deus real”.^[13] Ele tinha toda razão. Há um vasto mundo de diferença entre o Deus triúno revelado por Jesus e todos os outros deuses.

Esse Deus simplesmente não se encaixa no molde de nenhum outro. A Trindade não é um complemento dispensável de Deus, um *software* opcional que pode ser instalado nele. No fundo, esse Deus é diferente, pois, no fundo, ele não é criador, soberano, ou mesmo “Deus” em qualquer sentido abstrato: ele é o Pai, que ama e dá vida ao Filho na comunhão do Espírito. O Deus que é amor em si mesmo, que antes de todas as coisas não poderia “ser algo além de amor”. Felizmente, ter um Deus assim muda tudo.

2. Criação: o amor do Pai transborda

Deus solteiro, não fumante, procura criação atraente e bem-humorada.

Imagine por um momento que você é Deus. Tenho certeza de que você já fez isso antes. Agora pense: em sua divina sabedoria e poder, você gostaria de criar um universo? Se sim, por quê? Porque você se sente solitário e queria alguns amigos? Porque você gosta de ser mimado e quer alguns criados? É uma das perguntas mais profundas a se fazer: se Deus existe, por que há algo mais? Por que o universo? Por que nós? Por que Deus decidiria criar?

Uma das tentativas mais antigas de responder pode ser vista no antigo mito babilônico da criação, chamado *Enuma Elish*. Ali, o deus Marduque fala abertamente: ele criará a humanidade para que os deuses possam ter escravos. Dessa forma, os deuses podem relaxar e viver do esforço de sua força de trabalho humana. Ora, Marduque é mais franco que a maioria dos outros deuses; porém, de forma independente da religião, muitos deuses tendem a apreciar essa abordagem. E quem pode culpá-los? A lógica de Marduque é muito atraente. Caso você seja deus.

Na verdade, o motivo de muitos deuses imitarem Marduque não é apenas questão de preferência pessoal. Imagine um Deus que origina e causa todas as outras coisas. Ele trouxe todos e tudo à existência. Mas, antes de causar a existência de tudo, esse deus estava completamente sozinho. Ele ainda não tinha criado ninguém. Solitário pela eternidade. E, assim, pela eternidade, esse deus solitário não deve ter tido alguém ou algo para amar. Amor aos outros sem dúvida não é sua paixão. É claro que provavelmente ele amaria a si próprio, mas tendemos a considerar esse amor egoísmo e não *amor* de verdade. Pela própria natureza, portanto, esse deus solitário e solteiro deve ser fundamentalmente ensimesmado, não expansivamente amoroso. Em essência, tudo nele envolve autogratificação. Portanto, essa é a única razão para criar.

No islamismo, há uma fascinante tensão bem nesse ponto. Segundo a tradição, afirma-se que Alá tem 99 nomes, títulos que o

descrevem na eternidade. Um deles é “o amoroso”. Mas como Alá poderia ser amoroso na eternidade? Antes que ele criasse, não havia outra coisa que ele pudesse amar (e o título não se refere ao amor autocentrado, mas a amor aos outros). A única opção é que Alá ame eternamente a criação. No entanto, por si só, isso gera um enorme problema: se Alá precisa da criação para ser quem é (“o amoroso”), então Alá depende da própria criação, e uma das crenças cardeais do islã é que Alá não depende de nada.

Eis o problema: como um Deus solitário pode ser eterna e essencialmente amoroso se o amor envolve amar outro? No século IV a.C., o filósofo ateniense Aristóteles lutou com uma questão muito semelhante: como Deus pode ser eterna e essencialmente bom quando bondade envolve ser bom *com outro ser*? Sua resposta foi: Deus é eternamente a causa incausada. Essa é a identidade de Deus. Portanto, ele deve causar eternamente a existência da criação — o que significa que o universo é eterno. Dessa forma, Deus pode verdadeira e eternamente ser bom, pois o universo existe para sempre junto com ele e Deus lhe oferece sua bondade. Em outras palavras, Deus é eternamente generoso e bom por sua eterna generosidade e bondade *para com o universo*. Isso foi engenhoso, como sempre é com Aristóteles. Entretanto, significa mais uma vez que para Deus ser ele mesmo, ele precisa do mundo. Ele é, essencialmente, dependente disso para ser quem ele é. E, apesar de ser “bom” (em termos técnicos), o deus de Aristóteles com muita dificuldade pode ser descrito como bondoso ou amoroso. Ele não escolheu criar livremente o mundo para poder abençoá-lo; ao que parece, o universo apenas escoou dele.

São esses os problemas com deuses não triúnos e a criação. Deuses monopessoais, tendo passado a eternidade sozinhos, são inevitavelmente autocentrados e, assim, fica difícil perceber por que eles trariam algo mais à existência. Não seria a existência do universo uma distração irritante para o deus cujo maior prazer é olhar-se no espelho? Criar parece algo muito artificial para um deus assim realizar. E, se esses deuses criassem, eles sempre pareceriam fazê-lo a partir da necessidade ou do desejo essencial de *usar* a criação apenas para a própria gratificação.

O êxtase de Deus

Tudo muda quando se trata de Pai, Filho e Espírito. Aqui está o Deus que não é essencialmente solitário, e que ama por toda eternidade — o Pai ama o Filho no Espírito. Amar outros não é algo novo ou estranho para esse Deus; está na raiz de sua identidade.

Pense em Deus Pai: ele é, pela própria natureza, doador de vida. Ele é um pai. É possível questionar se um deus estéril, que não é pai, seria capaz de dar vida e, assim, conceber a criação. Mas não há como nutrir essas dúvidas em relação ao Pai: pela eternidade ele tem sido frutífero, potente, vitalizador. Para o Deus assim (e só para ele), parece muito natural e esperado que ele suscite mais vida e, assim, crie.

Aqui, Karl Barth faz uma profunda (porém, densa!) observação que tentaremos desdobrar:

Nesta mesma liberdade e amor em que Deus não está sozinho em si mesmo, mas é o eterno gerador do Filho — eternamente gerado do Pai —, ele também surge como Criador *ad extra* [exteriormente], para que, de forma absoluta e externa, não seja solitário, mas o que ama em liberdade. Em outras palavras, como Deus em si mesmo não é surdo, nem mudo, mas fala e ouve sua Palavra desde a eternidade, ele não deseja estar sem som ou eco fora de sua eternidade, ou seja, sem os ouvidos e as vozes das criaturas. A eterna comunhão entre Pai e Filho, ou entre Deus e sua Palavra, encontra assim correspondência na própria comunhão — diferente, mas não dessemelhante — entre Deus e a criatura. Isso está de acordo com o Pai do Filho eterno, o que fala a Palavra eterna como tal; é totalmente digno dele que em seu relacionamento *ad extra* [exterior] ele seja o Criador. ^[14]

Sim, muitas vezes, os teólogos escrevem desse jeito. O que ele quer dizer é que, como Deus Pai tem amado o Filho por toda a eternidade, é inteiramente característico dele prosseguir e criar outros para que também possa amá-los. Observe que Barth não está de forma alguma dizendo que Deus Filho foi criado ou, em algum sentido, é menos que totalmente Deus. Ele diz que o Pai sempre teve prazer em amar *outro* e, portanto, que o ato da criação para amar a criatura parece inteiramente apropriado a ele.

Logo, Jesus Cristo, Deus Filho, é a Lógica, o diagrama da criação. Ele é o eternamente amado do Pai; a criação é a extensão externa desse amor de forma que ele possa ser desfrutado por outros. A fonte de amor extravasou. O Pai deleitou-se tanto em seu Filho que seu amor por ele transbordou, de forma que o Filho seja o primogênito de muitos filhos. Como Paulo expressa em Romanos 8.29: “Pois os que conheceu por antecipação, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos” (v. tb. Ef 1.3-5). Esse Deus não reluta em contar com alguém a seu lado: ele o aprecia. Ele sempre apreciou derramar seu amor sobre o Filho e, ao criar, ele regozija-se em derramá-lo sobre filhos amados por intermédio do Filho.

Curiosamente, quando Paulo fala do Filho como “o primogênito sobre toda a criação” em Colossenses, ele conecta essa ideia de forma direta ao fato de que o Filho é “a imagem” de Deus. “Ele é a imagem do Deus invisível, o primogênito sobre toda a criação” (Cl 1.15). O Filho é a imagem de Deus, manifestando com perfeição como é seu Pai: “Ele é o resplendor da sua glória e a representação exata do seu Ser” (Hb 1.3; v. tb. 2Co 4.4). E, assim, quando vem com glória, “ilumina” e “irradia” de seu Pai, ele nos mostra que o Pai é essencialmente *expansivo*. Não surpreende que um Deus assim crie. E o fato de sermos então criados à imagem de Deus e destinados à semelhança de Cristo, a Imagem, é apenas a continuação desse movimento expansivo de amor. O Deus que ama ter uma Imagem expansiva de si no Filho ama ter muitas imagens desse amor (que são, elas próprias, expansivas).

Há algo que Jesus diz no fim da oração sacerdotal em João 17 que mostra com clareza o significado de ser ele a glória de Deus emanada do Pai (ou a Palavra divina procedente de Deus):

Pai, meu desejo é que aqueles que me deste estejam comigo onde eu estiver, para que vejam a minha glória, a qual me deste, pois *me amaste antes da fundação do mundo*. Pai justo, o mundo não te conheceu, mas eu te conheço; e estes reconheceram que tu me enviaste. E fiz que conhecessem o teu nome e continuarei a fazê-lo conhecido; para *que o amor com que me amaste esteja neles*, e eu também neles esteja (Jo 17.24-26).

O Pai o amava antes da criação do mundo, e a razão do envio dele pelo Pai é para que o amor do Pai por ele possa também estar em outras pessoas. Por isso o Filho sai do Pai, na criação e na salvação: para que o amor do Pai ao Filho seja compartilhado.

Pelo fato de o Filho, em um sentido, ser o modelo da criação, sua resposta ao Pai também serve de modelo sobre como a criação e todas as criaturas deveriam responder. Jesus disse: “que o mundo saiba que eu amo o Pai” (Jo 14.31). Portanto, como o Pai decidiu incluir-nos no amor ao Filho, partilhá-lo conosco, o Filho escolheu incluir-nos no amor ao Pai. Ele deleita-se em repetir o amor do Pai de volta ao Pai, e isso significa estar ao lado de Deus, ser sua imagem e filho. Fomos criados de forma que, conhecendo seu amor, possamos amar o Senhor nosso Deus.

Isso é grego para mim

Há duas palavras gregas que você nunca usará nas férias em Corfu, mas que gotejam néctar. A primeira é *hypostasis* [hipóstase]. Eu sei, soa como uma doença de pele nojenta, mas na realidade significa algo como “fundação” (*hypo* = “sob”; *stasis* = “algo que é ou existe”). O Antigo Testamento grego usa a palavra em Salmos 69.2, quando o salmista diz: “Atolei-me em lamaçal profundo, onde não se pode *firmar o pé* [*hypostasis*]”. Em outras palavras, não há nada firme abaixo dele para ficar em pé. Porém, essa também é a palavra usada para descrever o “ser” de Deus em Hebreus 1.3 (“Ele é o resplendor da sua glória e a representação exata do seu *Ser* [*hypostasis*]”). A *hipóstase* descreve o “ser” do Pai, o que lhe é fundamental.^[15]

A outra palavra é *ekstasis*, de onde se obtém a palavra êxtase. É uma palavra que tem relação com o ser além dele mesmo ou fora dele (*ek* = “fora de”; *stasis* = “algo que é ou existe”).

O que se observou é que a *hypostasis* de Pai, Filho e Espírito existe em sua *ekstasis*. Ou seja, o ser interior de Deus (*hypostasis*) é um ser vivificador, amoroso e expansivo. O Deus triúno é *extático*: ele não é um Deus que mesquinha a vida, mas que a entrega, como ele

mostraria no momento supremo da autorrevelação na cruz. O Pai encontra sua exata identidade em dar a vida e ser ao Filho; e o Filho reflete o Pai ao partilhar sua vida conosco por meio do Espírito.

Tudo isso para dizer que a própria natureza do Deus triúno está em completo desacordo com a natureza dos outros deuses. Em *Cartas de um Diabo a seu Aprendiz*, Clive S. Lewis capturou bem a diferença entre o diabo (que é o deus carente e solitário definitivo) e o Deus vivo de amor extático, autossacrificial e transbordante. Fitafuso, um demônio veterano, escreve:

Temos de admitir que toda aquela conversa sobre Seu amor pelos homens e sobre o fato de que o serviço a Ele é a perfeita liberdade não é, como acreditaríamos de bom grado, mera propaganda, mas uma terrível verdade. Ele realmente quer preencher o universo com inúmeras pequenas réplicas repugnantes de Si mesmo — criaturas cuja vida, em escala menor, será qualitativamente como a d'Ele, não porque Ele as absorveu, e sim porque a vontade deles está em espontânea harmonia com a d'Ele. Nós queremos apenas um gado que finalmente poderá ser transformado em alimento; Ele quer servos que finalmente poderão tornar-se filhos. Nós queremos sugá-los; Ele quer fortalecê-los. Somos vazios, e por isso queremos ser preenchidos; Ele está repleto e transborda.^[16]

E Fitafuso não está sozinho: ele parece pensar de forma notavelmente semelhante a Ártemis dos efésios. Em Atos 19, Demétrio, o fabricante de ídolos, queixa-se de que se for permitido a Paulo dizer que deuses feitos pelo homem não são deuses, então,

Não há somente perigo de que esse nosso negócio caia em descrédito, mas também que o templo da grande deusa Ártemis perca toda a sua importância, vindo até mesmo a ser destituída da sua majestade aquela a quem toda a Ásia e o mundo adoram. Ao ouvirem isso, ficaram furiosos e gritaram: Grande é a Ártemis dos efésios! (At 19.27,28).

Em outras palavras, a divina majestade de Ártemis depende do culto dos adoradores. Em si mesma, ela parece vazia e parasitária, como se sua magnificência não fosse nada além do brilho da prata trazida a seu templo por seus escravos.

A tragédia é que tantos considerem que o Deus vivo é o diabólico aqui, como se ele nos criasse apenas para ganhar, exigir, tomar de nós. Mas o contraste entre o diabo e o Deus triúno dificilmente poderia ser mais gritante: o primeiro é vazio, faminto, ganancioso, invejoso; o segundo é superabundante, generoso, radiante e autossacrificante.^[17] E, *assim*, o Deus triúno pode e, de fato, cria. Graça, portanto, não é só sua bondade sobre os que pecaram; a própria criação é uma obra de graça, fluindo do amor de Deus. Com esse Deus, o amor não é mera reação. Na verdade, não é reação. O amor de Deus é criativo. *O amor vem em primeiro lugar*. Ele dá vida e ser como dom gratuito, pois sua própria vida, ser e bondade são como o fermento, espalhando-se para que possa haver mais do que é verdadeiramente bom.

Jonathan Edwards, teólogo da Nova Inglaterra no século XVIII, expressou esse conceito de forma impressionante. O alvo de Deus em criar o mundo, Edwards disse, *era* ele mesmo. Porém, como a própria *identidade* de Deus é muito diferente da identidade de qualquer outro, isso significa algo completamente diferente do que significaria para outros deuses. A identidade desse Deus encontra-se em dar, não em tomar. Ele é como uma fonte de bondade e, assim, Edwards disse, “almejar-se a si mesmo” *significa* “almejar-se em propagação e expressão” — em outras palavras, almejar a si mesmo, sua vida e sua bondade compartilhados.^[18] Sua natureza gira em torno de expandir e partilhar sua plenitude, e ele gira em torno disso. Em contraste com todos os outros deuses, a exuberante natureza desse Deus significa que seu prazer “é mais um prazer em se estender e comunicar à criatura que em receber da criatura”.^[19]

Sob os raios de sol do amor de Deus

Normalmente, as pessoas pensam nos “puritanos” como um grupo rígido e gélido: amargo, exigente e, francamente, tão chato que pombos podiam empoleirar-se neles. Bem, alguns deles eram.

Mas, não Richard Sibbes. Sibbes, quase contemporâneo de Shakespeare, foi um pregador e teólogo puritano que falava de

forma tão atraente sobre a bondade e o amor de Deus que se tornou conhecido como o pregador “boca de mel”. Entretanto, isso não aconteceu apenas porque Sibbes nasceu com uma disposição radiante; ele mesmo estava persuadido de que nosso conceito de Deus nos molda de forma mais íntima. Nós nos tornamos o que adoramos.

E Sibbes percebeu com clareza a atratividade, bondade e amabilidade do Deus triúno: ele falou do Deus vivo como um sol caloroso e doador de vida que se “deleita em lançar seus raios e sua influência sobre coisas inferiores, tornando tudo frutífero. Essa bondade está em Deus como em uma fonte, ou no seio que ama aliviar-se de leite”.^[20] Isto é, Deus transborda de nutrição cordial e vivificante, bem mais disposto a dar do que estamos a receber. E, ele explicou, é precisamente por isso que Deus criou o mundo:

Se Deus não contasse com uma bondade comunicativa e contagiante, ele nunca teria criado o mundo. Pai, Filho e Espírito Santo estavam felizes consigo mesmos, e desfrutavam um do outro antes de o mundo existir. Sem o fato de Deus deleitar-se em comunicar e espalhar sua bondade, jamais haveria criação ou redenção.^[21]

Assim, Deus não *precisava* criar o mundo a fim de satisfazer-se ou ser ele mesmo. A majestade divina desse Deus não depende do mundo. Pai, Filho e Espírito Santo “estavam felizes consigo mesmos, e desfrutavam um do outro antes de o mundo existir”. Mas o Pai apreciava tanto sua comunhão com o Filho que desejou a bondade disso espalhada e comunicada ou partilhada com outros.

A criação foi uma escolha livre corroborada apenas pelo amor.^[22]

O conhecimento de que Deus é tão ensolarado, tão radiante de bondade e amor, tornou Sibbes um modelo atraente da semelhança com Deus. Ele disse: “Os guiados pelo Espírito de Deus são semelhantes a ele; eles têm uma bondade comunicativa e expansiva que ama espalhar-se”. Em outras palavras, conhecendo o amor de Deus, ele tornou-se amoroso; e seu entendimento de quem Deus é o transformou em um homem, um pregador e um escritor de genialidade magnética. Essa amabilidade brilhou em sua pregação; ela ainda resplandece em seus escritos; e, observando sua vida, fica claro que ele contava com uma capacidade realmente

extraordinária de cultivar amizades cordiais e duradouras. Ele tinha se tornado como seu Deus.

Como o Deus triúno criou?

Por ser o amor paterno ao Filho o motivo por trás da criação, o *Credo niceno* atribui a criação em especial ao Pai: “Cremos em um só Deus, Pai todo-poderoso, criador do céu e da terra”. Fluindo de seu amor, cabe a ele chamar à existência. Assim, o clamor de Apocalipse 4.11 sobe especificamente a ele: “Nosso Senhor e nosso Deus, tu és digno de receber a glória, a honra e o poder, porque tu criaste todas as coisas e, por tua vontade, elas existiram e foram criadas”.

Mas, como pode ser visto em Gênesis 1, ele cria por meio da Palavra e do Espírito. Assim, um teólogo do século II, Irineu de Lion, gostava de falar do Filho e do Espírito como “as duas mãos” do Pai. Ele não queria de forma alguma implicar que o Filho e o Espírito não são realmente pessoas (o próprio Jesus estava disposto a chamar o Espírito de “dedo de Deus”: cp. Mt 12.28/Lc 11.20); o Filho e o Espírito são agentes do Pai, realizando a vontade dele.

Contudo, os papéis do Filho e do Espírito na criação são diferentes. Como vimos no capítulo anterior, em Gênesis 1, a Palavra parte no poder do Espírito que paira, para que no Sopro de Deus, sua Palavra seja ouvida: “Haja luz!”. Assim, o Pai cria *por meio da* Palavra (Jo 1.3), sendo a Palavra seu braço executor. Isso significa que o Filho está tão envolvido na obra da criação do Pai que Paulo pôde escrever:

Ele é a imagem do Deus invisível, o primogênito sobre toda a criação; porque nele foram criadas todas as coisas nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam poderes; tudo foi criado por ele e para ele (Cl 1.15,16).

“E para ele”. Foi seu amor transbordante pelo Filho que motivou o Pai a criar, e a criação é sua dádiva ao Filho. O Pai faz do Filho o beneficiário, o “herdeiro de todas as coisas” (Hb 1.2; v. tb. Dt 32.8,9; Sl 2.8). Assim, o Filho não é apenas a origem motivadora

da criação: ele é o objetivo. O Filho é o alfa e o ômega, o princípio e o fim da criação. E aqui chegamos a algo espantoso: como o amor do Pai ao Filho superabundou para ser partilhado conosco, a herança do Filho também é (de modo extraordinário!) partilhada conosco. “Se somos filhos, também somos herdeiros, herdeiros de Deus e coerdeiros de Cristo” (Rm 8.17). Esta é uma expressão física da maravilhosa verdade de que o Pai partilha conosco seu amor pelo Filho: os mansos herdarão a terra!

Assim, alguns textos da Escritura falam da criação como obra do Pai (concebida em seu amor); outros falam da criação como obra do Filho (ele realiza a vontade do seu Pai); mas, outros também falam dela como obra do Espírito. “Os céus foram feitos pela palavra do SENHOR, e todo o exército deles, pelo *sopro* (ou Espírito) da sua boca” (Sl 33.6). Como? Qual é o papel do Espírito? Nós já vimos que o Espírito capacita a Palavra, mas ele faz ainda mais: enquanto o Filho estabelece e sustenta todas as coisas (Hb 1.3), o Espírito aperfeiçoa ou completa a obra de criação. Jó 26.13 expressa de forma encantadora: “Com seu sopro (ou Espírito) *clareou* o céu”. Em outras palavras, o Espírito ornamenta e embeleza os céus e a terra. Nossa primeira visão do Espírito em Gênesis 1, semelhante a uma pomba sobrevoando, captura algo essencial. Como uma pomba chocando seus ovos, o Espírito vivifica, trazendo o que foi criado à vida. E, assim, embora o *Credo niceno* fale do Pai como o “Criador do céu e da terra”, ele fala do Espírito como “Senhor e Vivificador”.

Vida é algo que Deus sempre teve e, na criação, é algo que agora ele partilha conosco. Por seu Espírito, ele insufla vida em nós. E não apenas no princípio: isso é sempre obra do Espírito, dar vida. No livro de Jó, Eliú diz: “O Espírito de Deus me fez, e o sopro do Todo-poderoso me dá vida” (Jó 33.4). Continuamente na criação, o Espírito vitaliza e reanima. Ele ama tornar a criação — e suas criaturas — *frutíferas*. Isaías escreve sobre o tempo quando “se derrame sobre nós o Espírito lá do alto, e o deserto se torne em campo fértil, e este seja conhecido como um bosque” (Is 32.15). O salmista canta: “Envias teu fôlego [Espírito], e [os seres] são criados; e assim renovas a face da terra” (Sl 104.30). Não é de se admirar, portanto, que a criatividade, a capacidade de manufaturar, adornar e tornar belo, seja dom do Espírito:

Depois dessas coisas, o SENHOR disse a Moisés: Eu designei Bezalel, filho de Uri, filho de Hur, da tribo de Judá, e o enchi do Espírito de Deus, dando-lhe sabedoria, entendimento e habilidade em toda atividade artística, para criar obras artísticas e trabalhar em ouro, prata e bronze, para lavrar pedras de engaste e fazer entalhe em madeira, enfim, para trabalhar em toda atividade artística (Êx 31.1-5).

O Espírito vitaliza a criação com beleza. Gerard Manley Hopkins capturou isso muito bem quando escreveu sobre a obra do Espírito de revigorar o mundo agora fatigado pelo pecado:

Um límpido frescor do ser das coisas vaza;
E quando a última luz o torvo Oeste turva
Ah, a aurora, ao fim da fímbria oriental, abrasa —
Porque o Espírito Santo sobre a curva
Terra com alma ardente abre ah! a asa alva. [\[23\]](#)

“E era bom”

Deus Pai é um Deus que se deleita em ter outro a seu lado (o Filho eterno). Ele é o Deus que acha isso bom. E, assim, ele é o Deus que pode declarar a criação boa. Se ele tivesse vivido eternamente sozinho, preocupado somente consigo, seria difícil acreditar que ele pudesse fazer isso. A nova existência de algo além dele com certeza seria um estorvo ou, talvez, aquilo se parecesse com um rival. Veja, por exemplo, algo que o influentíssimo Abu Hamid al-Ghazali, teólogo islâmico (1056-1111), escreveu certa vez:

Deus de fato os ama [pessoas], mas, na realidade, ele não ama outro além de si mesmo, no sentido de que ele é a totalidade [do ser], e nada existe à parte dele. [\[24\]](#)

Pelo fato de Alá “não ama[r] outro além de si mesmo”, ele não se exterioriza de verdade para expressar o amor aos outros. Portanto, não pode haver razão para que tudo mais deva existir. Na realidade, “nada existe à parte dele”. Obviamente, o *Alcorão* menciona o amor de Alá e da criação, mas é difícil perceber com exatidão como essas coisas podem ser. O universo, no pensamento islâmico, deve ter uma existência apenas nebulosa e incerta.

E, olhando em volta, parece verdade que seres supremos absolutamente singulares tendem a demonstrar uma evidente perturbação em relação à existência da criação. Nesses sistemas de crença, o mundo físico não raro é visto de modo negativo e com cautela. E a esperança oferecida por esses deuses muitas vezes não inclui a visão, o conhecimento ou o relacionamento com eles. Eles oferecem o “paraíso”, mas eles mesmos não estarão de fato lá. Por que eles gostariam de envolver-se com a criação?

Um exemplo nítido disso pode ser visto na estranha coletânea de crenças do século II e III, que chamamos de gnosticismo. Se você já leu *O código Da Vinci*, de Dan Brown, ou viu o filme, já teve seu encontro com o gnosticismo. No mundo de Dan Brown, o cristianismo ortodoxo é uma religião autoritária, chauvinista e intolerante: é assim, aparentemente, que o Deus do cristianismo é e, portanto, como seus servos são. Porém, à margem da história, perseguidos e caçados nos esconderijos, estão os gnósticos; e, na mente de Dan Brown, os gnósticos são os mocinhos de mente aberta, tolerantes, profeministas.

Bem. Vejamos. No gnosticismo, tudo começou com o Uno.^[25] Isto é, havia uma realidade espiritual e nada mais. Tudo estava ótimo e divino. Imagine que a sala onde você está agora é essa realidade: na sala há paz e um livro muito bom que você recomendaria para seus amigos. Fora da sala, não há nada. Então, de alguma forma, algo dá errado. Uma perturbação na sala. O cachorro começa a vomitar no carpete, digamos. É claro, você quer continuar lendo o livro muito bom, logo, a perturbação e a bagunça devem ser jogadas fora. Mas agora, assim que a perturbação é retirada da sala, algo problemático e detestável existe fora dela. Esse é o relato gnóstico da criação: outrora havia apenas a realidade espiritual; algo deu errado; o problema foi jogado fora; agora existe algo fora da realidade espiritual que se tornou o universo físico.

Gênesis menciona a criação boa e, *então*, a queda para o mal; o gnosticismo imaginou *primeiro* a queda para o mal, e a criação como resultado. Para os gnósticos, o Uno era bom; a existência de algo além dele é má. Assim, eles falam desse algo

mais (o universo, nossos corpos e toda a existência física) como o vômito nocivo expelido pelo Uno. As boas-novas, eles afirmavam, eram que, como um cachorro, o Uno retornaria ao vômito e o engoliria. Então, tudo o que é físico seria consumido e ingerido pelo espiritual, tudo felizmente seria apenas o Uno mais uma vez, e o universo seria nada além de uma lembrança embaraçosa na mente do Uno.

Seres supremos absolutamente singulares não gostam de criação.

Não é bom que o homem esteja só.

Se foi assim que os gnósticos rearranjaram Gênesis 1 — inserindo um “não” em cada “E viu Deus que isso era bom” —, imagine como eles leem Gênesis 2 e a história da criação de Eva. Para eles, o capítulo começa de maneira bastante positiva: o homem está só. Há apenas um. Isso deve ser bom. Mas, então, de maneira horripilante, da mesma forma que a realidade física foi excretada da espiritual, Eva sai de Adão. Agora há dois. E como a existência de duas realidades (espiritual e física) é má, a existência de dois sexos é má. De forma mais específica, a existência das mulheres é má. Assim, o versículo final do *Evangelho gnóstico de Tomé* diz:

Simão Pedro disse: Seja Maria afastada de nós, porque as mulheres não são dignas da vida. Respondeu Jesus: Eis que eu a atrairei, para que ela se torne homem, de modo que também ela venha a ser um espírito vivente, semelhante a vós homens. Porque toda a mulher que se fizer homem entrará no Reino dos céus. [\[26\]](#)

Esse versículo não aparece de maneira chocante ou estranha no fim do *Evangelho de Tomé*; ele é filho natural do pensamento gnóstico. A existência de duas realidades, dois sexos, do físico e do feminino, é uma tragédia. Mas assim deve ser quando se trata do ser supremo sozinho e solitário. Intolerante à existência de algo mais, é simplesmente natural que ele prefira esconder o físico e o

feminino, ou usá-los, se puder, só para a autogratificação. Assim, pelo menos para as mulheres, a salvação gnóstica significaria mudança de gênero. A insinuação de Dan Brown, de que os gnósticos eram profeministas tolerantes, soa bastante vazia, na realidade.

E quanto aos cristãos chauvinistas? Credo que Deus não é solitário, faz perfeito sentido dizer que não é bom ter homens solitários. Como Deus não está sozinho, então o homem, em sua imagem, não deveria estar só. Portanto, eles confessam a criação e o físico, a feminilidade, os relacionamentos e o casamento, tudo como intrinsecamente bom, reflexos criados pelo Deus que não está só.

Sem a Trindade, é difícil ver como essas coisas poderiam, em última análise, ser afirmadas. (É claro, alguém poderia apenas defender que homens e mulheres são iguais pela humanidade de ambos, mas essa é uma afirmação inteiramente desprovida de amor, e não oferece fundamento para ver essas coisas como bens absolutos nos quais se deleitar). Em 1 Coríntios 11.3, o apóstolo Paulo escreveu: o cabeça de Cristo é Deus, o cabeça da mulher é seu marido. Porém, se o Filho é menos Deus que o Pai, a esposa é menos humana que o marido? Sem crer em Deus Pai e Deus Filho, um no Espírito, por que o marido não deveria tratar a mulher como ser inferior? Se a liderança do marido sobre a mulher é, de alguma forma, semelhante à liderança do Pai sobre o Filho, então que relacionamento amável deve resultar! A própria identidade do Pai envolve fornecer vida, amor e ser ao Filho, fazendo tudo por amor a ele.

Evidentemente, isso não significa afirmar que os cristãos sempre acertam na vida ou demonstram viver essas crenças, mas é o início de uma vigorosa refutação do conceito de que o cristianismo é inerentemente chauvinista. A crença na Trindade trabalha de modo preciso *contra* o chauvinismo e *a favor* do prazer por relacionamentos harmoniosos.

E isso é relatado pela história quando o cristianismo espalhou-se inicialmente pelo mundo greco-romano. Estudos têm demonstrado que, nesse mundo, era algo muito raro, mesmo para

famílias grandes, ter mais de uma filha. Como isso foi possível em diversos países ao longo de séculos? Simplesmente porque o aborto e o infanticídio feminino eram bastante praticados como forma de aliviar as famílias do fardo do gênero considerado supérfluo pela cultura. Não é surpresa, então, que o cristianismo tenha sido especialmente atraente para mulheres, grande parte dos primeiros convertidos: o cristianismo denunciava esses antigos e arriscados procedimentos abortivos; recusava-se a ignorar a infidelidade dos maridos como o paganismo fazia; no cristianismo, as viúvas eram apoiadas pela igreja; as mulheres eram até recebidas como “cooperadoras” do evangelho (Rm 16.3). No cristianismo, elas eram valorizadas.

Explicando bem...

A própria natureza do Deus triúno é ser efusivo, ebuliente e sobrejante; o Pai regozija-se em ter outro a seu lado, e encontra a própria identidade ao extravasar seu amor. Criação significa a expansão, difusão e explosão externa desse amor. Esse Deus é o completo oposto do vazio egoísta, faminto, mesquinho; em sua autoentrega, ele naturalmente verte vida e bondade. Portanto, ele é a fonte de todo o bem, e isso significa que ele não é o tipo de Deus que atrairia pessoas para si enquanto as afasta da alegria das coisas boas. Bondade e felicidade supremas devem ser encontradas nele, não à parte dele.

E a natureza sobrejante do criador triúno faz toda a diferença em como vemos a criação. Se Marduque tivesse o que queria, e nós existíssemos para ser escravos, a criação simplesmente forneceria matéria-bruta para manter o pessoal trabalhando. Tal como ela é, há algo gratuito na criação, um sobejamento desnecessário de beleza e, por meio de seus prazeres e bens, podemos regalar-nos na completa generosidade do Pai. Na verdade, disse C. S. Lewis, mesmo que nossa visão de Deus *nos* impeça de fazê-lo, é exatamente isso que os animais fazem. Escrevendo a seu amigo Owen Barfield, pouco depois da Segunda Guerra Mundial, ele observou:

Falando em feras e pássaros, já percebeu esse contraste? Quando você lê o relato científico de qualquer vida animal, fica com a impressão de uma atividade econômica laboriosa, incessante, quase racional (como se todos os animais fossem alemães), mas quando você estuda algum animal conhecido — o primeiro aspecto que lhe chama a atenção é a alegre tolice, a falta de propósito em quase tudo que faz. Diga o que quiser, Barfield, o mundo é mais excêntrico e divertido do que se supõe.^[27]

Isso faz toda a diferença: esse mundo é um deserto de mera e cruel sobrevivência? Uma casa de correção criada para os deuses? Ou é o dom do Pai mais gentil e generoso?

...e mal

Se Deus não é triúno, fica ainda pior: porque não sendo triúno, fica muito difícil não apenas explicar a bondade da criação (como vimos), mas também explicar a existência do mal dentro dela. Se Deus é o ser supremo, então o mal não pode ser uma força rival, eternamente existente junto dele. Porém, se Deus é absolutamente solitário em sua supremacia, então com certeza o mal deve originar-se no próprio Deus. Acima e antes de tudo, ele é a origem de todas as coisas, boas e más. Evidencia-se não ser bom que Deus esteja só.

O Deus triúno, contudo, é o tipo de Deus que dará espaço para outros terem existência real. O Pai, que se deleita em ter um Filho, escolhe criar muitos filhos que terão vida própria e real, partilharão do amor e da liberdade de que ele sempre desfrutou. As criaturas do Deus triúno não são meras extensões dele; ele lhes dá vida e ser pessoal. Conceder isso, porém, significa conceder que elas desviem-se dele — e essa é a origem do mal. Ao graciosamente permitir que as criaturas existam, o Deus triúno concede a elas a liberdade de se desviarem, sem ele mesmo ser o autor do mal.

De harmonia em harmonia

O cristianismo sempre teve um caso de amor especial com a música. As Escrituras estão impregnadas com música, como a vida na igreja. John Dryden, o poeta do século XVII, tentou explicar por que deve ser assim em sua “Canção para o dia de santa Cecília” (santa Cecília é a padroeira da música sacra):

Da celeste harmonia, da harmonia
Originou-se esse sistema universal
Quando a Natureza sob um cúmulo
De dissonantes átomos estava,
Incapaz de erguer sua fronte,
Do alto, ouviu-se a afinada voz,
“Levantai-vos, mais que mortos!”
Então, frio e quente, úmido e seco,
A suas posições saltam,
E o poder da música obedece.
Da celeste harmonia, da harmonia
Originou-se esse sistema universal:
De harmonia em harmonia
Toda a escala das notas percorreu,
O diapasão [a oitava] completando no homem.

As palavras de Dryden encontram ecos por todo o mundo cristão: C. S. Lewis mostrou a figura de Cristo, Aslam, cantando Nárnia à existência em *O sobrinho do mago*; seu amigo, John R. R. Tolkien, imaginou a criação do cosmo como um evento musical em *O Silmarillion*; e, no século XVIII, Georg Friedrich Händel musicou a ode de Dryden de forma tal que se pode escutar de fato na melodia, após o vazio e silêncio dramáticos, que lembram Gênesis 1, a explosão da transbordante alegria da harmonia celestial.

É da harmonia celestial de Pai, Filho e Espírito que esse sistema universal do cosmo — e toda harmonia criada — vem. Ouvir uma harmonia afinada pode ser uma das experiências mais inebriantemente belas. E não é de admirar: assim na terra, como no céu. Pai, Filho e Espírito sempre existiram em deliciosa harmonia e, assim, eles criam o mundo em que harmonias — seres, pessoas ou notas distintas trabalhando em unidade — são bons, refletindo o próprio ser do Deus triúno.

A eterna harmonia entre Pai, Filho e Espírito fornece a lógica para o mundo em que tudo foi criado para existir em alegre

convivência e que, a despeito da dissonância do pecado e do mal, ainda é em essência harmonioso. Assim, Atanásio, o teólogo do século IV, comparou Deus Filho a um músico, e o universo à sua lira:

Como o músico com a lira bem afinada, combinando habilmente os sons graves com os agudos e os intermédios, executa uma harmonia, assim também a Sabedoria de Deus, tomando em suas mãos o universo como uma lira, associando as coisas do ar com as da terra e as do céu com as do ar, harmonizando o singular com o todo, segundo a sua vontade e beneplácito, criou um mundo unificado, formosa e harmoniosamente ordenado.^[28]

Esses pensamentos têm inspirado muitos músicos cristãos. Johann Sebastian Bach, por exemplo, estava muito comprometido com a ideia de que o músico humano poderia ecoar e sondar a harmonia cósmica do músico divino; a ordem, os tons maiores e menores, as sombras e luzes na música repetiriam a estrutura da grande sinfonia da criação. Ao escrever música dessa forma, Bach, de maneira bastante deliberada, buscava fornecer combustível para a mente e o coração, desafiando o intelecto e agitando as afeições, pois a realidade final encontrada além da música é não apenas fascinante, mas inefavelmente bela.

O jovem contemporâneo de Bach, Jonathan Edwards, era um ardente amante da música. Uma de suas palavras favoritas era “harmonia”. Declarando que Pai, Filho e Espírito constituíam “a harmonia suprema de tudo”, ele acreditava, como Bach, que quando cantamos juntos em harmonia (como ele sempre fazia com sua família), fazemos algo que reflete a beleza do próprio Deus.

A melhor, mais bela e mais perfeita maneira de expressar uma doce conformidade mental uns com os outros é por meio da música. Quando formo em minha mente a ideia de uma sociedade da mais alta alegria, penso na expressão do amor, da alegria e beleza espiritual, da harmonia e conformidade internas da alma quando cantam com doçura uns para os outros.^[29]

Aqui está a mais profunda e fascinante beleza a ser descoberta na harmonia celestial da Trindade. Karl Barth disse: “A trindade de Deus é o segredo de sua beleza”.^[30] É claro. Na vívida harmonia das três pessoas, no amor radiante, na transbordante

excelência desse Deus há uma beleza inteiramente contrária à monotonia interesseira dos deuses monopessoais de acordo com a descrição de Fitafuso. E pelo fato de Deus ter derramado seu amor e sua vida, também podemos dizer: “A trindade de Deus é a fonte de *toda* a beleza”.

1 + 1 = ?

Como vivemos no mundo criado pelo Deus triúno, faz sentido que diferentes notas possam soar agradáveis quando unidas, que diferentes cores possam se complementar, que as coisas possam concordar. De fato, uma das maiores ironias encontra-se aqui: a Trindade é sempre desprezada pela suposta absurdidade matemática ($1 + 1 + 1 = 1$). Não obstante, é a Trindade que fornece a mais convincente base lógica para a matemática.

À primeira vista, seria possível pensar que matemática é uma disciplina muito, muito distante de qualquer forma de opinião religiosa. Com certeza $1 + 1 = 2$, quer você ame Jesus, sirva Alá ou abrace árvores. Mas não é bem assim. Para os monistas, os zenbudistas e os hinduístas vedantas, a realidade é que o todo é um. Assim, sei que pareço uma pessoa diferente de você, mas infelizmente essa aparência é mera ilusão a ser transcendida. Eu sou você. Sinto muito. Pois, não há algo como “2”. Em última análise, $1 + 1 = 1$.

É preciso haver algo como uma pluralidade absoluta para a matemática fazer sentido de verdade, para que eu creia que “2” realmente significa alguma coisa. Ainda assim, também é preciso haver algo como a unidade absoluta, de forma que $1 + 1$ *sempre seja* $= 2$, e não 83 (de vez em quando). Para ser coerente e significativa, a matemática postula a existência de absoluta pluralidade na unidade.

O que os céus proclamam?

O salmo 19 começa com “os céus proclamam a glória de Deus”. É fácil interpretar isso como nada além de uma referência ao

poder e à imensidão divinos. Você olha para o céu e contempla o poder e a supremacia transcendentais do Criador. Mas o poder de Deus nos fala somente de *como* ele pôde trazer tudo à existência. Ele não nos diz *por quê*.

Agora olhe para o céu de novo. O Deus triúno não pôs apenas umas estrelas aqui e ali; ele encheu os céus com milhões e bilhões delas. Como o salmo 19 prossegue dizendo, lá no céu, ele colocou o sol, que fornece calor, luz e vida ao mundo. Há também as nuvens que derramam chuva para fazer as coisas crescerem. Os céus declaram a amorosa generosidade de Deus. E foi por isso que ele criou.

Então, na próxima vez que você observar o sol, a lua e as estrelas, e ficar admirado, lembre-se de que eles estão ali porque Deus ama, porque o amor de Deus ao Filho irrompeu para que pudesse ser desfrutado por muitos. E eles permanecem lá apenas porque Deus não para de amar. Ele é o Pai atento que conta cada fio de cabelo da nossa cabeça, para quem a queda de cada pardal é importante; e, por amor, sustenta todas as coisas por meio do Filho, e sopra vida natural em tudo por meio do Espírito.

E não só a alegre, sobejante e expansiva bondade de Deus é a razão para a criação; o amor e a bondade do Deus triúno é a fonte de todo o amor e de toda a bondade. O teólogo puritano do século XVII, John Owen, escreveu que o amor do Pai ao Filho é “a fonte e o protótipo de todo o amor... E todo o amor na criação foi introduzido dessa fonte, para oferecer sombra e semelhança dela”. [31] De fato, no Deus triúno está o amor por trás de todo o amor, a vida por trás de toda a vida, a música por trás de toda a música, a beleza por trás de toda a beleza e a alegria por trás de toda a alegria. Em outras palavras, no Deus triúno está o Deus do qual podemos desfrutar de coração — e desfrutar na criação e por meio dela.

3. Salvação: o Filho partilha o que é dele

Amor distorcido

O Deus triúno criou o universo bom, um lugar de beleza, alegria, harmonia e amor. Ainda é o universo bom, e nós ainda podemos desfrutar dessas coisas hoje, mas agora a harmonia está manchada pelo ódio, a alegria pela dor, a beleza pela morte. O que deu errado? Ou, expressando de outra forma, o que exatamente aconteceu quando Adão e Eva pecaram em Gênesis 3 para nos deixar carentes de salvação?

A resposta a essa questão depende, na verdade, do que era originalmente “certo”. E com o que “certo” se parece depende do tipo de Deus que você tem. Pegue, por exemplo, o Deus monopessoal: esse Deus não criou a partir do amor transbordante, ele criou apenas para reinar e ser servido. Nesse caso, “certo” significa nada mais que o comportamento certo. Assumindo esse Deus, o que então deu errado? Simplesmente que Adão e Eva fizeram o que Deus lhes disse para não fazer. Eles falharam em obedecer. Claro, em um nível, é exatamente isso que vemos em Gênesis 3: o Senhor Deus ordenou que Adão não comesse da árvore do conhecimento do bem e do mal, mas Adão e Eva fizeram exatamente isso.

Mas essa resposta não se aprofunda o bastante. Na Bíblia, pecado é algo que vai além do nosso comportamento. De fato, nós podemos fazer o que é “certo” e não sermos melhores que sepulcros caiados, limpos por fora, mas podres por dentro. Jonathan Edwards argumentou que mesmo os demônios podem fazer o que é certo no sentido superficial de bom comportamento:

Certa ocasião, o diabo pareceu religioso por temer o tormento. Lucas 8.29: “Quando ele viu Jesus, gritou, prostrou-se diante dele e exclamou em voz alta: Que tenho eu contigo, Jesus, Filho do Deus Altíssimo? Imploro-te que não me atormentes”. Aqui está adoração externa. O diabo é religioso; ele ora: ele ora em uma postura humilde; ele prostra-se diante de Cristo, permanece ajoelhado; ora com sinceridade, grita em alta voz; usa expressões humildes — “Imploro-te que não me atormentes” — usa

expressões respeitadas, honrosas, de louvor — “Jesus, Filho do Deus Altíssimo”. Nada faltava, senão amor.^[32]

Este é o problema com o relato do Deus monopessoal: se o pecado envolve apenas *agir* e *comportar-se* da forma correta, então aqui o diabo não está pecando.

E se, em vez disso, começarmos com o Deus triúno? Como isso mudaria o que era “certo” em Gênesis 2? Como isso mudaria o que deu errado em Gênesis 3? Bem, em Gênesis 1.27, “Deus criou o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou”. O fato de sermos criados à imagem de Deus pode significar e significa mesmo muitas coisas; mas o fato de esse Deus ser de forma específica o Deus triúno de amor tem repercussões que ecoam por toda a Escritura. Feitos à imagem desse Deus, fomos criados para deleitarmo-nos em relacionamentos harmoniosos, para amarmos Deus e uns aos outros. Assim, Jesus ensinou que o primeiro e maior mandamento da Lei é amar o Senhor, seu Deus, com todo o coração e com toda a alma e com toda a mente, e o segundo é amar o próximo como a si mesmo (Mt 22.36-39). Para isso fomos criados.

Então, o que deu errado? Adão e Eva não pararam de amar. Eles foram criados *como amantes* à imagem de Deus, e eles não podiam desfazê-lo. Na verdade, o amor deles *mudou*. Quando o apóstolo Paulo escreve sobre pecadores, ele os descreve como “amantes de si mesmos, amantes do dinheiro [...] mais amantes do prazer que amantes de Deus” (2Tm 3.2-4, ESV). Amantes permanecemos, mas distorcidos, nosso amor pervertido e mal-orientado. Criados para amar Deus, passamos a amar nós mesmos e qualquer coisa, menos Deus. Isso vemos no primeiro pecado de Adão e Eva. Eva toma e come o fruto proibido porque o amor a si mesma — e obtenção de sabedoria para si — superou qualquer amor que ela poderia ter tido em relação a Deus.

Então, vendo a mulher que a árvore era boa para dela comer, *agradável* aos olhos e *desejável* para dar entendimento, tomou do seu fruto, comeu e deu dele a seu marido, que também comeu (Gn 3.6).

O problema é mais profundo que suas ações, mais profundo que a desobediência externa. Seu *ato* de pecado era apenas a

manifestação da mudança no coração: agora, ela deseja o fruto mais do que desejava Deus. E isso, diz Tiago, é o que acontece com todo pecado: ele flui de nossos desejos, do que amamos de forma errada:

Cada um é tentado quando atraído e seduzido por seu próprio desejo. Então o desejo, tendo concebido, dá à luz o pecado; e o pecado, após se consumir, gera a morte (Tg 1.14,15).

Temas similares surgem no lamento de Ezequiel a respeito do rei de Tiro. Lá, o Senhor fala ao rei, dizendo: “Você estava no Éden, no jardim de Deus; todas as pedras preciosas o enfeitavam: sárdio, topázio e diamante, berilo, ônix e jaspe, safira, carbúnculo e esmeralda. Seus engastes e guarnições eram feitos de ouro; tudo foi preparado no dia em que você foi criado. Você foi ungido como um *querubim guardião*” (Ez 28.13,14, NVI). Todas essas pedras preciosas dispostas no ouro que ele vestia com certeza nos lembram do sumo sacerdote de Israel, que vestia doze pedras preciosas em um peitoral enquanto servia diante da arca da aliança no tabernáculo. E na arca da aliança havia dois *querubins* de ouro, com olhos fixos no propiciatório (a tampa da arca), onde o Senhor deveria assentar entronizado (Lv 16.2; 1Sm 4.4).

Então, algo dá errado em Ezequiel. O Senhor diz a esse querubim: “O teu coração elevou-se por causa da tua beleza, corrompeste a tua sabedoria por causa do teu resplendor” (Ez 28.17). Em outras palavras, como os desejos de Eva voltaram-se para si, o olhar do querubim voltou-se para ele. Isso é o que deu errado no Éden, o jardim de Deus: os criados para apreciar a beleza do Senhor desviaram-se para apreciar a própria beleza. Os anseios de amor e os desejos do coração deles mudaram do Senhor para eles mesmos. E, assim, em vez de correrem para ele, eles agora se escondem dele.

John Milton buscou capturar essa realidade em *Paraíso perdido*, escrevendo sobre o nefasto fascínio de Eva pelo próprio reflexo. Antes que ela tomasse de fato o fruto proibido, ele nos diz, seu olhar já havia começado a focar em si mesma. Tudo começa perto de um agradável e límpido lago, e Eva inclina-se para olhar:

Mal que me inclino para baixo olhando,

Eis que dentro aparece uma figura
Que para mim a olhar também se inclina:
Medrosa me retiro, e ela medrosa
Retira-se também; mas complacente
A olhar me dobro logo, e ela instantânea
Torna a dobrar-se e complacente me olha
De simpático amor com mútuas vistas.
Fitando os olhos meus ali té'-gora
Eu penando estaria em vãos desejos^[33]

Como Deus Pai sempre olhou para além de si no Filho, e vice-versa, Eva também foi criada para olhar além de si, para olhar como Deus, e para deleitar-se em Deus como origem de toda a vida e bondade. Eva, porém, estava voltando-se para dentro, para amar a si mesma. E, assim, ela estava desviando da imagem de Deus em direção à imagem do diabo.

Dois evangelhos diferentes

Todos gostam de pregadores que fazem sermões “desafiadores” e ninguém foi mais desafiador que Pelágio. Em algum ponto no final do século V, ele chegou a Roma como uma vassoura nova, censurando a imoralidade e incitando os cristãos a viver em pureza. Pura inspiração.

Entretanto, quando Agostinho, o genial bispo de Hipona, examinou o que Pelágio estava ensinando, ele percebeu que, apesar de todo o vocabulário cristão, Pelágio havia compreendido mal a própria essência da natureza de Deus e do evangelho. Pelágio ensinava que fizemos coisas erradas — esse era o problema —, mas se quisermos ter a chance de entrar no céu, devemos começar a fazer coisas certas. Não havia compreensão do amor de Deus em parte alguma: simplesmente não ocorreu a Pelágio que fomos criados para *conhecer* Deus e *amá-lo*. Portanto, para ele, o alvo da vida cristã não era desfrutar de Deus, mas *usá-lo* como o vendedor do céu pelo preço de sermos morais.

Como era diferente a visão de Agostinho! Sabendo que Deus é o Deus triúno de amor, ele defendia que não fomos criados para simplesmente viver sob seu código moral, esperando por algum paraíso onde ele nunca estará. Fomos feitos para encontrar nosso descanso e satisfação na comunhão todo-suficiente com ele. Além disso, nosso problema não é tanto que tenhamos nos comportado mal, mas que fomos levados a amar mal. Feitos à imagem do Deus de amor, Agostinho argumentou que somos *sempre* motivados pelo amor — por isso Adão e Eva desobedeceram a Deus. Eles pecaram porque amavam outra coisa mais do que ele. Isso também significa que apenas mudar o comportamento, como Pelágio sugeriu, não faria bem algum. Algo muito mais profundo é necessário: o coração de todos nós deve ser trazido de volta.

Pouco mais de mil anos depois, Martinho Lutero adotou a linha de pensamento de Agostinho para definir o pecador como “alguém curvado sobre si mesmo”, alguém que já não amava de forma expansiva como Deus, não mais buscava a Deus, voltado para si mesmo, obcecado consigo, demoníaco. Pessoas assim podem até comportar-se moral ou religiosamente, mas tudo o que elas fazem expressa apenas o amor fundamental por si mesmas.

A natureza do Deus triúno faz toda a diferença do mundo na hora de entender o que deu errado quando Adão e Eva caíram. Significa que aconteceu algo mais profundo que a quebra de regras e o mau comportamento: pervertemos o amor e rejeitamos aquele que nos criou para amá-lo e sermos amados por ele.

Deus amou tanto...

Por mais assombroso que seja, a própria rejeição de Deus alavancou as extremas profundezas de seu amor. Observando sua resposta ao pecado, aprofundamo-nos mais do que nunca no próprio ser de Deus.

Aquele que não ama não conhece a Deus, porque *Deus é amor*. O amor de Deus para conosco manifestou-se no fato de Deus ter enviado seu Filho unigênito ao mundo para que vivamos por meio dele. Nisto está o

amor: não fomos nós que amamos a Deus, mas foi ele quem nos amou e enviou seu Filho como propiciação pelos nossos pecados (1Jo 4.8-10).

O Deus de amor manifesta esse amor de forma definitiva ao mundo quando lhe envia o Filho eternamente amado para expiar seu pecado. E, assim, por meio do envio do Filho para a nossa salvação, vemos com mais clareza que nunca o quanto é generoso e autossacrificante o amor do Deus triúno.

Sem a cruz, jamais poderíamos imaginar a profundidade e a seriedade do significado de dizer “Deus é amor”. “*Nisto conhecemos o amor: Cristo deu sua vida por nós, e devemos dar nossa vida pelos irmãos*” (1Jo 3.16). Na cruz, observamos a grandiosa santidade do amor de Deus, que a luz de seu puro amor destruirá as trevas do pecado e do mal. Na cruz, vemos a intensidade e a força do seu amor, que não é algo insípido, mas majestosamente poderoso ao encarar morte, batalhar o mal e conceder vida. Pois Cristo não foi preso contra sua vontade e arrastado para a crucificação indesejada. Ninguém pode lhe tirar a vida, ele disse. “Eu a dou espontaneamente. Tenho autoridade para dá-la e para retomá-la. Essa ordem recebi de meu Pai” (Jo 10.18). O amor autossacrificante de Jesus é inteiramente livre e espontâneo. Ele tem origem, não em alguma necessidade, mas inteiramente em quem ele é, a glória do Pai. Pela cruz, vemos o Deus que se deleita em entregar-se.

Mas, *por que* o Pai enviou seu Filho a nós? Uma razão suficientemente boa foi apresentada em João 3.16: “*Deus amou tanto o mundo, que deu o seu Filho unigênito*”. Isso é formidável o bastante; porém, mais adiante no evangelho de João, Jesus fala de uma razão ainda mais poderosa e primordial. Orando a seu Pai, Jesus diz:

Pai justo, o mundo não te conheceu, mas eu te conheço; e estes reconheceram que tu me enviaste. E fiz que conhecessem o teu nome e continuarei a fazê-lo conhecido; para que o amor com que me amaste esteja neles, e eu também neles esteja (Jo 17.25,26).

Ou seja, o Pai enviou o Filho para fazer-se conhecido — isso significa não que ele queria apenas fornecer alguns dados sobre si mesmo, mas *que o amor eterno do Pai ao Filho pudesse estar nos que cressem nele, e que eles pudessem desfrutar do Filho como o*

Pai sempre o fez. Logo, aqui está a salvação que nenhum deus monopessoal poderia oferecer mesmo que quisesse: o Pai deleita-se tanto no amor eterno ao Filho que ele deseja partilhá-lo com todos os que crerão. Em última instância, o Pai enviou o Filho porque o Pai tanto amou o Filho — que queria compartilhar esse amor e comunhão. Seu amor ao mundo é o derramamento de seu todo-poderoso amor ao Filho.

De fato, apenas alguns versículos antes, Jesus se expressa de forma ainda mais provocativa, dizendo ao Pai: “Eu lhes [aos que creem] dei a glória que me deste” (Jo 17.22). Essas são palavras que deveriam nos levar a um infarto, pois, em Isaías 42.8, o Senhor clara e enfaticamente afirma: “Eu sou o SENHOR; este é o meu nome. *Não darei* a minha glória a outro”. Como, então, Jesus poderia dar sua glória?

Todavia, o Senhor Deus em Isaías 42 não é um Deus monopessoal, abraçando desesperadamente a si mesmo e recusando-se a compartilhar enquanto choraminga “*Não darei* minha glória a outro”. Em Isaías 42, o Senhor está falando de Seu servo, seu Escolhido, aquele a quem ele unge com seu Espírito (v. 1). Isto é, o Pai está falando do Filho ungido, o que não quebrará a cana esmagada, nem apagará o pavio que esfumaça (v. 3; cf. Mt 12.15-21, onde se diz que Jesus cumpre a profecia de Isaías). Na verdade, o Senhor passa a dirigir-se de forma direta a ele:

Eu, o SENHOR, te chamei em justiça; tomei-te pela mão e guardei-te; eu te fiz mediador da aliança com o povo e luz para as nações; para abrir os olhos dos cegos, para tirar da prisão os presos e do cárcere os que habitam em trevas. Eu sou o SENHOR; este é o meu nome. *Não darei* a minha glória a outro (Is 42.6-8).

Em outras palavras, longe de guardar sua glória, o Pai a entrega, livre e completamente, ao Filho. Significa simplesmente que ele não dará a *outro além* de seu Filho.

Porém, como se encontra, isso poderia parecer generosidade limitada e contida. Com certeza, é melhor que a recusa completa do Deus monopessoal de compartilhar, mas a exclusividade não nos atinge de imediato como ótimas notícias e causa de alegria. Na verdade, porém, isso está no cerne do motivo de a salvação do

Deus triúno ser tão infinitamente superior à salvação oferecida por outro deus. O Pai entrega *toda* a sua glória, seu amor, suas bênçãos, seu próprio ser com exclusividade ao Filho — e, então, ele envia o Filho para partilhar essa plenitude conosco: “Eu lhes dei a glória que me deste”.

O Pai, então, não verte bênçãos de longe; e a salvação provida por ele não envolve sermos mantidos à distância, meramente apiedados e perdoados pelo Criador. Em vez disso, ele derrama todas as suas bênçãos no Filho e, então, o envia para que possamos partilhar de sua gloriosa plenitude. O Pai ama tanto que ele deseja envolver-nos na amorosa comunhão de que ele desfruta com o Filho. E isso significa que posso conhecer Deus como ele verdadeiramente é: Pai. Na verdade, posso conhecer o Pai como *meu* Pai.

Mas como? Como meu Criador poderia passar a tratar-me como trata seu Filho?

Nosso grande sumo sacerdote

O texto de João 17, em especial, abre as cortinas. É uma passagem tradicionalmente conhecida como “oração sacerdotal” de Jesus, e isso porque ela faz alusão à obra dos sumos sacerdotes de Israel no Antigo Testamento — homens como Arão, o irmão de Moisés, designados para comparecer à presença do Senhor *a favor do povo de Deus* e, em particular, para trazer o sangue do sacrifício anual de expiação ao Senhor.

O primeiro ponto sobre os sumos sacerdotes de Israel era que eles tinham de ser israelitas (da tribo de Levi), partilhando da carne e do sangue do povo de Deus. Assim, ao tornar-se o verdadeiro e definitivo sumo sacerdote, o Deus Filho desceu do céu e assumiu nossa carne e sangue, tornando-se um de nós.

Portanto, visto que os filhos compartilham de carne e sangue, ele também participou das mesmas coisas, para que pela morte destruísse aquele que tem o poder da morte, isto é, o Diabo; e livrasse todos os que estavam sujeitos à escravidão durante toda a vida, por medo da morte. Pois, na verdade, ele não auxilia os anjos, mas sim a descendência de Abraão. Por essa razão era necessário que em tudo se tornasse semelhante a seus irmãos, para que viesse a ser um sumo sacerdote

misericordioso e fiel nas coisas que dizem respeito a Deus, a fim de fazer propiciação pelos pecados do povo (Hb 2.14-17).

O evento em letras garrafais na agenda de todo sumo sacerdote era o *Yom Kippur*, o Dia da Expição (Lv 16). Nesse dia, ele sacrificaria um bode, que em sentido simbólico morreria pelos pecados do povo, e traria o sangue do animal à presença do próprio Senhor no tabernáculo. Todo o ritual possuía apenas um caráter simbólico, claro,

pois é impossível que o sangue de touros e de bodes apague pecados. Por isso, entrando no mundo, ele diz: Tu não quiseste sacrifício e oferta, mas me preparaste um corpo (Hb 10.4,5).

No verdadeiro Dia da Expição, Cristo, o sumo sacerdote não sacrificaria um bode, mas o próprio corpo — sua carne e sangue — na cruz.

“Quando eu vi a cruz, vi a Trindade”

O fantástico é que o *Filho* penda da cruz. O Pai, em seu grande amor, envia o Filho; e o Filho, deleitando-se em realizar a vontade do Pai, e partilhar o amor do Pai, vai. De fato, esse amor e deleite tornam o Filho irrefreável: ele manifesta o firme propósito de ir a Jerusalém, onde morrerá; censura Pedro por sugerir o contrário; estremece ao pensar nisso, mas dá a vida de forma espontânea (Jo 10.18). Pois ele, o Filho, deseja ser sumo sacerdote e sacrifício pelo pecado, oferecendo-se ao Pai por meio do Espírito (Hb 9.14).

Isso significa que o Pai não faz um terceiro indivíduo sofrer para efetuar a expiação. O único a morrer é o cordeiro de Deus, o Filho. E isso significa que ninguém além de Deus contribui para a obra da salvação: Pai, Filho e Espírito realizam tudo. Porém, se Deus não fosse triúno, se não houvesse Filho, nem cordeiro de Deus para morrer em nosso lugar, então teríamos de expiar o pecado por nós mesmos. Precisaríamos providenciar, pois Deus não seria capaz. Mas — Aleluia! — Deus tem um Filho e, em sua infinita bondade, ele morre, pagando o salário do pecado *por nós*. *Porque* Deus é triúno a cruz consiste em tamanha boa-nova.

Esse momento viria em João 19, mas, em João 17, Jesus mostra o que tudo isso realizaria. Em João 17, Jesus realiza a função mais comum do sumo sacerdote — *uma obra que dependia do ato sacrificial de expiação*. E que obra é essa? Todo dia, o sumo sacerdote deveria oferecer incenso de aroma suave diante de Deus no tabernáculo (Êx 30.7-10), e deveria realizar isso enquanto vestia sobre o coração uma placa de ouro em que estavam presas doze joias. Cada uma dessas joias estava gravada com o nome de uma das tribos de Israel (Êx 28.15-29). Assim, o sumo sacerdote estaria na presença do Senhor com o povo de Deus, por assim dizer, no coração.

Tudo isso é exatamente o que Jesus faz em João 17: ele chega diante de Deus, seu Pai, com o incenso de suas orações (como aroma agradável diante do Senhor, o incenso simboliza a oração; v. Sl 141.2; Ap 5.8). E ele o faz com o povo de Deus no coração: “E rogo não somente por estes [os apóstolos], mas também por aqueles que virão a crer em mim pela palavra deles” (Jo 17.20). Em outras palavras, como o sumo sacerdote de Israel simbolicamente trazia o povo de Deus perante o Senhor no peitoral sobre o coração, Cristo nos traz, nele, diante do Pai. Deus Filho veio do Pai, tornou-se um de nós, morreu nossa morte — e tudo para levar-nos de volta para diante de seu Pai, como as joias no coração do sumo sacerdote.

A primeira oração de Jesus por todo o seu povo é “para que todos sejam um [...] para que sejam um, assim como nós somos um; eu neles, e tu em mim, *para que eles sejam levados à plena unidade*” (v. 21-23). É uma oração muito apropriada para Jesus orar como nosso sumo sacerdote, pois o Salmo 133 inicia assim:

Como é bom e agradável os irmãos viverem em união! É como o óleo precioso sobre a cabeça, que desce para a barba, a barba de Arão, e desce sobre a gola das suas vestes (Sl 133.1,2).

O salmo refere-se à ordenação de Arão como sumo sacerdote, quando o óleo sagrado da unção seria derramado sobre sua cabeça (Lv 8.12). Da mesma forma, Cristo (o “Ungido”) seria ungido pelo Espírito no batismo. E como o óleo descia da cabeça de Arão para o corpo, o Espírito descia de Cristo, nosso Cabeça, para seu Corpo,

a igreja. Assim, *nós* nos tornamos “participantes de sua unção”.^[34] O Espírito, por meio de quem o Pai havia amado o Filho na eternidade, agora ungiria os crentes “para que sejam um, assim como nós somos um” (v.22). Um com o Senhor, um com cada outro. Isso é bem mais que salvação. Na verdade, quanto mais trinitária a salvação, maior ela é. Pois não apenas somos trazidos diante do Pai no Filho, também recebemos o Espírito com o qual ele foi ungido. Jesus disse em João 16.14 que o Espírito “me glorificará, pois receberá do que é meu e o anunciará a vós”. O Espírito toma o que é do Filho e torna nosso. Quando o Espírito desceu sobre o Filho no batismo, Jesus ouviu o Pai declarar do céu: “Este é o meu Filho amado, de quem me agrado”. Mas agora que o mesmo Espírito de filiação desce sobre mim, as mesmas palavras aplicam-se a mim: em Cristo, meu sumo sacerdote, sou filho adotado, amado, ungido pelo Espírito. Como Jesus diz ao Pai em João 17.23: “[Tu] os amaste, assim como me amaste”. Assim, quando o Filho me leva diante do Pai, com seu Espírito em mim, posso declarar com ousadia: “Aba”, porque agora partilho com liberdade de sua comunhão: o Altíssimo, *meu* Pai; o Filho, meu irmão maior; o Espírito, não mais apenas o Consolador de Jesus, mas também o meu.

Tão amados quanto o Filho

João 1.18 descreve Deus Filho eternamente “no seio ou ao lado do Pai”. Ninguém imaginaria, mas Jesus declara que seu desejo é que os crentes possam estar com ele ali (Jo 17.24). Foi por isso, na verdade, que o Pai o enviou, para que nós, que o rejeitamos, pudéssemos ser trazidos de volta — e trazidos de volta não só como criaturas, mas como filhos, para desfrutar do abundante amor que o Filho conhece desde sempre.

James I. Packer escreveu certa vez:

Se quiser julgar até que ponto uma pessoa entendeu o que é cristianismo, descubra que valor ela dá ao fato de ser filha de Deus e ter a Deus por Pai. Se este pensamento não dominar e controlar suas orações, adoração e toda a sua atitude perante a vida, isso demonstra não ter entendido bem o cristianismo.^[35]

De fato. Quando uma pessoa deliberada e confiantemente chama o Todo-Poderoso de “Pai”, isso mostra que ela entendeu algo belo e fundamental sobre quem Deus é e para o que ela foi salva. E como isso nos conquista o coração de volta a ele! Afinal, o fato de Deus Pai estar feliz e até deleitar-se em partilhar seu amor ao Filho e, assim, ser conhecido como *nosso* Pai revela quão insondavelmente gracioso e bondoso ele é.

É de fato com magnânimo deleite que ele nos dá esse privilégio. Quando alguém vem à fé, os cristãos com frequência sorriem e dizem (em alusão a Lc 15.10) que os anjos se alegram no céu. Mas o que Lucas 15.10 realmente diz é que há alegria no céu *na presença* dos anjos de Deus por um pecador que se arrepende. Quem está no céu na presença dos anjos de Deus? Deus. É Deus, antes e acima de todos, que se regozija em extravasar seu amor sobre os que o rejeitaram.

Conhecer Deus como nosso Pai não só embeleza de maneira maravilhosa nossa visão dele; isso nos dá o mais profundo conforto e alegria. Essa honra é estonteante. Ter por pai algum rei rico seria ótimo; mas ser o amado do Imperador do universo está além das palavras. Claramente, a salvação desse Deus é melhor que o perdão e, com certeza, mais segura. Outros deuses podem oferecer perdão, mas esse Deus nos recebe e abraça como seus filhos, ele jamais nos afastará. (Pois filhos não são rejeitados por serem maus). Ele não oferece algum tipo de relacionamento “bem me quer, mal me quer” em que preciso buscar seu favor e manter-me nele com o comportamento impecável. Não, “a todos que o receberam, aos que creem no seu nome, deu-lhes a prerrogativa de se tornarem filhos de Deus” (Jo 1.12) — e, assim, a segurança de desfrutar de seu amor para sempre.

Pense em quem é o Filho: ele é o único eterna e absolutamente amado pelo Pai; o Pai jamais moderaria ou renunciaria o amor ao Filho — e o Filho vem para partilhar *isso*, como o Pai desejou. Visto que Jesus não se envergonha de chamar-nos irmãos (Hb 2.11), seu Pai não se envergonha de ser conhecido como nosso (Hb 11.16). Nada poderia nos dar maior confiança e deleite ao aproximar-nos do trono celestial de graça. “Vede que grande amor o Pai nos tem

concedido, o de sermos chamados filhos de Deus, o que realmente somos” (1Jo 3.1).

A diferença entre um Pai e um *Führer*

Agora, imagine um deus que não é Pai, Filho e Espírito: jamais em seus sonhos mais loucos ele poderia preparar essa salvação. Se Deus não fosse Pai, ele não nos poderia dar o direito de sermos seus filhos. Se ele não desfrutasse de eterna comunhão com o Filho, teríamos de perguntar se haveria alguma comunhão para compartilhar conosco, ou se ele mesmo saberia o que é comunhão. Se, por exemplo, o Filho fosse uma criatura e não estivesse “no seio do Pai” pela eternidade, conhecendo-o e sendo amado por ele, que tipo de relacionamento com o Pai ele poderia dividir conosco? Se o próprio Filho nunca foi próximo do Pai, como poderia nos aproximar dele?

Se Deus fosse monopessoal, a salvação seria completamente diferente. Ele poderia permitir-nos viver sob seu poder e proteção, mas a uma distância infinita, acessível, talvez, por meio de intermediários. Ele poderia até oferecer perdão, mas não ofereceria intimidade. E, como, por definição, ele não amaria por toda a eternidade, ele lidaria pessoalmente com o preço do pecado e ofereceria esse perdão de graça? Muito improvável. Continuaríamos mercenários distantes, jamais ouvindo as preciosas palavras do Filho ao Pai: “Tu os amaste, assim como me amaste”.

Mas esse Deus vem a nós em pessoa, o Pai regozijando-se em partilhar seu amor ao Filho, enviando-o para que nele possamos ser trazidos de volta ao seio do Pai, para, pelo Espírito, clamar-lhe “Aba”.

Odiando Deus e amando o Pai

O reformador Martinho Lutero sabia bem o quanto a Paternidade de Deus muda a estrutura da salvação e todos os nossos pensamentos sobre Deus. Como monge, sua mente estava tomada pelo conhecimento de que Deus é justo e odeia o pecado, mas ele não

conseguiu avançar no conhecimento sobre quem é Deus — o que é sua justiça e *por que* ele odeia o pecado.

O resultado, ele disse, foi que “eu não amava; sim, eu odiava o Deus justo que pune pecadores e, em segredo, se não em blasfêmia, mas certamente murmurando de modo considerável, estava irado com Deus”.^[36] Não reconhecendo Deus como o Pai gentil e disposto, o Deus que nos aproxima de si, Lutero descobriu que não poderia amá-lo. Ele e seus colegas monges transfeririam suas afeições a Maria e a muitos outros santos; era a eles que eles amariam e a eles orariam.

Isso mudou quando ele começou a ver que Deus é o Deus paternal que compartilha, que dá sua justiça, glória e sabedoria a nós. Mais tarde, recordando, ele refletiu que, como monge, não estava de fato adorando o Deus certo, pois “não é o bastante”, ele disse então, conhecer Deus como criador e juiz. Só quando Deus é conhecido como Pai amoroso ele é conhecido com correção.

Pois o mundo inteiro, ainda que com toda a diligência tenha buscado saber o que Deus é e o que tem em mente e faz, jamais logrou alcançar qualquer dessas coisas. Mas [...] ele mesmo revelou e patenteou o mais profundo abismo de seu coração paterno e de seu amor totalmente inexprimível.^[37]

Ao enviar seu Filho para trazer-nos de volta a si, Deus revelou-se como inexprimivelmente amoroso e supremamente paternal. O que Lutero descobriu foi que isso não só oferece grande segurança e alegria, mas também nos arrebatava o coração, a fim de “sentirmos e vermos nisso seu coração paterno e seu imenso amor para conosco. Isto aqueceria o coração e o estimularia a ser grato”.^[38] Na salvação desse Deus, vemos o Deus a quem podemos amar de verdade.

O Filho compartilha seu conhecimento do Pai

“Pois não obstante o mundo todo tenha, mui cuidadosamente, procurado compreender a natureza, a mente e a

atividade de Deus, não têm obtido sucesso nesse assunto”, escreveu Lutero. Seu colega reformador, João Calvino, expressou com franqueza ainda maior (e ser mais franco que Lutero é sempre impressionante):

aqueles que dentre os homens são os mais talentosos, são mais cegos que as toupeiras! [...] Afinal, por certo jamais nem sequer o cheiro sentiram daquela certeza da divina benevolência para conosco, sem a qual a mente do homem necessariamente se enche de desmedida confusão. Portanto, a razão humana nem se aproxima, nem se esforça, nem sequer mira em direção a esta verdade, de sorte a entender quem seja o Deus verdadeiro, ou o que ele seja para conosco. ^[39]

Lutero e Calvino tinham em mente versículos como Mateus 11.27: “Ninguém conhece o Filho, senão o Pai; e ninguém conhece o Pai, senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar” e João 1.18: “Ninguém jamais viu a Deus. O Deus unigênito, que está ao lado do Pai, foi quem o revelou”. Resumindo, se Deus não tivesse dito uma palavra a nós, simplesmente não o conheceríamos ou sonharíamos com sua profunda benevolência.

Claro, se Deus é monopessoal, e sempre esteve sozinho, por que ele deveria falar? Na solidão da eternidade anterior à criação, com quem ele teria falado? E por que ele começaria agora? O hábito de guardar-se para si mesmo estaria arraigado. Seria mais provável que um Deus assim continuasse desconhecido.

Mas, e se, por acaso, esse Deus tivesse algo a dizer? Aqui, não ficamos a imaginar: o *Alcorão* é um exemplo perfeito de palavra de um deus solitário. Alá é um deus monopessoal que tem uma palavra eterna com ele no céu, o *Alcorão*. À primeira vista, isso faz Alá parecer menos que eternamente solitário. Porém, muito importante é o fato de que a palavra de Alá é um *livro*, não um verdadeiro companheiro. E trata-se de um livro somente *sobre* ele. Assim, quando Alá entrega o *Alcorão*, ele dá uma *coisa*, um depósito de informações sobre si mesmo e sobre como ele gosta das coisas.

Entretanto, quando o Deus triúno nos entrega sua Palavra, ele entrega o próprio ser, pois o Filho é a Palavra de Deus, a

perfeita revelação desse Pai. A Palavra estava com Deus e a Palavra *era* Deus. É tudo muito revelador. Esse Deus não nos dá *algo* além dele mesmo, ou apenas nos conta *sobre* si mesmo; ele se entrega de verdade a nós. Se ele apenas jogasse um livro do céu, poderia manter-nos ao tipo de distância esperado. Mas ele não o faz. A própria Palavra de Deus — que é Deus — vem a nós e habita conosco.

E, assim, em Jesus Cristo, a Palavra de Deus, vemos a mais reveladora revelação. Em Jesus, vemos que Deus é Pai, Filho e Espírito, pois ele é amado pelo Pai e ungido com o Espírito. Em Jesus, vemos o Deus tão generoso e bom que ele se entrega a nós e vem para estar conosco. E visto que o Filho é “a imagem do Deus invisível” (Cl 1.15), “o resplendor da sua glória e a representação exata do seu Ser” (Hb 1.3), nós podemos saber, como ele diz, que “Quem vê a mim, vê o Pai” (Jo 14.9). Se ele não fosse verdadeiramente Deus, do próprio ser do Pai, ele não poderia de fato revelar Deus, e ficaríamos imaginando se o Deus por ele representado é de verdade tão bom quanto ele. Porém, considerando quem ele é, podemos confiante e deliberadamente dizer que, em Jesus, *conhecemos Deus*. Pois ele é o próprio Deus, e ele vem, não apenas para partilhar o amor do Pai conosco, mas também para partilhar seu conhecimento do Pai conosco. Ele vem para que possamos crescer em conhecer o Pai como ele o conhece. Assombrosamente, então, porque Deus é Pai, Filho e Espírito — porque o Pai tem uma Palavra que é Deus, de seu próprio ser, e que está com ele e o conhece — nós podemos conhecê-lo, e conhecê-lo com uma intimidade que nenhum outro Deus poderia permitir.

Então, há o Espírito — e mais e mais, este capítulo estica-se para alcançar o próximo, pois há muito a falar sobre o Espírito. Por enquanto, contudo, vamos notar apenas uma coisa: ao revelar-se, não apenas o Pai envia o Filho no poder de seu Espírito, mas, juntos, Pai e Filho enviam o Espírito para tornar o Filho conhecido. O Filho torna o Pai conhecido; o Espírito torna o Filho conhecido. Ele faz isso em primeiro lugar ao inspirar as Escrituras (2Tm 3.16; 1Pe 1.11,12) para que nelas, a “palavra de Cristo”, Jesus possa ser conhecido (Rm 10.17; Cl 3.16).

Isso significaria, na verdade, que estamos de volta a Deus apenas nos dando um livro, como no islã? Longe disso, pois — como veremos, se você puder aguentar a espera — Deus Espírito não só inspira a Escritura, ele também vem a nós. Com efeito, ele vem *para dentro* de nós. Não poderia haver maior intimidade com esse Deus.

Isso significa que o motivo de toda a Escritura é tornar Cristo conhecido. Como o Pai torna o Filho conhecido, as Escrituras sopradas pelo Espírito tornam o Filho conhecido. Paulo escreveu a Timóteo: “desde a infância sabes as Sagradas Letras, que podem fazer-te sábio para a salvação, pela fé que há em Cristo Jesus” (2Tm 3.15). Ele refere-se ao Antigo Testamento, claro, mas o mesmo poderia ser dito do Novo. Da mesma forma, Jesus disse aos judeus de sua época:

Vós examinais as Escrituras, pois julgais ter nelas a vida eterna; e são elas que dão testemunho de mim; mas não quereis vir a mim para terdes vida! [...] Pois se crêsseis em Moisés, crerieis em mim; porque ele escreveu a meu respeito (Jo 5.39,40,46).

De maneira muito clara, Jesus acreditava que é bastante possível examinar as Escrituras e perder por completo o foco, que é proclamá-lo de forma que os leitores possam vir a ele para ter vida.

Por quem você está procurando?

Tudo isso afeta bastante o motivo de abriremos a Bíblia. Podemos abrir a Bíblia por todos os tipos de razões estranhas — uma obrigação religiosa, uma tentativa de conquistar o favor de Deus, ou achando que ela serve como guia de autoajuda, um manual de dicas úteis para a vida religiosa eficaz. Na verdade, essa ideia é uma das razões principais de muitos sentirem-se desencorajados na leitura bíblica. Esperando encontrar lições rápidas sobre como eles deveriam viver o dia de hoje, essas pessoas encontram, em vez disso, uma genealogia ou uma lista de vários sacrifícios. E como páginas e páginas de histórias, descrições do templo, instruções aos sacerdotes poderiam afetar como eu descanso, trabalho e oro hoje?

Porém, quando você vê que Cristo é o assunto de toda a Escritura, que ele é a Palavra, o Senhor, o Filho que revela seu Pai, a esperança prometida, o verdadeiro templo, o verdadeiro sacrifício, o grande sumo sacerdote, o Rei supremo, então você consegue ler, não tanto perguntando: “O que isso significa para mim, nesse exato momento?”, mas, “O que aprendo aqui sobre Cristo?”. Saber que a Bíblia é sobre ele, e não sobre mim, significa que, em vez de ler a Bíblia obcecado por mim, sou capaz de contemplá-lo. E, assim, ao ser cativado pelo encanto de sua história nessas páginas, você descobrirá o coração pulsando por ele de uma maneira que nunca alcançaria se tratasse a Bíblia como um livro a seu próprio respeito.

Ou, permita-me falar como pregador. Às vezes, quando sou convidado para pregar em algum lugar, as coisas acontecem mais ou menos assim:

LEITOR (*lê a passagem bíblica escolhida com muita simpatia e diz*): Essa é a Palavra do Senhor.

PESSOAS: burburinho.

LÍDER: Obrigado, leitor. E agora, creio que Reeves subirá e tentará explicar essa passagem para nós.

REEVES (*pensa consigo*): Não, eu não vou! Isso não será algum tipo de exercício de interpretação de texto. Eu pretendo proclamar a Palavra de Deus! (*caminha até o púlpito/tribuna, tentando livrar-se do mau humor*).

Eu sei, é um pouco pedante, mas isso nasce do medo de apenas estudarmos as Escrituras como textos interessantes em vez de ouvi-las como as próprias palavras de Deus que nos prometem Cristo e nos atraem a ele. Pois o Espírito inspirou essas palavras para que possamos fixar nossos olhos nele, aquele que revela o Pai a nós. Charles Spurgeon, o pregador-mestre de olhos brilhantes do século XIX, expressou essa verdade da seguinte forma:

O lema de todos os verdadeiros servos de Deus deve ser: “Pregamos Cristo, e este crucificado”. Um sermão sem Cristo é como pão sem farinha nele. Não há Cristo em seu sermão, amigo? Então vá para casa, e jamais pregue outra vez até ter algo digno para pregar. [\[40\]](#)

Sim! Pois Cristo é a Palavra de Deus. Sem ele, seríamos “mais cegos que toupeiras”, jamais imaginando quão paternal Deus é. Mas, as Escrituras inspiradas pelo Espírito o proclamam como o resplendor de seu Pai, o único que pode partilhar conosco a verdadeira vida em que se conhece e se é amado pelo Pai.

4. A vida cristã: o Espírito embeleza

O Espírito de vida

A primeira coisa que o *Credo niceno* diz sobre o Espírito é que ele é “Senhor e Vivificador”. No princípio, foi o Espírito que, como uma pomba mãe, primeiro vitalizou a criação e soprou vida nela; da mesma forma, é o Espírito que dá *nova* vida — primeiro a Jesus no túmulo (Rm 8.11) e, então, a nós.

Ora, apenas dizer isso equivale a uma declaração profunda: não há vida em nós mesmos. Dependemos inteiramente do Espírito. E se é assim que fomos criados para ser, muito mais verdadeiro isso é para nós agora! Quando Adão e Eva desviaram-se de Deus em Gênesis 3, eles passaram para a morte. Como resultado, todos nós entramos no mundo como natimortos espirituais, mortos em nossas transgressões e pecados (Ef 2.1). “Morte” aqui, evidentemente, não significa não existência; mas que, como Adão e Eva, o coração de todos nós está desviado do Senhor. Por natureza, amamos e desejamos outras coisas — de modo especial, nós mesmos — e não ele, que é a fonte de vida.

Esse é um problema real, pois fomos criados para seguir o coração, fazer o que queremos. Como Adão e Eva seguiram os desejos de seu coração quando pecaram no início, nós os repetimos. “O coração do homem planeja seu caminho” (Pv 16.9). Mas se não quisermos — se o coração não desejar — o Senhor da vida, então jamais o escolheremos e, assim, permaneceremos prisioneiros da morte. Não há esperança de vida a ser encontrada em nós mesmos. Assim, Martinho Lutero escreveu que a primeira coisa que a crença no Espírito significa é que “por minha própria razão ou força não posso crer em Jesus Cristo, meu Senhor, nem vir a ele. Mas o Espírito Santo me chamou pelo evangelho”.^[41]

Visto que nosso problema está em nosso coração, o Espírito nos confere novo nascimento em uma nova vida precisamente por dar-nos um coração novo (Ez 36.26; Jo 3.3-8). A ferramenta que ele usa é a Escritura (1Pe 1.23; Tg 1.18), mas por meio da Escritura ele

abre nossos olhos cegos para verem quem o Senhor verdadeira e formosamente é e, assim, ele conquista nosso coração de volta a ele. E *isso é vida* — conhecê-lo (Jo 17.3).

O desejo de viver

Um homem que aprendeu tudo isso de forma bastante pessoal foi William Tyndale, o gênio linguista que traduziu pela primeira vez a totalidade da Bíblia dos originais hebraico e grego para o inglês. Ele cresceu acreditando que o cristianismo era, em grande parte, uma questão externa — de comportamento e rituais corretos. Por meio da ávida leitura da Escritura, contudo, ele veio a perceber que sua mentalidade tinha sido, na melhor hipótese, invertida.

Como ele escreveria mais tarde, o pecado não é “aquela obra externa cometida apenas pelo corpo”; pelo contrário, todo ato pecaminoso nasce

do coração, com todos os poderes, afeições e apetites, com os quais nada podemos senão pecar [...] a Escritura perscruta com singularidade o coração e a raiz e fonte original de todo pecado, que é a incredulidade no íntimo do coração.

Nosso problema encontra-se nos nossos desejos. Por natureza, não temos apetite por Deus e depositamos nossas afeições em outro lugar. Nossa única esperança de vida é sermos achados com o Espírito, o qual “provoca cobiça [isto é, desejo!], desoprime o coração, torna-o livre, coloca-o em liberdade”.^[42]

Essas frases surgem em muitos dos escritos de Tyndale e, como sulcos brancos na superfície do mar, elas mostram que algo poderoso move-se abaixo. Se a primeira obra do Espírito na salvação é “desoprimir” nosso coração para que possamos ter cobiça ou desejo pelo Senhor, então a vida cristã envolve muito mais que “chegar ao céu”. O Espírito deseja incluir-nos na vida divina. O Pai deleita-se eternamente no Filho por meio do Espírito, e o Filho no Pai; a obra do Espírito em dar-nos nova vida, então, não é nada menos que conduzir-nos à participação nesse deleite mútuo.

O Espírito dá a si mesmo

A vida que o Espírito dá não é algo abstrato. Na verdade, não é primariamente uma *coisa* o que ele dá. O Espírito nos dá seu próprio ser, para que possamos conhecer e desfrutá-lo e, assim, desfrutar de sua comunhão com o Pai e o Filho. O teólogo puritano Thomas Goodwin escreveu: “Não apenas Deus nos abençoa com todas as outras coisas boas, mas acima de tudo, comunicando *a si próprio* e sua própria bem-aventurança”. Vimos antes que muitos teólogos apreciam comparar Deus a uma fonte em que seu próprio ser envolve emitir vida e amor. Outra imagem que os teólogos têm apreciado usar para Deus é a do sol radiante (seguindo os versículos de Sl 84.11 e Jo 8.12), e é ao sol que Goodwin compara Deus:

O sol não só enriquece a terra com tudo o que há de bom [...] mas alegra e revigora a todos derramando diretamente *suas próprias asas* de luz e calor, o que é tão agradável de contemplar e desfrutar. E deste modo age Deus, e Cristo, o sol da justiça. ^[43]

Assim como o sol dá *de si* — de sua luz e calor — ao brilhar sobre nós, Deus dá-nos de si mesmo e da bem-aventurança de que ele sempre desfrutou. Ele o faz ao dar-nos seu Filho, e o faz ao dar-nos seu Espírito.

Essa é uma das verdades um pouco semelhante à prata — facilmente embaçada e coberta por fuligem. Quando cristãos falam de Deus dando-nos “graça”, por exemplo, podemos de forma rápida imaginar que “graça” é algum tipo de trocado que ele distribui. Mesmo a antiga explicação de “graça” como “riquezas de Deus à custa de Cristo”^[44] pode fazer soar como uma coisa que Deus nos dá. Na verdade, porém, a palavra “graça” é um atalho para falar sobre a bondade amorosa e pessoal pela qual, em última análise, Deus entrega *a si mesmo*.

Agora estamos nos aproximando do coração da Reforma no século XVI. No catolicismo romano medieval, a graça passara a ser vista como uma “coisa”: os católicos rezavam “Ave Maria, *cheia de graça*” como se Maria fosse uma garrafa e a graça, o leite. O efeito colateral dessa crença pode ser sentido no debate seminal de 1539,

entre (no canto vermelho) o católico romano cardeal Sadoletto e (no canto azul) o reformador João Calvino.

Um dos argumentos de Sadoletto contra a mensagem da Reforma era que, se for pregado que Deus salva pessoas somente por sua graça, elas não receberão qualquer razão para desejar a santidade. Afinal, se minha santidade não contribui de forma alguma para me salvar, por que me incomodar? Eu tenho a “graça”, ora. Foi um *jab* poderoso na cabeça teológica de Calvino, mas o reformador reagiu com um nocaute: que Sadoletto tinha fundamentalmente se equivocado sobre a salvação, como se ela fosse algo diferente de ser levado a conhecer, amar e, assim, desejar agradar o Deus formosamente santo. Para Calvino, salvação não significava obter uma *coisa* chamada “graça” — e, sim, receber com gratuidade o Espírito, e, deste modo, o Pai e o Filho.

Problema similar ao de Sadoletto ocorre quando o Espírito é considerado uma força, e não uma pessoa. Mais uma vez, isso dá a impressão de Deus lá no céu lançando sinais de sua bênção (“a força”) enquanto ele próprio permanece completamente à distância. E, se esse é o caso, então dificilmente posso ter comunhão com essa força (ou com o Pai ou com o Filho): o Espírito deve ser um poder que devo obter e usar enquanto sigo com minha vida. Alguns praticam magia, outros têm dinheiro e os últimos produtos de beleza; eu uso o Espírito. E se eu consigo usar o Espírito mais do que os outros cristãos, parabéns espirituais para mim.

Que diferença faz saber que o Espírito é uma pessoa tão real quanto Jesus Cristo, e que ele vem para viver em mim! Reuben A. Torrey colocou (muito exoticamente) desta forma:

Quão comumente certo jovem tem sua mão à porta de algum aposento do pecado, no qual está prestes a entrar, e lhe vem o pensamento: “se eu entrar ali, minha mãe talvez saiba e isso quase a mataria”. E ele dá as costas à porta e parte para uma vida pura, para não entristecer sua mãe. Mas há Alguém mais santo que qualquer mãe, Alguém mais sensível contra o pecado que a mulher mais pura que já caminhou sobre esta terra, e que nos ama como nenhuma mãe jamais amou. Este Alguém habita em

nosso coração se somos de fato cristãos, e ele vê cada ato que praticamos de dia ou na sombra da noite. Ele escuta cada palavra que proferimos em público ou em particular. Vê cada pensamento que cogitamos, contempla cada fantasia e imaginação que se hospeda, ainda que de caráter temporário, em nossa mente. E, se há algo profano, impuro, egoísta, cruel, trivial, rude, áspero, injusto ou qualquer ato, palavra, pensamento ou fantasia maus, ele é entristecido por isso.^[45]

Não é apenas tristeza que nosso pecado pode causar-lhe, a presença pessoal do Espírito em nós significa que somos conduzidos a desfrutar da própria comunhão íntima do Espírito com o Pai e o Filho. Se o Espírito não fosse Deus, ele não poderia fazer isso. Por Deus ser três pessoas — Pai, Filho e Espírito — podemos ter semelhante comunhão. Se Deus estivesse no céu e seu Espírito fosse mera força, ele estaria mais distante que a lua.

O oxigênio da nova vida

A vida concedida pelo Espírito não é um pacote abstrato de bênçãos. É sua própria vida partilhada conosco, a vida de comunhão com o Pai e o Filho. Assim, o Espírito não é um tipo de leiteiro divino, deixando o dom da “vida” na nossa porta, e partindo para a próxima. Ao dar-nos vida, ele vem para estar conosco e permanecer conosco. Depois de dar-nos vida, ele não segue adiante; ele permanece para fazer a vida florescer e crescer.

“Onde está o Espírito, é sempre verão”, escreveu William Tyndale, pois ali “sempre haverá bons frutos, isto é, boas obras”.^[46] Tyndale não escolheu uma figura antiga ao acaso — o calor de verão do Espírito é importante, pois, como o Espírito, em primeiro lugar nos aquece com vida ao voltar-nos o coração e os desejos para Cristo, e da mesma forma ele continua a aquecer-nos depois. A nova vida outorgada pelo Espírito é uma vida de calor, pois é sua vida de deleite no Pai e no Filho, e ele a suscita precisamente para nos aquecer o coração para eles.

Jonathan Edwards explicou a figura de Tyndale desta forma:

Todos estarão diante do Deus, a fonte de amor, como se abrissem o coração para serem saciados com essas efusões de amor que dali são vertidas, como as flores na terra em uma agradável

manhã primaveril abrem os botões ao sol para serem saciadas com seu calor e sua luz e, por seus raios, florescer em beleza e fragrância. Cada santo é como uma flor no jardim de Deus, e amor santo é a fragrância e o aroma suave que todos eles desprendem, e com os quais eles preenchem esse paraíso.^[47]

Embora não diga aqui, Edwards descreve a obra do Espírito, a forma como “o amor de Deus foi derramado em nosso coração pelo Espírito Santo que nos foi dado” (Rm 5.5). É assim que o Espírito insufla sua vida em nós: ele nos ilumina para conhecermos o amor de Deus, e essa luz nos aquece, atraindo-nos para amá-lo e transbordar de amor sobre os outros.

Como, porém, o Espírito nos ilumina para conhecer o amor de Deus? Simplesmente abrindo-nos o coração para vermos a glória de Deus. É assim que ele conforta os crentes. Como Jesus disse: “Quando vier o Consolador, que eu vos enviarei da parte do Pai, o Espírito da verdade, que procede do Pai, esse *dará testemunho acerca de mim*” (Jo 15.26). Conhecer Cristo — e, por meio dele, o Pai — é a vida concedida pelo Espírito. Em 2 Coríntios 3, Paulo escreve sobre como a face de Moisés começou a resplandecer por ter ele estado com o Senhor e que, da mesma forma, é contemplando a glória do Senhor no evangelho que nós mesmos “somos transformados de glória em glória na mesma imagem, que vem do Espírito do Senhor” (2Co 3.18). Com 2 Coríntios 3 em mente, Richard Sibbes escreveu:

A própria visão de Cristo é transformadora. O Espírito que nos faz novas criaturas, e incita-nos a contemplar esse servo, é uma visão transformadora... Um homem não pode contemplar o amor de Deus e de Cristo no evangelho sem que isso o transforme a ser como Deus e Cristo. Porquanto, como é possível vermos Cristo, e Deus em Cristo, sem observarmos como Deus odeia o pecado? E sem que isso nos transforme a odiar o pecado como Deus odeia? E ele o odeia de tal forma que este não poderia ser expiado senão com o sangue de Cristo, Deus-homem. Assim, observar a santidade de Deus nessas coisas nos tornará santos. Quando vemos o amor de Deus no evangelho, e o amor de Cristo ao dar-se por nós, seremos transformados para amar a Deus.^[48]

Minha nova vida começou quando o Espírito primeiro abriu meus olhos (aqui está a luz) e conquistou meu coração (aqui está o calor) para Cristo. Então, pela primeira vez, comecei a apreciar e amar Cristo como o Pai sempre fez. E, por meio de Cristo, pela primeira vez, comecei a apreciar e amar o Pai como o Filho sempre fez. Foi assim que começou, e é assim que a nova vida prossegue: ao revelar-me a beleza, o amor, a glória e a bondade de Cristo, o Espírito acende em mim um amor cada vez mais profundo e sincero por Deus. E, ao estimular-me a pensar cada vez mais em Cristo, ele me faz mais e mais semelhante a Deus: menos obcecado comigo mesmo e mais ligado a Cristo.

A beleza do eu e a beleza de Deus

É claro que a mudança pecaminosa de amantes de Deus para amantes de nós mesmos nos torna mais feios, à semelhança dos demônios, a cada momento, sempre mais ensimesmados e corruptos. Porém, ao cultivar em nós o gosto crescente por Cristo, a epítome da beleza, o Espírito refina a nova humanidade que começa a brilhar na semelhança dele. Nós nos tornamos semelhantes ao que adoramos. E, em última análise, tudo isso se aplica até ao nosso corpo: o desvio de Deus em Gênesis 3 significou a queda em decadência, podridão e morte física; mas tudo isso será mais que desfeito pelo Espírito, que transformará os corpos arruinados de todos nós à semelhança do glorioso corpo da ressurreição de Cristo (Fp 3.21; 1Co 15.44-49). O Espírito embeleza a nova criação.

Isso significa destorcer-me. Eu naturalmente sou curvado sobre mim mesmo e tenho um prazer infernal na minha suposta independência. Mas, se devo parecer-me de alguma forma com os extrovertidos e expansivos Pai, Filho e Espírito, o Espírito deve tirar meus olhos de mim (o que ele faz ganhando-me para Cristo). Evidentemente, se o próprio Deus não fosse voltado para além de si, o Espírito não precisaria incomodar-se — e, com certeza, ele não iria. Se Deus me quisesse apenas para viver sob seu governo, então o Espírito — caso ele pudesse incomodar-se — estaria mais preocupado em ajudar-me a ser um cidadão cumpridor das leis. Meu amor-próprio jamais precisaria ser desafiado. Na verdade, eu

poderia alimentá-lo com muita alegria concentrando-me em como sigo bem as regras. Mas o Espírito vem com um propósito bem mais profundo: que eu conheça o Filho e seja como ele — portanto, o cerne da questão é que meus olhos o contemplem. Conhecê-lo é vida e contemplá-lo é o que aviva. Perceber isso, disse Charles Spurgeon, é o segredo da felicidade cristã:

É sempre obra do Espírito Santo afastar nossos olhos do eu para Jesus; mas a obra de Satanás é o oposto disso, pois ele está constantemente tentando fazer-nos estimar a nós mesmos no lugar de Cristo... Jamais encontraremos felicidade contemplando nossas orações, nossos atos ou nossos sentimentos; o que *Jesus* é, não o que somos, dá descanso à alma. Se quisermos vencer Satanás de vez e ter paz com Deus, isso deverá ser feito “fixando os olhos em Jesus”.^[49]

Vida na Trindade

Ao conceder o Espírito, Deus partilha conosco — e nos arrebatada para — a vida dele. O Pai tem conhecido e amado eternamente seu grandioso Filho e, pelo Espírito, ele nos abre o coração para que também possamos conhecê-lo e, assim, ele ganha o nosso coração para que também possamos amá-lo. Nosso amor ao Filho, portanto, é eco e extensão do amor eterno do Pai. Em outras palavras, por meio do Espírito, o Pai permite-nos ter parte no gozo do que mais lhe deleita — seu Filho. Foi esse amor avassalador ao Filho que em primeiro lugar o inspirou a criar-nos, e tudo para que possamos compartilhar daquele que é seu mais elevado prazer.

Esse, na verdade, é o âmago do significado de ser piedoso, ser como esse Deus. Por isso que Jesus diz: “Se Deus fosse o vosso Pai, vós me amaríeis” (Jo 8.42). A identidade do Pai consiste no amor ao Filho e, assim, quando amamos o Filho, refletimos o que é mais característico no Pai. É a razão principal para a outorga do Espírito. O teólogo puritano John Owen escreveu: “Nisso consiste a principal parte de nossa renovação à sua imagem. Nada nos torna tão parecidos com Deus quanto nosso amor a Jesus Cristo”.^[50]

Mas o Espírito não apenas nos capacita a conhecer e amar Cristo; ele também nos dá a mente de Cristo, tornando-nos como

ele. Porém, acima de tudo, o mais característico no Filho é o relacionamento com seu Pai, que ele conhece e agrada-se em receber o amor e a vida do Pai: “eu amo o Pai, e [...] faço como o Pai me mandou” (Jo 14.31, ACF). No cerne de nossa transformação à semelhança do Filho, portanto, está a participação nesse profundo deleite no Pai. Em nosso amor ao Filho e prazer nele, somos como o Pai; em nosso amor ao Pai e prazer nele, somos como o Filho. Essa é a vida alegre a que o Espírito nos chama.

Vimos, no último capítulo, que o Espírito nos une a Cristo. Como o óleo descendo pelo corpo do sumo sacerdote, ele comunica as bênçãos de Cristo, o Cabeça, a seu Corpo, a igreja. Ele toma o que é de Cristo e torna nosso (Jo 16.14) para que no amado Filho possamos ser os amados filhos de Deus. Quão grandiosa e amável, então, é a obra do Espírito! Ele nos une ao Filho de forma que o amor do Pai ao Filho também nos envolva; ele nos conduz a partilhar do deleite que o próprio Pai tem no Filho; e ele nos leva a tomar parte do deleite do Filho no Pai. O que poderia ser mais delicioso que andar com o Espírito cujo propósito é esse?

Jonathan Edwards escreveu:

o princípio divino nos santos possui a natureza do Espírito: pois, tal qual a natureza do Espírito de Deus é amor divino, o amor divino é a natureza e essência do princípio santo no coração dos santos. [\[51\]](#)

Por meio do Espírito o Pai tem amado eternamente seu Filho. E, assim, ao partilhar seu Espírito conosco, Pai e Filho partilham conosco a própria vida, o próprio amor e a própria comunhão. Por meio da união com Cristo promovida pelo Espírito, o Pai me conhece e ama como seu filho; pelo Espírito, começo a conhecer e amá-lo como meu Pai. Pelo Espírito, começo a amar com correção — libertando-me do meu amor-próprio, ele me conquista para partilhar do prazer do Pai no Filho e do Filho no Pai. Pelo Espírito, (lentamente!) começo a amar como Deus ama, com seu amor generoso, transbordante e autossacrificante pelos outros.

Conhecendo e orando ao Pai, ao Filho e ao Espírito

Um dos livros mais perspicazes sobre o significado de conhecer Pai, Filho e Espírito foi escrito pelo grande teólogo puritano do século XVII, John Owen. Ele lhe deu o pequeno e sucinto título *Comunhão com Deus Pai, Filho e Espírito Santo, cada pessoa distintamente, em amor, graça e consolação* (os títulos dos livros eram assim na época).

Ele o intitulou assim porque queria deixar bastante claro que não havia um “deus-genérico” ou divindade abstrata com quem termos comunhão ou a quem orar. Cristãos são levados à comunhão com o Pai, o Filho e o Espírito.

Ele começa pela comunhão com o Pai, e o que ele diz é especialmente tocante por sua notável sensibilidade para a maneira tão fácil com que nos afastamos do Pai, como se ele fosse completamente distante e nebuloso. “Mas, lembre-se”, Owen diz com efeito, “ele é nosso mui amável *Pai*”.

Qualquer outra descoberta de Deus que não leve isso em conta fará que a alma se afaste dele; mas, se o coração for tomado com a eminência do amor do Pai, não pode escolher algo além de ser conquistado por ele e querido dele. Isso, além de qualquer outra coisa, se realizará em nós para fazer-nos permanecer nele. Se o amor de um pai não fizer uma criança se alegrar nele, o que mais o fará? Experimente, então, exercitar seus pensamentos sobre o eterno, livre e frutífero amor do Pai, e veja se seu coração não será moldado no prazer dele. [\[52\]](#)

O Pai é a fonte de todo o amor que vemos em Cristo e, assim, não devemos pensar nele como distante e indiferente. Na verdade, Owen argumenta, a maior descortesia que você pode lhe fazer é recusar a crer que ele o ama: “não podem sobrecarregá-lo ou preocupá-lo mais”. [\[53\]](#) Eles nos adotou e é nosso Pai.

A seguir, o Filho revela o Pai a nós de forma perfeita e, por meio de sua vida, morte, ressurreição e ascensão, nos conduz a gozá-lo como *nosso Pai*. O Filho, então, é o revelador e o mediador, por ele temos comunhão com o Pai. Ele também é o noivo da igreja, e alegra-se não apenas em trazer sua noiva ao Pai, mas também no fato de o Pai mesmo experimentar doce comunhão com ela.

Por fim, o Espírito nos conforta. Onde o pecado nos torna propensos à dúvida, ansiedade e frieza de coração, onde Satanás golpeia-nos com acusações, o Espírito traz a segurança do amor do Pai e da perfeita salvação do Filho. Ele torna a comunhão com o Pai e o Filho real e deliciosa. “E esta é sua obra até o fim do mundo: trazer as promessas de Cristo a nossa mente e coração, nos dar o consolo, a alegria e a doçura delas”.^[54]

O que tudo isso significa para a maneira como oramos? Bem, já que temos comunhão com as três pessoas, é bastante certo que devemos orar a todas as três: Jesus orienta a orar ao Pai (Jo 16.23); Estêvão orou a Jesus em Atos 7.59; e, embora seja difícil encontrar claros exemplos bíblicos de oração ao Espírito, Owen está seguro dessa possibilidade: “o Espírito Santo também é Deus, e devemos invocá-lo, orar a ele e clamar a ele não menos que ao Pai e ao Filho”.^[55]

Dito isso, a oração cristã *normal* é algo mais rico e suculento: nós nos unimos à comunhão já desfrutada por Pai, Filho e Espírito. Ou seja, o Filho — que já intercede por nós junto ao Pai — leva-nos consigo para diante do Pai. Pense no sumo sacerdote entrando na presença do Senhor no Santo dos Santos: da mesma forma, o Filho nos traz perante o Pai — e ali o Espírito nos auxilia (Rm 8.26). E, assim, o Espírito sustenta, o Filho conduz, e o Pai — que sempre se deleita em ouvir as orações do Filho — ouve-nos com alegria. Com o Filho, seguros neles, capacitados como ele pelo Espírito, oramos a nosso Pai.

Orar assim — orar “Aba” em nome de Jesus, habilitado pelo Espírito — não é a maneira de cristãos exibidos ostentarem seu virtuosismo teológico; significa regozijar-se no padrão da própria beleza e comunhão de Deus. Pense em como seria diferente se Deus não fosse assim: se o Espírito não nos fizesse clamar “Aba” porque Deus não é de fato Pai e não tem o Amado consigo. Poderia tal Deus monopessoal sequer ouvir-nos lá de cima em sua transcendência autoabsorta? Não seriam nossas lamúrias apenas interrupções do seu precioso tempo pessoal? Sim, se Deus não fosse triúno, provavelmente seria melhor ficar quieto e torcer para não ser ouvido. Afinal, ele pode não querer que outra coisa exista.

“A verdadeira religião, em grande parte, consiste em...”

Tudo que temos visto significa que a vida com esse Deus é tão diferente da vida com outro Deus quanto jaca de *jacaré*. Por exemplo, se Deus não se interessa em que nós o conheçamos e amemos, mas apenas em colocar-nos debaixo de seu poder, então nosso comportamento e desempenho seriam as únicas coisas importantes. As questões mais profundas e internas sobre nossos desejos, amores e o que apreciamos jamais seriam tratadas. Como a vida cristã significa sermos levados a partilhar do deleite de Pai, Filho e Espírito um pelo outro, os *desejos são importantes*. Como Jonathan Edwards escreveu: “A verdadeira religião, em grande parte, consiste em afeições santas”.^[56] Ele pensava em sentido primário no amor a Cristo e na alegria nele, e escreveu uma de suas principais obras (*Afeições religiosas*) em grande parte para desenvolver essa convicção.

Edwards percebeu o fato de o Espírito não procurar levar-nos ao mero desempenho externo por Cristo, mas conduzir-nos de fato a amá-lo e a encontrar nossa alegria nele. E qualquer comportamento “a favor dele” que não seja expressão desse amor não lhe traz qualquer prazer. Edwards compara esse cristianismo sem amor ao casamento frio, perguntando

se a mulher portar-se muito bem para seu marido, mas, de maneira nenhuma, por amor a ele, mas por outras considerações percebidas com clareza e certamente conhecidas do marido, teria ele mais deleite no respeito externo que se uma imagem de madeira fosse esculpida para fazer gestos respeitosos em sua presença?^[57]

“É claro que não!”, é o que Edwards espera que digamos rindo.

O que amamos e apreciamos é de fundamental importância. É muito mais significativo que nosso comportamento externo, pois são os desejos que *dirigem* nosso comportamento. Nós fazemos o que queremos. Pai, Filho e Espírito amam e apreciam um ao outro e, criados à imagem deles, fomos feitos para amá-los e apreciá-los. Cega e tolamente, contudo, todos nos desviamos para amar e

apreciar outras coisas — coisas que, na realidade, são completamente incapazes de satisfazer. Mas, a primeira obra do Espírito é colocar os desejos em ordem, abrir nossos olhos e dar-nos o próprio prazer do Pai pelo Filho, e o próprio gozo do Filho pelo Pai.

O *Catecismo de Heidelberg* (1563) captura esse conceito de forma brilhante quando pergunta “O que é o nascimento do novo homem?”.

Resposta: É a alegria sincera em Deus, por Cristo, e o forte desejo de viver conforme a vontade de Deus em todas as boas obras. [\[58\]](#)

O Espírito do Pai e do Filho jamais estaria interessado em capacitar-nos apenas a “fazer o bem”. Seu desejo (que é o desejo do Pai e do Filho) é trazer-nos à satisfação tão ardente em Deus por meio de Cristo que nos deleitaremos em conhecê-lo, nos deleitaremos em todos os seus caminhos e que, *como consequência*, desejaremos fazer o que ele quer e odiaremos até a sugestão de entristecê-lo.

O poder expulsivo da nova afeição

Thomas Chalmers (1780-1847) começou a carreira clerical com alguém que pouco se importava com sua função. Na verdade, ele foi explícito em sua convicção de que as obrigações na paróquia de Kilmany (perto de Saint Andrews, na Escócia) não exigiriam muito mais de um dia por semana. Então, aos 29 anos, ele ficou enfermo e esteve confinado à cama (com perigo de morte) tendo a seu alcance as obras de evangélicos como William Wilberforce.

Ao recuperar a saúde, era um novo homem, desejoso de pregar a salvação só pela graça, e multidões logo desciam a Kilmany para ouvi-lo. Quatro anos depois, em 1815, ele se mudou para a Igreja Tron, em Glasgow, e, pelo país, espalharam-se relatos de seu “fogo vivo” no púlpito. “Todo o mundo estava ensandecido com Chalmers”, escreveu Wilberforce em seu diário — e ele não estava exagerando: milhares vinham para ouvir seu extenso timbre

de pífano; certa vez, Chalmers só pôde entrar na igreja por uma janela.

Mais tarde, ele teria uma cadeira nas universidades de Saint Andrews e Edimburgo — lideraria a formação da Free Church of Scotland [Igreja Livre da Escócia] — mas, foi naqueles anos em Glasgow que ele pregou um sermão que explicava do que sua pregação agora se tratava, e como caminhamos no Espírito. O sermão era baseado em 1 João 2.15 e recebeu o título “O poder expulsivo da nova afeição”. [\[59\]](#)

Nosso problema, ele explicou, é que a vida de todos nós é naturalmente guiada e controlada pelo amor “ao mundo”. O que podemos fazer? Resolver melhorar? Tentar convencer a nós mesmos de que o mundo não é na realidade tão atraente assim? Não, ele disse, isso “é completamente incompetente e ineficaz”, pois ninguém pode “desapropriar o coração da antiga afeição, senão pelo poder expulsivo da nova”. Nós não podemos escolher *o que* amamos, mas sempre amamos o que nos parece desejável. Portanto, só mudaremos o que amamos quando algo provar-se mais desejável a nós que o que já amamos. Logo, sempre amarei o pecado e o mundo até que sinta de verdade que Cristo é melhor.

É isso que o Espírito faz em nós: ele nos faz provar e ver que o Senhor é bom, supremamente bom e, assim, ele nos leva a desejá-lo:

ele, o Deus de amor, apresenta-se com qualidades tão cativantes que nada, senão fé, e nada, senão o entendimento, faltam a você para novamente restabelecer o amor do seu coração. [\[60\]](#)

Era assim que Chalmers manjava a espada do Espírito: ele tornava Cristo conhecido para que corações fossem ganhos.

Salvação reduzida

Que vida o Espírito dá! Ele se entrega a nós, torna acessível a amável comunhão de Pai, Filho e Espírito; e nos conquista o coração para partilhar o prazer e a satisfação de cada um pelo outro. Quem, sabendo disso, preferiria o conceito mais “limpo” e enxuto do deus monopessoal? Reduza Deus e enxugue-o, e você

Ihe reduz a salvação e o torna cruel. Em lugar da vida transbordando de amor, alegria e comunhão, tudo o que lhe restará é o aguado mingau da religião. Em vez do Pai amoroso, um potentado distante; em vez de companheirismo, contrato. Nenhuma segurança no Filho amado, nenhuma mudança de coração, nenhuma alegria em Deus poderia esse espírito trazer.

Longe, bem longe da confusão teológica, o ser de Deus como Pai, Filho e Espírito é justamente o que embeleza a vida cristã.

A família do céu

Um dos ingredientes principais dessa beleza é quão amigável e familiar tudo isso é. Deus Pai deleita-se em ser ele mesmo: ele se deleita no Filho, ele se deleita em ser um Pai para ele, e tanto que ele decidiu partilhar sua paternidade e comunhão com os seres que criaria. E, assim, Deus “criou o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; *homem e mulher* os criou” (Gn 1.27). Amando o relacionamento familiar, esse Deus faz o homem e a mulher, o marido e a esposa; ele cria a família e as pessoas planejadas para terem comunhão entre si. Assim como Pai, Filho e Espírito sempre conheceram comunhão um com o outro, nós fomos feitos à imagem de Deus para a comunhão.

Porém, é claro que não valorizamos, nem tendemos a valorizar a comunhão — ou, pelo menos, não tanto quanto valorizamos seguir o próprio rumo. Em Gênesis 3, quando Adão e Eva voltaram-se para si mesmos em amor-próprio, eles não apenas se afastaram do Senhor Deus; eles afastaram-se um do outro. Assim, não só seu relacionamento com o Senhor foi rompido, também seu relacionamento com o outro: envergonhados da nudez explícita diante do outro, eles se esconderam atrás de folhas de figueira e começaram a culpar um ao outro. E, pouco depois, Caim matou Abel, Lameque sonhou com vingança, e a família humana foi despedaçada com desamor e malícia.

Mas o deleite do Deus triúno na família permanece. E, assim, o Pai envia o Filho, não só para reconciliar-nos consigo, mas para reconciliar-nos uns com os outros, a fim de que o mundo seja um lugar de harmonia, e reflita a harmonia deles. O propósito do Filho, escreveu Paulo, era

em si mesmo criar dos dois [judeus e gentios] um novo homem, fazendo assim a paz, e pela cruz reconciliar ambos com Deus em um só corpo, tendo por ela destruído a inimizade. E vindo ele, proclamou a paz para vós que estáveis longe e também para os que estavam perto; pois por meio dele ambos temos acesso ao Pai no mesmo Espírito (Ef 2.15-18).

O Espírito conquista macho e fêmea, branco e preto, judeu e gentio para o mesmo amor conciliador de Deus, que transborda em amor sincero uns pelos outros. Ele nos une ao Filho para que juntos clamemos “Aba” e comecemos a reconhecer de verdade uns aos outros como irmãos e irmãs, pois a nova humanidade é uma nova família; é a família do Pai em expansão.

No coração da oração sumo sacerdotal de Jesus ao Pai a favor dos crentes está o pedido “para que sejam um, assim como nós somos um” (Jo 17.22). Esse não é o tipo de pedido que alguém poderia fazer ao deus monopessoal. Esse deus, obviamente, amaria a unidade — afinal, ele é um — mas seria um tipo muito diferente da unidade que Jesus tem em mente.

Unidade para o deus monopessoal significaria *uniformidade*. Sozinho pela eternidade, sem ninguém além de si, por que ele valorizaria outros e suas diferenças? Pense em como isso se desenvolve com Alá: sob sua influência, as outrora diversificadas culturas da Nigéria, Pérsia e Indonésia tornam-se, deliberada e crescentemente, *uniformes*. O islamismo apresenta um estilo de vida completo para indivíduos, nações e culturas, limitando-os a uma maneira de orar, uma maneira de casar, comprar, lutar, relacionar-se — até, alguns diriam, uma maneira de comer e vestir-se.

Para o Deus triúno, unidade significa *união*. O Pai é absolutamente um com o Filho, mas não é o Filho; da mesma forma Jesus pede que os crentes sejam um, mas não que todos eles sejam idênticos. Criados macho e fêmea, à imagem desse Deus, e com tantas outras boas diferenças entre nós, unimo-nos valorizando a maneira como o Deus triúno fez cada um único.

Há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo. Se o corpo todo fosse olho, onde estaria o ouvido? Se o corpo todo fosse ouvido, onde estaria o olfato? Mas, na realidade, Deus colocou os

membros no corpo, cada um conforme quis. E, se todos fossem um só membro, onde estaria o corpo? Portanto, há muitos membros, mas um só corpo (1Co 12.4, 17-20).

Assim, não só Pai, Filho e Espírito nos chamam à comunhão consigo, como também partilham sua harmonia celestial para que haja harmonia na terra, para que pessoas de diferentes gêneros, línguas, passatempos e dons possam ser um em paz e amor; para que, um dia, com um coração e uma voz, possamos clamar: “Salvação ao nosso Deus, que está assentado no trono, e ao Cordeiro” (Ap 7.10). E é isto que a família de Deus — pela própria existência — torna conhecido ao mundo: que o Deus de harmonia é a esperança de paz mundial; que ele pode reunir e reunirá inimigos, rivais e forasteiros em uma família amorosa sob seu cuidado paterno.

Para frente e para fora

Algumas famílias gostam de resguardar-se, mas não essa. Não, o Pai expansivo, a fonte originária de toda a vida e todo o amor, é o cabeça de uma família crescente. Sua vida e ser caracterizam-se pela exteriorização do seu amor, e seus filhos são levados a compartilhar essa vida.

Um bom caminho para isso começa nas primeiras palavras de Jesus a seus amigos após a ressurreição. Na noite do primeiro domingo de Páscoa, Jesus veio aos discípulos e disse:

Paz seja convosco! Assim como o Pai me enviou, também eu vos envio. E havendo dito isso, soprou sobre eles e disse-lhes: Recebei o Espírito Santo (Jo 20.21,22).

Os discípulos não deveriam ficar muito surpresos. Jesus lhes disse que seria ressuscitado, e: “tudo quanto ele [o Pai] faz, o Filho faz também” (Jo 5.19). A primeira coisa que o Pai faz, evidentemente, é amar o Filho, soprar seu Espírito sobre ele. Assim, como seu Pai faz, Jesus sopra o Espírito sobre os discípulos. Na verdade, ele já tinha lhes dito que “Como o Pai me amou, assim também eu vos amei; permaneci no meu amor” (Jo 15.9). Mas o Pai também *envia* o Filho; e fazendo tudo quanto seu Pai faz, Jesus envia seus discípulos. Tal Pai, tal Filho.

Com isso, a missão muda completamente de figura. Ela não significa que o Pai fique relaxando no céu, enquanto solicita por telefone que continuemos com o evangelismo para ele arrumar mais servos. Se esse fosse o caso, o evangelismo exigiria *muita* motivação pessoal — e você sempre pode perceber quando a igreja pensa assim, pois é quando o evangelismo é deixado aos profissionais/vendedores mais movidos a adrenalina. Mas a realidade é muito diferente. A verdade é que Deus *já* está em missão: em amor, o Pai enviou seu Filho e seu Espírito. É a exteriorização de sua natureza.

Isso significa que, quando nós saímos e compartilhamos o conhecimento do grande amor de Deus, refletimos algo muito profundo sobre a identidade dele. Pois, quando Jesus nos envia, ele permite o *compartilhamento* do padrão missional, generoso e expansivo da própria vida de Deus. O escritor de Hebreus expressa assim:

Por isso, para santificar o povo por meio do seu sangue, Jesus também sofreu fora da porta da cidade [isto é, ele foi para além de onde o povo de Deus está]. *Saiamos, pois, até ele, fora do acampamento* (Hb 13.12,13).

Em outras palavras, Jesus encontra-se *lá fora*, no lugar de rejeição. Foi ali que o Pai o enviou, para que ele possa trazer pecadores de volta como filhos. A vida cristã caracteriza-se por estar onde ele está, por participar da maneira como ele foi enviado.

E a motivação? Bem, por que o Pai enviou o Filho? Porque o Pai tanto desfrutava o amor do Filho que desejou que seu amor estivesse em outros. João 17.25,26:

Pai justo, o mundo não te conheceu, mas eu te conheço; e estes reconheceram que *tu me enviaste*. E fiz que conhecessem o teu nome e continuarei a fazê-lo conhecido; para que *o amor com que me amaste esteja neles, e eu também neles esteja*.

E por que o Filho vem? Porque ele diz: “faço aquilo que o Pai me ordenou, para que o mundo saiba que eu amo o Pai” (Jo 14.31). Assim, o Pai enviou o Filho por tanto amar o Filho (e por querer que esse amor fosse compartilhado e desfrutado), e o Filho veio porque ele tanto amou seu Pai (e quis que esse amor fosse compartilhado e

desfrutado). A missão advém do transbordamento de amor, do irreprimível prazer na comunhão.

É assim com o Pai e o Filho, é assim conosco. O Espírito nos alcança para partilhar esse prazer, e esse deleite nele nos impele a *desejar* torná-los conhecidos. O prazer na comunhão, causado pelo Espírito, o crescente amor ao Pai e ao Filho: isso nos leva a partilhar seu amor expansivo com o mundo. Nós nos tornamos semelhantes ao que adoramos.

O puritano Richard Sibbes disse certa vez que o cristão que canta os louvores de Deus ao mundo é como um pássaro cantando. Os pássaros cantam mais alto, ele disse, quando o sol levanta e os aquece; e o mesmo vale para os cristãos: quando eles são aquecidos pela Luz do mundo, pelo amor de Deus em Cristo, eles cantam mais alto.

Como o brilho primaveril do sol alarga o espírito das pobres criaturas, os pássaros, para cantar, assim, de modo proporcional, a apreensão do doce amor de Deus em Cristo alarga o espírito de um homem, e o torna repleto de alegria e gratidão. Ele irrompe em alegria, de forma que toda a sua vida é motivo de alegria e gratidão.^[61]

Sibbes estava certo, pois “a boca fala do que o coração está cheio” (Mt 12.34). Se eu não aprecio Cristo, não falarei sobre ele. Ou, pior, talvez fale, mas sem amor e prazer — e se minha boca de fato revela meu coração, as pessoas ouvirão sobre o Cristo indesejado. E quem gostaria disso?

É claro, o Espírito *pode* usar esse evangelismo sem amor. Mas sua obra real é conduzir-nos e manter-nos sob os raios de sol do amor de Deus. Lá cantaremos de coração; lá, permanecendo em Cristo, daremos fruto. O Espírito compartilha a vida triúna de Deus conduzindo os filhos de Deus ao deleite mútuo do Pai e do Filho — e, ali, nos tornamos como nosso Deus: frutíferos e vivificadores.

5. Quem entre os deuses é como tu, ó Senhor?

Como os ateístas estão certos

Pelos últimos duzentos anos ou mais, o ateísmo vem avançando no Ocidente com confiança e vitalidade cada vez maiores. Suas alegações não animaram apenas o homem comum que prefere apenas seguir sem Deus e religião; elas têm inspirado um novo e bastante agressivo esquadrão de “antiteístas”. Abandonando o argumento frontal de que não há Deus, esses “antiteístas” vão além ao argumentar que mesmo *que* Deus existisse, isso seria algo ruim. A fé em Deus não se parece tanto com o cobertor de estimação de uma criança, mas com o pesadelo dela.

Por quê? O argumento é fascinante e profundamente revelador. Christopher Hitchens,^[62] autor de *Deus Não é Grande* — e um dos quatro cavaleiros do “novo ateísmo” militante — expressou-se desta forma:

Acho que seria bastante horrível se fosse verdade. Se houvesse permanente, total e contínua supervisão e vigilância divina de tudo que você fizesse, você jamais teria um momento de sono ou de vigília sem ser vigiado, controlado e supervisionado por alguma entidade celestial, desde o momento de sua concepção até o momento de sua morte — seria como viver na Coreia do Norte.

Para Hitchens, Deus é “o” Soberano e, assim, por definição, deve ser um “Stálin no céu”, um *big brother* [grande irmão]. E quem, em sã consciência, desejaria que um ser como esse existisse? Em outras palavras, o problema do antiteísta não é tanto a *existência* de Deus e sim o *caráter* dele. Ele escreverá e lutará contra a existência de Deus porque é repellido pela ideia *desse* tipo de ser. *Esse* Deus não é grande.

Mas o Deus triúno não é esse Deus. Hitchens, claramente, tinha em mente o Deus que é *fundamentalmente* “o” Soberano, “o” mandachuva, caracterizado por “supervisão e vigilância”. A figura

muda por completo, no entanto, se Deus for *fundamentalmente* o Pai mais amoroso e gentil, e só exerce seu poder *de acordo com sua natureza* — um Pai. Nesse caso, viver sob seu teto não é como viver na Coreia do Norte, mas como morar no lar do tipo de pai cuidadoso que o próprio Hitchens desejava.

É coincidência demais que o avanço do ateísmo corresponda ao recuo da doutrina da Trindade na igreja? O século XIX foi o século em que Marx rejeitou a religião como “o ópio do povo” e Nietzsche declarou que “Deus está morto”. E foi o século que iniciou com o teólogo talvez mais destacado (Friedrich Schleiermacher) fazendo da Trindade mero apêndice à fé cristã; foi o século que encerrou com o maior sucessor de Schleiermacher (Adolf von Harnack) rejeitando de modo total a Trindade como um monte de tolices filosóficas. É claro que os teólogos não estavam alimentando os ateístas, mas estavam desarmando a igreja de tal forma que os ateístas puderam atacar sem encontrar muita oposição real. Afinal, se Deus não é Pai, se ele não tem Filho e não terá filhos, então ele deve ser solitário, distante e inacessível; se ele não é triúno e, desse modo, não é em essência amoroso, então não haver Deus parece algo bem melhor.

Os ateístas não estão sozinhos nessa. O interesse popular em diversas espiritualidades alternativas — de “nova era” e neopaganismo a *wicca* e velhas superstições — não raro está conectado à aversão do conceito do Deus pessoal. Com certeza, um ser como esse não seria, na melhor das hipóteses, uma chatice monstruosa e, na pior, algo muito, muito sinistro? Por experiência própria, conversando com estudantes não cristãos, sempre descubro que a descrição deles do Deus em quem não acreditam se parece mais com Satanás do que com o Pai de Jesus Cristo: voraz, egoísta, agressivo e inteiramente desprovido de amor. E se Deus não é Pai, Filho e Espírito, eles não estão certos?

A alternativa de Israel

Porém, quão radical e drasticamente diferente é o Deus da Bíblia! Nada carente, solitário e egoísta, mas generoso, amoroso e autossacrificante — essa é a própria essência dele. Karl Barth escreveu:

a trindade de Deus é o segredo de sua beleza. Se negarmos isso, teremos, de uma vez, um Deus sem esplendor e sem alegria (e sem humor!); um Deus sem beleza. Perdendo a dignidade e o poder da divindade real, ele também perde sua beleza. Porém, se nos apegarmos nisso, [...] que o único Deus é Pai, Filho e Espírito Santo, não poderemos escapar do fato de que, de forma geral ou nos detalhes, além de tudo, Deus também é belo.^[63]

Se Deus não é Pai, Filho e Espírito, então ele é eminentemente rejeitável: sem amor, esplendor ou beleza. Quem gostaria que um Deus assim tivesse algum poder, ou mesmo existisse? Mas, o Deus vivo e triúno da Bíblia é beleza. Aqui está um Deus que podemos de fato *desejar*, e em cuja soberania podemos nos alegrar com sinceridade.

Colin Gunton, que, até sua trágica morte há alguns anos, foi professor de Doutrina Cristã no King's College de Londres, resumiu assim uma das principais diferenças que a Trindade proporciona:

Proeminente entre os atributos [ou seja, as características divinas], encontramos o da misericórdia divina, que raramente aparece no topo de uma lista de atributos em uma descrição “normal” do divino... Misericórdia é o desenvolvimento no tempo e na história caída da ação de um Deus para quem o amor pelo outro é central ao seu ser.^[64]

Ou seja, se Deus não fosse pessoal, ele não poderia ser misericordioso [*coisas* não demonstram misericórdia]; se Deus fosse apenas *uma* pessoa, então amor ao outro não seria central ao seu ser. Não haveria ninguém na eternidade para ele amar. Assim, o único Deus inerentemente inclinado a demonstrar misericórdia é o Pai que tem eternamente amado o Filho por meio do Espírito. Só com esse Deus qualidades atraentes como amor e misericórdia obtêm posições tão altas.

É de importância crucial, portanto, que os cristãos sejam claros e específicos sobre o Deus em quem cremos. Não devemos

dizer que acreditamos apenas em algum “Deus”, mas *nesse* Deus. Hoje, isso parece especialmente vital. E não apenas por causa dos incrédulos. João Calvino disse que a mente humana em pecado é como “uma fábrica perpétua de ídolos”,^[65] o que significa que todos distorcemos com constância a natureza de Deus em nossa mente, diminuindo do Pai das luzes, e tornando-o diabólico. De fato, essa tendência é a fonte exata de toda a frieza espiritual, pois quando suspeitamos que Deus seja, na verdade, um “Stálin no céu”, é óbvio que fugiremos dele.

Temos um desafio sério aqui, pois é muito fácil falar sobre um “Deus genérico”, talvez como se houvesse algum “Deus” sob o Pai, o Filho e o Espírito, e anterior a ele. Podemos conversar muito sobre Deus, até falar sobre sua fidelidade, glória, soberania etc., e *ainda* não sermos claros quanto ao Deus a que nos referimos. O deus monopessoal pode ser descrito como glorioso, fiel e poderoso, mas todas essas características, quando características *desse* Deus, seriam aterrorizantes. Ele é fiel em sua falta de amor? Para que fim ele utiliza seu terrível poder? E o que exatamente é *sua* glória?

O ser triúno de Deus, porém, muda o sabor e o sentido de cada palavra que usamos sobre ele. Sua glória, por exemplo, é inteiramente diferente da glória de qualquer outro Deus, seu poder e justiça, singulares. Na verdade, quando falamos das características de Deus — digamos, sua majestade — e deixamos claros que estamos nos referindo à majestade do Pai, do Filho e do Espírito, então a majestade divina mostra-se muito mais bela do que poderíamos ter percebido de outra maneira. Obviamente, até agora distinguimos a majestade do Deus vivo da majestade dos ídolos.

Pegemos a majestade divina, por exemplo. Se o Deus de Aristóteles, o “Motor Imóvel”, fosse Deus, então sua majestade seria exclusiva e completamente ameaçadora. Aristóteles cria que a perfeição da majestade de Deus significa que tudo o mais está aquém de sua atenção. Por que Deus pensaria sobre outra coisa, quando ele tem sua própria e perfeita majestade para contemplar? Sua majestade significa nossa condenação à irrelevância.

Mas, se Deus é um Deus *expansivo*, se ele é fundamentalmente o Pai vivificador, para quem o “amor ao outro é

central o seu ser”, então sua majestade deve ser expansiva. E é justamente isto que vemos na Escritura: a majestade divina manifesta-se quando ele parte e age, quando ele salva seu povo e repele o mal da terra. *Sua* majestade é uma majestade de amor. Considere o conflito de imagens no Salmo 113:

Quem é semelhante ao SENHOR, nosso Deus, que se assenta nas alturas, que se inclina para ver o que está no céu e na terra? Do pó levanta o pobre, e da miséria ergue o necessitado (Sl 113.5-7).

Khaled Anatolios comenta: “Compaixão pelo humilde, em vez de contemplação narcisista, é característica própria da majestade divina nas Escrituras hebraicas”.^[66] Na verdade, essas demonstrações de compaixão são as aplicações da eterna majestade do Pai em amor ao Filho.

Pelo restante do capítulo, gostaria de observar como o ser triúno de Deus molda algumas palavras que usamos a seu respeito. Ou seja, observar algumas das diferenças que a Trindade promove na maneira como pensamos sobre Deus. E, ao longo de todo esse processo, buscaremos em especial o auxílio de Jonathan Edwards: venho descobrindo que, nesta área, como em muitas outras, ele é singularmente perspicaz, claro e útil. Contudo, como usamos um monte de palavras para descrever Deus, e não quero transformar este livro em um monstro pesado, teremos apenas um aperitivo, por assim dizer, e examinaremos três áreas fundamentais: a santidade, a ira e a glória de Deus. Como a Trindade as ilumina e define?

A mais elevada beleza

Primeiro: a santidade de Deus. “Essa não...”, você pode suspirar — e eu entendo, pois, sem a Trindade, a santidade de fato cheira à naftalina e parece uma matrona vitoriana administrando óleo de rícino. E muito do que se passa por santidade tem apenas aquela aura em seu redor: apenas rigor e moralismo. As pessoas até dizem coisas como “Sim, Deus é amoroso, mas *também* é santo” — como se santidade fosse algo sem amor, o lado frio de Deus que o impede de ser amoroso *demais*.

Bobagem! Disparate! Ou pelo menos é caso você fale sobre a santidade de Pai, Filho e Espírito. Não, disse Jonathan Edwards,

Santidade é algo muito lindo e amável. Desde a infância, os homens são inclinados a sorver de estranhos conceitos de santidade, como se ela fosse algo melancólico, moroso, amargo e desagradável; mas nela não há nada além de doçura e amabilidade arrebatadora. Esta é a mais elevada beleza e amabilidade, consideravelmente acima de todas as outras belezas; esta é a beleza divina.^[67]

O que é santidade, então? As palavras usadas para descrever a santidade na Bíblia têm o significado básico de ser “separado”. Mas aqui nossos problemas começam, porque naturalmente penso que sou amável. Assim, se Deus está “separado” de mim, presumo que o problema esteja nele (e posso fazer tudo isso da forma mais sutil e subconsciente). Sua santidade parece mais uma rejeição pedante da minha alegre e saudável amabilidade.

Arrisco-me a acabar com minha alegria? Preciso, pois a verdade é que sou frio, egoísta e perverso, cheio de trevas e sujeira. Deus é santo — “separado” de mim — precisamente por *não* ser assim. Ele não está separado de nós por pedantismo, mas pelo fato de não existirem nele esses traços repulsivos como há em nós. “Deus é Deus”, escreveu Edwards, “e distinto de [isto é, separado de] todos os outros seres, e exaltado acima deles, *principalmente por sua divina beleza*” (para a conexão entre santidade e beleza, cf. versículos como Sl 96.9).^[68]

Já a santidade do deus monopessoal seria algo bem diferente. Ela significaria seu *afastamento dos outros*. Em outras palavras, sua santidade consistiria apenas no distanciamento indiferente. Mas, a santidade do Pai, Filho e Espírito gira em torno do amor. Considerando quem esse Deus é, deve ser assim. Edwards mais uma vez:

Tanto a santidade quanto a felicidade da Divindade consistem nesse amor. Como já provamos, toda a santidade da criatura consiste essencial e sumamente no amor a Deus e amor às outras criaturas; *da mesma forma, a santidade de Deus consiste em seu*

amor, especialmente na perfeita e íntima união e amor entre o Pai e o Filho.^[69]

A santidade do Deus triúno é a perfeição, a beleza e a pureza absoluta do amor entre o Pai e o Filho. Não há nada contaminado ou abusivo no amor desse Deus — *portanto*, ele é santo. Meu amor é, por natureza, integralmente perverso e mal-orientado; mas seu amor é separado do meu em perfeição. Assim, a santidade do Deus triúno não reprime ou esfria seu amor; sua santidade é o esplendor e a imaculabilidade de seu amor transbordante.

Tudo isso afeta bastante o que significa para o crente ser santo e piedoso — em outras palavras, significa ser *como* Deus. Ser como outro deus seria completamente diferente. Se Deus fosse um ser curvado sobre si mesmo, então, para ser como ele, também eu deveria ser assim. Se o deus eternamente introspectivo de Aristóteles fosse Deus, então eu seria chamado para olhar bastante para meu umbigo. Afinal, o que pensamos sobre os atributos de Deus deve moldar nossa piedade, e o que pensamos sobre a piedade revela nossos pensamentos sobre Deus. Assim, o que aconteceria, por exemplo, se o amor e o relacionamento não fossem centrais ao ser de Deus? Então, eles também não chamariam minha atenção enquanto busco crescer à semelhança divina. Esqueça-se dos outros. Se Deus é simples e solitário, seja um eremita. Se Deus é cruel e soberbo, seja cruel e soberbo. Se Deus é o tipo de deus guerreiro, beberrão e sexualizado ao extremo — amado pelos vikings—, seja assim. (Por favor, não seja).

Mas, com esse Deus, não surpreende que os dois maiores mandamentos sejam: “Amarás o Senhor, teu Deus” e “Amai o próximo como a ti mesmo”. Afinal, *isso* é ser como esse Deus — partilhar o amor que Pai e Filho têm um ao outro e, então, transbordar ao mundo esse amor. Ou veja, por exemplo, Levítico 19, em que o Senhor memoravelmente disse: “Sereis santos, porque eu, o SENHOR vosso Deus, sou santo” (v. 2). Com o que a santidade se parece aqui? Significa não voltar-se para ídolos, mas chegar-se ao Senhor com ofertas pacíficas apropriadas (v. 4-8). Isto é, significa comunhão com o Senhor. E significa não ser cruel com o pobre, não mentir, não furtar etc. (v. 10-16) — ou seja, significa “Não odiarás o

teu irmão no coração [...] pelo contrário, amarás o teu próximo como a ti mesmo” (v. 17,18). Amor ao Senhor, amor ao próximo — esse é o coração da santidade e é assim que o povo do Deus triúno pode ser como ele.

A bela e amorosa santidade desse Deus torna a verdadeira piedade ardente, atraente e deliciosa. Ela não envolve tornar-se mais mesquinho e tacanho, pois esse Deus não é mesquinho e tacanho. Santidade para Deus, disse Edwards, “é como a beleza e doçura da natureza divina”, conseqüentemente, “cristãos que brilham ao refletir a luz do sol da justiça, brilham com o mesmo tipo de esplendor, os mesmos compassivos, doces e agradáveis raios”. [70] E conhecer o Deus que é amor e desfrutá-lo significa, de forma essencial, tornar-se — como ele é — amoroso.

Amados, amemos uns aos outros, porque o amor é de Deus, e todo aquele que ama é nascido de Deus e conhece a Deus. Aquele que não ama não conhece a Deus, porque Deus é amor (1Jo 4.7,8).

Quando o amor encontra o mal

Se a santidade de Deus pode parecer desmotivadora, sua ira pode parecer medonha. E se Deus não fosse triúno, com certeza sua ira realmente seria medonha. Se Deus fosse só o valentão da escola, que deveria ter os desejos atendidos ou se perderá em ataques de fúria insana, então sua cólera seria repulsiva. Todas as suas outras qualidades seriam como nada quando víssemos os olhos vermelhos. Todavia, a ira de Deus é considerada muitas vezes assim. Comentando Romanos 1.18 (“A ira de Deus se revela do céu contra toda impiedade e injustiça dos homens”), Stephen Moore, estudioso do Novo Testamento, escreve “Quase podemos ouvir os ossos se partindo na roda da tortura ao descer sobre o corpo do condenado o poder do soberano ofendido”. [71]

Mas, na verdade, permita-me repetir: *Mas*. Embora esse possa ser o caso com os outros deuses, não é assim com Pai, Filho e Espírito. Com esse Deus, não é como se, às vezes, ele *tivesse*

amor e, às vezes, ele *tivesse* ira, como se esses fossem diferentes humores, e quando ele está sentindo um, não sente o outro. Não. Por toda eternidade, o Pai amou o Filho, mas nem uma vez sequer esteve furioso. Por quê? Porque não havia nada com que estar furioso até que Adão pecasse em Gênesis 3. Assim, a ira de Deus por causa do mal, de Gênesis 3 em diante, é algo *novo*: trata-se da resposta do Deus amoroso ao mal.

Como a santidade de Deus, portanto, a ira não é algo que se sinta constrangido ao lado do amor. Nem é algo desligado do amor. Deus se ira com o mal *porque* ele ama. Isaías fala do derramamento da ira divina com a sua “*estranha obra*”, seu “*estranho feito*” (Is 28.21) porque não é que Deus esteja naturalmente irado, mas que o mal o provoca: em seu amor puro, Deus não pode tolerar o mal. Como pai, isso faz completo sentido para mim: se eu conseguisse ficar de braços cruzados e bocejar enquanto minhas filhas sofrem, isso provaria que não as amo de verdade; mas, precisamente *porque* eu as amo tanto, odeio a sugestão de que algo ruim lhes sobrevenha. Quanto mais com o Pai das luzes, em quem não há treva alguma. O amor cuida, e isso significa que ele não pode ser indiferente ao mal. “O *amor* seja sem fingimento. *Odiai* o mal e apegai-vos ao bem” (Rm 12.9). Somente esse amor é sincero.

O teólogo croata Miroslav Volf descreveu como os horrores do conflito étnico acontecendo ao seu redor foram necessários para que ele apreciasse a bondade da ira de Deus:

Eu costumava pensar que a ira era algo indigno de Deus. Deus não é amor? O amor divino não deveria estar acima da ira? Deus é amor, e Deus ama cada pessoa e cada criatura. Exatamente por isso que Deus está irado com algumas delas. Minha última resistência à ideia da ira divina foi uma casualidade de guerra na antiga Iugoslávia, região de onde venho. De acordo com algumas estimativas, 200 mil pessoas foram mortas e mais de 3 milhões ficaram desabrigadas. *Minhas* vilas e cidades foram destruídas, *meu* povo penou dia sim, dia não, alguns deles brutalizados além da imaginação, e eu não conseguia imaginar Deus sem estar irado. Ou pense na Ruanda, na última década do século passado, onde 800 mil pessoas foram retalhadas até a morte em cem dias! Como Deus reagiria à carnificina? Mimando os perpetradores como um avô? Recusando-se a condenar o banho de sangue,

afirmando a bondade básica dos perpetradores? Deus não estava violentamente irado com eles? Embora eu costumasse reclamar da indecência da ideia da ira de Deus, passei a pensar que eu teria de rebelar-me contra um Deus que *não estivesse* irado diante do mal no mundo. Deus não está irado a despeito de ser amor. Deus está irado *por* ser amor.^[72]

Se Deus não fosse triúno e, portanto, não fosse eternamente amor, sua ira lhe faria parecido com uma criança gigante esperneando, um valentão arrumando briga ou um sultão impiedoso. Pense nas explosões hormonais dos deuses da Grécia e Roma antigas. Mas com o Deus eternamente amor, sua ira deve proceder *desse* amor. Assim, sua ira é santa, separada de nossos acessos temperamentais; é como ele reage ao mal em amor. O Pai ama o Filho, e odeia o pecado, o que, em última análise, significa a rejeição do Filho; ele ama seus filhos e, assim, odeia que sejam oprimidos; ele ama o mundo e, assim, odeia todo o mal nele. Portanto, em amor, ele erradica o pecado do povo, chegando a discipliná-lo para que seja liberto do cativeiro da pecaminosidade. Em seu amor, ele é paciente conosco. E, em seu amor, ele promete destruir por fim todo o mal como a luz destrói as trevas.

A ira do Deus triúno é exatamente o oposto de uma falha de caráter ou de um lado sombrio nele. É a prova da sinceridade de seu amor, *de que ele realmente cuida*. Seu amor não é condescendente e hesitante; é furioso, potente e comprometido. E aqui está nossa esperança: por meio de sua ira, o Deus vivo mostrou-se verdadeiramente amoroso e, mediante sua ira, ele destruirá toda a malícia para que possamos desfrutar dele no mundo purificado, o lar da justiça.

De Sião, perfeito em beleza, Deus refulge

Mas Deus é *realmente* impelido por amor? Depois de tudo o que vimos, isso pode parecer uma questão tola. Deus é amor; ele demonstrou seu amor enviando o Filho; seu desejo era partilhar seu amor ao Filho: qual poderia ser o problema? Entretanto, existem versículos que podem parecer pedras no sapato. Paulo, por exemplo, escreveu que o Pai “nos abençoou com todas as bênçãos

espirituais nas regiões celestiais em Cristo [...] *a fim de sermos para o louvor da sua glória, nós, os que antes havíamos esperado em Cristo*” (Ef 1.3-12). Existira, então, uma motivação mais profunda e, talvez, egoísta em Deus: não amor, mas desejo de aplauso?

Tudo depende do significado da expressão “glória de Deus”. No Antigo Testamento, a palavra para “glória” tem relação com “peso”. Em 1 Samuel 4.18, por exemplo, “Eli caiu da cadeira para trás, perto da porta, e quebrou o pescoço e morreu, porque era velho e *pesado*”. Assim, a glória de algo é sua massa, seu volume, sua dignidade, o que lhe constitui, o que ela significa — de fato, o que a torna *ela mesma*. Talvez a glória de Eli fosse seu estômago. A glória de outra pessoa pode ser seu cérebro, emprego ou visual, se é isso que ela mais valoriza. A glória de um homem que vive por dinheiro é dinheiro — logo,

Não temas quando alguém se enriquece, quando aumenta a *glória* da sua casa. Pois, quando morrer, nada levará consigo; sua *glória* não o acompanhará (Sl 49.16,17).

(A lição é ter uma glória que lhe fará companhia após a morte, como o salmista fez: “Mas Deus resgatará minha vida do poder da morte, pois ele me receberá” [v. 15].)

Tudo isso significa que “glorificar” Deus não pode ser inflá-lo, melhorá-lo ou ampliá-lo. Isso com certeza é impossível para o Deus que já supersobejante e transbordante de vida. Pelo contrário, quando damos glória a Deus, apenas lhe atribuímos o que já é dele, declarando-o como realmente é. “Tributai ao SENHOR a glória *devida ao seu nome*”, disse Davi (Sl 29.2).

Então, o que é a glória desse Deus, o Deus triúno? Como ela é? Ela será, é claro, radicalmente diferente do tipo de glória de qualquer outro deus. Esse Deus simplesmente em nada se parece com os outros. A resposta é surpreendente: Ezequiel 1 fala da glória de Deus em termos tanto de uma pessoa *quanto* de luz/resplendor/brilho. Ezequiel escreve sobre como, junto ao rio Quebar, ele viu um trono aproximando-se, carregado por quatro seres viventes. Sobre o trono “estava sentado alguém que parecia um homem” e

da cintura para cima, parecia um metal brilhante, cheio de fogo; e, da cintura para baixo, vi como um fogo que brilhava ao seu redor. O aspecto do brilho ao seu redor era como o aspecto do arco nas nuvens, em dia de chuva. *Essa era a aparência da glória do SENHOR* (Ez 1.26-28).

A aparência da glória assemelha-se a um homem e uma luz radiante.

Primeiramente, *a luz*. Você não esperaria que o peso de Deus fosse descrito como semelhante à luz, mas Ezequiel está simplesmente relatando algo visto por toda a Bíblia: que a glória de Deus — sua natureza e caráter — é como uma luz pura e ofuscante resplandecendo e irradiando-se. Aqui estão apenas alguns exemplos:

Então a glória do SENHOR se levantou de sobre o querubim e passou para a entrada do templo; e o templo encheu-se de uma nuvem, e o pátio se encheu *do resplendor da glória* do SENHOR (Ez 10.4).

E vi a glória do Deus de Israel vindo do oriente; e o seu som parecia o som de muitas águas, e a terra *resplandecia com a sua glória* (Ez 43.2).

Levanta-te, resplandece, porque é chegada a tua luz, e a glória do SENHOR nasceu sobre ti. Pois as trevas cobrirão a terra, e a escuridão cobrirá os povos; mas *o SENHOR resplandecerá sobre ti, e sobre ti se verá a sua glória* (Is 60.1,2).

No Salmo 19, diz-se que os céus “proclamam a glória de Deus... Mas sua voz se faz ouvir por toda a terra, e suas palavras, até os confins do mundo”. Então, o salmista especifica: “Ali pôs uma tenda para o sol, que como um noivo sai do seu aposento, e como herói se alegra, a percorrer o seu caminho. Sai de uma extremidade dos céus e percorre até a outra extremidade; nada se esconde do seu calor”. Assim como a glória do Senhor nasce e brilha, dispersando as densas trevas, o sol nasce e brilha para preencher os céus e a terra com uma prévia dessa glória.

Naquela mesma região, havia pastores que estavam no campo, à noite, tomando conta do rebanho. E um anjo do Senhor apareceu diante deles, e *a glória do Senhor os cercou de resplendor*; e ficaram com muito medo (Lc 2.8,9).

Na transfiguração de Jesus, Pedro e seus companheiros “viram a sua glória” (Lc 9.32). E qual era a aparência dela? “O seu rosto resplandeceu como o sol, e suas roupas tornaram-se brancas como a luz” (Mt 17.2).

A cidade não necessita nem do sol, nem da lua, para que nela brilhem, *pois a glória de Deus a ilumina*, e o Cordeiro é a sua lâmpada. (Ap 21.23)

Assim, a glória de Deus é como luz radiante, brilhante, iluminando e concedendo vida. É assim que o ser e o peso de Deus são em seu íntimo: ele é um sol de luz, vida e calor, sempre brilhante. Como o Pai provê vida e ser ao Filho, como o Pai e o Filho sopram o Espírito, o Espírito sopra vida ao mundo. A glória desse Deus é radiante e visível. Como o sol dá de sua luz e calor, esse Deus se gloria em dar-se. Assim, escreveu Jonathan Edwards:

O que Deus tem em vista não é (seja na manifestação de sua glória ao entendimento, seja na comunicação ao coração) que ele possa receber, mas que ele [possa] exteriorizar-se: o fim principal de seu brilho não é que ele tenha seus raios refletidos de volta a si, mas que os raios se mostrem.^[73]

Em outras palavras, a bela glória do Deus triúno é radiante, autossacrificante e amável. Por isso, comentando sobre a glória de Ezequiel 1 e sua contraparte neotestamentária, Apocalipse 4 e 5, Edwards disse:

Na revelação do evangelho, Cristo aparece vestido com amor, como se estivesse assentado sobre um trono de misericórdia e graça, um assento de amor envolvido com aprazíveis raios de amor. O amor é a luz e a glória encontradas à volta do trono em que Deus se senta [...] a luz e a glória com a qual Deus parece cingido no evangelho é de modo especial a glória de seu amor e graça pactual.^[74]

Assim, a ideia de que a glória de Deus seja algo diferente em Deus, em conflito com seu amor, é um completo equívoco. Sua glória não significa tomar, mas dar. “O amor é a luz e a glória encontradas à volta do trono em que Deus se senta”. John Owen escreveu que Deus “glorifica a si próprio *na comunicação de toda*

boa dádiva".^[75] De fato — e, particularmente, na comunicação dele mesmo, ao compartilhar-se.

Mas, espere um momento: no êxodo, Deus glorifica a si mesmo *julgando* o Egito; “a aparência da glória do SENHOR [...] era como fogo que consome” (Êx 24.17). Esse parece ser um tipo bem diferente de glória. Na verdade, não. Uma das coisas mais amáveis na luz é que ela bane e triunfa sobre as trevas. Certa vez, Jonathan Edwards estava pregando sobre Cristo como o sol da justiça a partir desta passagem, o começo de Malaquias 4:

Diz o SENHOR dos Exércitos: Aquele dia virá, abrasador como fornalha; todos os presunçosos e todos os que cometem maldade serão como palha; e o dia que virá os queimará, não sobrá raiz nem ramo. Mas para vós, os que temeis o meu nome, nascerá o sol da justiça, trazendo cura nas suas asas (Ml 4.1,2).

A principal lição que Edwards tirou disso foi que “aquele mesmo sol espiritual, cujos raios são os mais agradáveis e benéficos para os crentes, queimará e destruirá os incrédulos”.^[76] É a mesma luz, a mesma glória. Mas a própria glória — a fragrância de vida para alguns — é odor de morte para outros. O propósito de Deus é imperscrutavelmente amável: por fim, ele espalhará de tal modo sua vida, ser e bondade que ele será tudo em todos; por fim, ele cobrirá o universo com a luz de sua maravilhosa glória. Ele é todo luz — mas isso é terrível para quem ama as trevas.

A glória do Senhor estava ali

A glória de Deus é como a luz radiante; mas, em Ezequiel 1, a aparência da glória também é semelhante a um homem (v. tb. Ez 3.23). Ou, como Hebreus 1.3 expressa: “O Filho é o resplendor da glória de Deus”. Essa, na verdade, é a razão de a glória de Deus irradiar-se e se exteriorizar: por ser trinitária. O Filho — a luz do mundo — é o esplendor do Pai, o brilho da radiante glória do Pai. Como tal, Jesus é a glória e o peso de Deus: ele *vem* do Pai precisamente para nos mostrar com exatidão como é o ser do Pai. E, como viu Ezequiel, semelhante a seu Pai, ele é radiante. De fato, o Filho é o resplendor do Pai.

Ora, quando percebemos que Jesus é o resplendor da glória de Deus, fica impossível pensar que a glória de Deus envolva algo além do amor. Por meio de Jesus, o Pai nos mostra seu íntimo — sob a forma de um servo, morrendo para dar-nos vida. É *quando* Jesus vem a nós do céu, fazendo-se nada, que sua glória se manifesta: “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, pleno de graça e de verdade; e vimos a sua glória, como a glória do unigênito do Pai” (Jo 1.14). Por intermédio de Jesus, não se vê uma orgulhosa glória divina, mas a glória de humildade e bondade inexprimíveis.

Pense em como Jesus mostra sua glória. Nas bodas de Caná, ele “manifestou sua glória” (Jo 2.11). Como? Transformando água no melhor vinho. Então, ele é “glorificado” ao ressuscitar Lázaro dos mortos (Jo 11.). Mas, não é como se Jesus fizesse essas coisas para tornar-se uma celebridade, tipo um mágico itinerante. O fato é que, por meio dessas coisas, ele mostrava-se compassivo, com a capacidade de curar, trazer vida e rico sobejamento. Assim, o Espírito o “glorificará”, ele diz, porque “receberá do que é meu e o anunciará a vós” (Jo 16.14). Ele compartilha, é frutífero e torna seus discípulos frutíferos — e, nisso, seu Pai também “é glorificado” (Jo 15.8). Ele é revelado como frutífero.

Mas tudo isso é apenas o prelúdio da “hora” de sua glorificação. Em João 12, Jesus anuncia que “chegou a hora de ser glorificado o Filho do homem”. O que ele quer dizer?

Em verdade, em verdade vos digo: Se o grão de trigo não cair na terra e não morrer, ficará só; mas, se morrer, dará muito fruto. [...] Chegou a hora do julgamento deste mundo, e o seu príncipe será expulso agora. E eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a mim. Ele dizia isso referindo-se ao modo pelo qual morreria (Jo 12.23-33).

Jesus é a glória de seu Pai, irradiando do Pai e nos iluminando com perfeição para enxergarmos como o Pai é em realidade. Agora, o próprio Jesus deve ser glorificado. Ou seja, agora veremos a manifestação do mais profundo de seu ser e peso. E com o que ele se parece? Com uma semente que morre para dar fruto. Pois ele falava da sua morte. Supreendentemente, o momento em que Jesus alcança o ponto mais baixo de sua humilhação, na

cruz, é o momento em que ele é glorificado e mais claramente testemunhamos quem ele é. Na cruz, vemos a glorificação da glória de Deus, a mais íntima revelação do próprio coração de Deus — e tudo gira em torno da entrega da própria vida para dar vida, para dar frutos. João Calvino, o reformador, escreveu:

na cruz de Cristo, como um teatro magnificente, a inestimável bondade de Deus é manifesta diante do mundo todo. Em todas as criaturas, com efeito, tanto grandes quanto pequenas, a glória de Deus brilha, mas em lugar algum brilhou mais luminosamente que na cruz. [\[77\]](#)

Aqui está uma glória que nenhum outro Deus desejaria. Outros deuses *precisam* de adoração, serviço e sustento. Mas esse Deus não precisa de nada. Ele tem vida em si mesmo — e tanta que ele transborda. Sua glória é inestimavelmente boa, supersobejante, autossacrificial.

“Deus está morto”

Em 1882, Friedrich Nietzsche anunciou de forma resoluta a morte de Deus. Com isso, ele queria dizer que a crença em Deus simplesmente não era mais viável. Sua intenção era que isso se tornasse o fim da fé. Na realidade, porém, “Deus está morto” é onde a verdadeira fé começa. Na cruz, Cristo, a Glória, condena à morte todas as falsas ideias sobre Deus; e, ao clamar a seu Pai e oferecer-se pelo Espírito (Hb 9.14), dando seu último suspiro, ele revela um Deus além da nossa imaginação.

Através da cruz, vemos o Deus infinitamente melhor. Ali, nós não vemos um Deus que não se importa com nossa situação; vemos um Deus que lida pessoalmente com a raiz disso tudo. O deus babilônico Marduque disse desejar a existência da humanidade como sua escrava. Jesus disse que “não veio para ser servido, mas para servir e para dar a vida em resgate de muitos” (Mc 10.45).

Assim, chegamos aonde começamos: Jesus Cristo como o caminho iluminado para o conhecimento do verdadeiro Deus. Como

o glorioso Filho ungido pelo Espírito, ele revela o Pai. Revela que Deus é Pai, Filho e Espírito — e, assim, revela o único Deus que é amor e nos manifesta a verdadeira glória desse amor na cruz. Nele, vemos o Deus muito acima dos chatos e tiranos que todos nos apressamos em rejeitar. Nele, vemos o bom Deus. E quão bom ele é!

Conclusão: Não há outra escolha

Como é sua vida cristã? Como é seu evangelho, sua fé? Afinal, tudo dependerá de como você pensa que Deus é. Quem Deus é governa tudo. Então, qual é o problema humano? É apenas que nos desviamos de um código moral? Ou é algo pior: que nos desviamos dele? O que é salvação? É só que sejamos reconduzidos como cidadãos cumpridores da lei? Ou é algo melhor: que sejamos reconduzidos como *filhos amados*? Do que trata a vida cristã? Mero comportamento? Ou algo mais profundo: *desfrutar* Deus? É assim que nossas igrejas, nossos casamentos, nossos relacionamentos, nossa missão serão: todos serão moldados da forma mais profunda pelo que pensamos sobre Deus.

No início do século IV, Ário voltou-se para um Deus pré-cozido, semipronto, em sua mente. Ignorando o caminho, a verdade e a vida, ele definiu Deus *sem o Filho*, e as consequências foram catastróficas: sem o Filho, Deus não poderia ser um Pai de verdade; sozinho, então, ele não é verdadeiramente amor. Assim, ele não poderia ter qualquer comunhão para dividir conosco, nenhum Filho para nos aproximar dele, nenhum Espírito por meio de quem pudéssemos conhecê-lo. Ário foi deixado com um mingau bem agulado: uma vida de esforço autossuficiente sob o olho que tudo vê desse Deus distante e indiferente.

A tragédia é que todos nós pensamos como Ário todos os dias. Pensamos em Deus sem o Filho. Pensamos em “Deus”, e não no Pai do Filho. Partindo daí, porém, não demora muito até descobrir que *você* é muito mais interessante que esse Deus. E, se você pudesse se enxergar, perceberia que está rapidamente tornando-se como esse Deus: completamente ensimesmado e infrutífero. O teólogo russo do século XX, Vladimir Lossky, expressou-se assim:

Se rejeitarmos a Trindade como a única base de toda a realidade e todo o pensamento, estaremos comprometidos com uma estrada conducente a lugar nenhum; terminaremos em aporia [desespero], em loucura, em desintegração do nosso ser, em

morte espiritual. Entre a Trindade e o inferno não há outra opção.
[78]

Entretanto, começando com Jesus, Atanásio descobriu o Deus que não poderia ser mais diferente do Deus de Ário. Não foi como se ele tivesse descoberto as letras miúdas em sua descrição de Deus (“a Trindade”): Atanásio tinha o Deus de amor, o Pai bondoso que nos atrai para partilhar do seu eterno amor e comunhão.

A escolha permanece: que Deus nós teremos? Que Deus proclamaremos? Sem o Filho Jesus, não podemos conhecer Deus como o Pai verdadeiramente amoroso. Sem o Filho Jesus, não podemos conhecê-lo como *nosso* Pai amoroso. Mas, como Lutero descobriu, por meio de Jesus, podemos saber que Deus é Pai, e “sentirmos e vermos nisso seu coração paterno e seu imenso amor para conosco. Isto aqueceria o coração e o estimularia a ser grato”.
[79] Sim, aqueceria e estimularia. E mais: motivaria uma reforma.

[1] *Amida-butsu*, o “Buda Amida”, é a versão japonesa do termo sânscrito *Amitābha*. Trata-se de uma corrente budista ligada à Escola Maaiana e disseminada no Tibete e extremo Oriente (em especial, China, Vietnã, Coreia e Japão). [N. do R.]

[2] De acordo com o *Dicionário Houaiss* [versão eletrônica], o nirvana é “a extinção definitiva do sofrimento humano alcançada por meio da supressão do desejo e da consciência individual”. [N. do R.]

[3] Guerreiro agressivo e leal ao deus Odin, parte da mitologia nórdica. [N. do T.]

[4] *An Nissá* (4.^a Surata), 171, in: *O significado dos versículos do Alcorão sagrado com comentários*, trad. Samir El Hayek, São Paulo: MarsaM Editora, 11. ed., 2001, p. 138.

[5] *Op. cit.*, *Al ikhllass* (112.^a Surata), p. 775; ênfase acrescentada.

[6] *Dogmatics in Outline*, transl. G. T. Thompson, London: SCM, 1949, p. 48.

[7] *Contra os arianos*, 1.34.

[8] *Institutas*, 1.14.2,22.

[9] James Miller, *The Passion of Michel Foucault* (New York: Simon & Schuster, 1993), p. 366.

[10] *Nicene and Post-Nicene Fathers, 2nd series*, vol. V, p. 338.

- [11] *The Works of Jonathan Edwards* [obra daqui em diante identificada pelas iniciais, WJE] (New Haven & London: Yale University Press, 1957-2008), vol. 21, p. 135, 187.
- [12] *On the Trinity*, 4.4; 9.61; 5.35
- [13] *Institutas*, 1.13.2.
- [14] *Church Dogmatics III/1*, p. 50.
- [15] Os teólogos passariam a usar o vocábulo *hipóstase* para se referir individualmente a Pai, Filho e Espírito. O objetivo da expressão é vital: não há nada além e mais básico em Deus que ser Pai, Filho e Espírito. Não há “Deus” ou “substância divina” por trás deles ou de onde eles emergiram.
- [16] Glasgow: Collins, 1942, p. 45-6.
- [17] Como exemplo do contraste, compare, em 1 Pedro 5, a forma como Deus é mencionado no v. 7 e o diabo, no v. 8. Podemos lançar fora toda ansiedade porque ele cuida de nós (v. 7), enquanto o diabo está buscando a quem devorar (v. 8).
- [18] WJE, vol. 8, p. 459.
- [19] WJE vol. 8, p. 448.
- [20] *Works of Richard Sibbes*, vol. 6, p. 113.
- [21] *Ibid.*, vol. 6, p. 113.
- [22] *Ibid.*, vol. 6, p. 113 .
- [23] ‘God’s Grandeur’, em *Poems of Gerard Manley Hopkins* (London: OUP, 1930), p.7. Tradução: Augusto de Campos. Disponível em http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2338&secao=282&limitstart=9
- [24] *The Revival of Religious Studies*, vol. 6, book 36, transl. Reza Shah-Kazemi.
- [25] Para ser exato, o “gnosticismo” era, na realidade, um apanhado de pequenas seitas desconectadas, de forma que não podemos realmente dizer que elas acreditavam no “gnosticismo”. Mas, esta é uma tentativa de descrever o que pelo menos era um padrão bem comum.
- [26] *The Gospel of Thomas*, logia 114, em J. M. Robinson, ed., *The Nag Hammadi Library*, 3rd edition (San Francisco: Harper & Row, 1988), p. 139, v. tb. logia 22.
- [27] *Collected Letters: Books, Broadcasts, and War, 1931-1949*, New York: HarperCollins, 2004, p. 930.
- [28] *Contra os gentios*, 42.

- [29] *Works of Jonathan Edwards*, 26 volumes, (New Haven & London: Yale University Press, 1957-2008), vol. 13, p. 329, 331.
- [30] *Church Dogmatics II/1*, p. 661.
- [31] *Works*, vol. 1, p. 144.
- [32] *Works of Jonathan Edwards*, 26 volumes (New Haven & London: Yale University Press, 1957-2008), vol. 21, p. 171.
- [33] *Paraíso perdido*, livro IV.460-466. Tradução de Antônio José de Lima Leitão.
- [34] *Catecismo de Heidelberg*, pergunta 32.
- [35] *O conhecimento de Deus*, São Paulo: Mundo Cristão, 1996, p. 242-3.
- [36] *Luther's Works*, vol. 34, p. 336-7.
- [37] *Livro de Concórdia*. São Leopoldo: Sinodal; Canoas : Ulbra; Porto Alegre : Concórdia, 2006. p. 456.
- [38] *Ibid.*, p. 449.
- [39] *Institutas*, 2.2.18.
- [40] Sermon # 2899, *Metropolitan Tabernacle Pulpit*, London: Passmore & Alabaster, 1904, vol. 50, p. 431.
- [41] *Livro de Concórdia*. São Leopoldo: Sinodal; Canoas: Ulbra; Porto Alegre: Concórdia, 2006. p. 371.
- [42] "A Prologue upon the Epistle of St Paul to the Romans", em *The Works of William Tyndale*, Edinburgh & Carlisle, PA.: Banner of Truth, 2010, vol. 1, p. 489.
- [43] *The Works of Thomas Goodwin*, Edinburgh: James Nichol, 1861, vol. 1, p. 46, ênfase acrescentada.
- [44] Em inglês, a frase é um acróstico que forma a palavra GRACE [**G**od's **R**iches **A**t **C**hrist's **E**xpense']. [N. do T.]
- [45] *The Person and Work of The Holy Spirit*, New York: Fleming H. Revell, 1910, p. 15.
- [46] P. 499.
- [47] *The Works of Jonathan Edwards*, New Haven & London: Yale University Press, 1957-2008, vol. 8, p. 386.
- [48] *Works of Richard Sibbes*, vol. 1, p. 14.
- [49] *Morning and Evening*, Morning, June 28.
- [50] *Works of John Owen*, vol. 1, p. 146.
- [51] WJE, vol. 21, p. 191.

- [52] *Comunhão com o Deus Trino: o caminho para um relacionamento vital com o Senhor*, São Paulo: Cultura Cristã, 2010, p. 97.
- [53] *Ibid.*, p. 82.
- [54] *Ibid.*, p. 292.
- [55] *Ibid.*, p. 285.
- [56] WJE vol. 2, p. 95.
- [57] WJE vol. 21, p. 172.
- [58] *Catecismo de Heidelberg*, pergunta 92.
- [59] *The Expulsive Power of a New Affection*, no original. [N. do E.]
- [60] *The Works of Thomas Chalmers*, Bridgeport: M. Sherman, 1829, vol. 3, p. 64.
- [61] *Works*, vol. 6, p. 388.
- [62] Christopher Eric Hitchens (1949-2011) foi jornalista, polemista e autor anglo-americano. Suas obras foram muito divulgadas no Brasil. [N. do R.]
- [63] *Church Dogmatics*, vol. II/1, p. 661.
- [64] *The Christian Faith: An Introduction to Christian Doctrine*, Oxford: Blackwell, 2001, p. 188.
- [65] *Institutas*, 1.11.8.
- [66] *Athanasius: The Coherence of his Thought*, London & New York: Routledge, 1998, p. 14.
- [67] WJE vol. 10, p. 478.
- [68] WJE vol. 2, p. 298, ênfase acrescentada.
- [69] WJE vol. 21, p. 186, ênfase acrescentada.
- [70] WJE vol. 2, p. 201, 347.
- [71] *God's Gym*, New York & London: Routledge, 1996, p. 17.
- [72] *Free of Charge: Giving and Forgiving in a Culture Stripped of Grace*, Grand Rapids: Zondervan, 2006, p. 138-9.
- [73] WJE vol. 13, p. 496.
- [74] WJE vol. 8, p. 145.
- [75] *Works of John Owen*, vol. 23, p. 99, ênfase acrescentada.
- [76] WJE vol.22, p. 52.
- [77] Comentário sobre João 13.31.
- [78] *The Mystical Theology of the Eastern Church*, Cambridge: James Clarke & Co., 1957, p. 66.

[79] *Livro de Concórdia*, p. 449.